EDIÇÃO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO 100 PÁGINAS

SHOWBIZZ

ANO 15 Nº 8 AGOSTO 1999

www.uol.com.br/showbizz

Como o rock marcou o século 20

...os anos sem RAUL SEIXAS • Dossiê completo: SAMBA-ROCK, ...bom negro que deu voz à periferia • Jamiroquai • R.E.M.

Abril

ACTION TEAM

MOVIDO A ENERGIA

PARA MELHOR APROVEITAMENTO DAS MANOBRAS AUMENTAR A DOSE DE ENERGIA.

ISTO É APENAS UMA DRAMATIZAÇÃO, VOCÊ NÃO VAI ENCONTRAR NENHUM SER HUMANO ENCOLHIDO SENDO VENDIDO POR AÍ.

ACTION

Editorial & Sumário

Foi duro deixar gente de fora desta seleção de nomes para a capa, mas... Aí vai, da esquerda para a direita, de cima para baixo: Chuck Berry1, Elvis Presley2, Mick Jagger3, John Lennon4, Jimi Hendrix5, Jim Morrison6, Bob Dylan7 (encoberto), Janis Joplin8, David Bowie9, Johnny Rotten10, Bob Marley11, Marvin Gaye12, Madonna13, Bono Vox 14, Morrissey15, Ozzy Osbourne16 e Kurt Cobain17

SHOWBIZZ chega a seu décimo quarto aniversário passando em revista o século do rock. O ritmo que embalou as principais transformações da História recente chegou apenas em 1955, mas, como bem escreve o jornalista Roberto Mugiatti, em seu artigo "Ecos da Era do Rock", precisou apenas de catorze anos para botar as coisas de pernas pro ar. Outro ilustre colaborador convidado para festejar conosco nesta edição é José Augusto Lemos, que trabalhou na BIZZ entre 1985 e 1993, comandando a redação na maior parte desse período.

Em outra grande reportagem deste número, tentamos fazer justiça a um gênero musical, o samba-rock ou suingue, que deu voz à periferia no fim dos anos 60 e durante toda a década de 70. Nessa jornada, capitaneada por nosso colaborador Sergio Barbo, localizamos vários músicos brasileiros injustamente afastados da mídia e nos surpreendemos com o escasso reconhecimento que esse som obteve. A grande maioria de seus expoentes não tem direito a verbete na preconceituosa *Enciclopédia da Música Brasileira* (Art Editora/Publifolha) e há enciclopédias especializadas em samba com quarenta fascículos e nenhuma linha sobre o assunto!

No mais, são 100 páginas para você tomar um porre de informação.

Aquele abraço,

Pedro Só

Parada da redação

Esta edição foi fechada ao som de...

Bebeto – *Preferência Nacional*
O balanço irresistível do homem das mil musas negras em clássicos como "A Beleza É Você, Menina".

Belle & Sebastian – *Dog On Wheels*
EP do cultuadíssimo octeto escocês que faz a alegria de viúvas dos Smiths. E que em breve poderá finalmente ter seus discos lançados no Brasil.

Red Hot Chili Peppers – *Californication*
A volta de John Frusciante trouxe paz e melodia à banda. Nunca Anthony Kiedis cantou tão bem.

Jorge Veiga – *O Melhor De Jorge Veiga*
Impossível esquecer o "caricaturista do samba", morto em 29 de junho de 1979, há vinte anos. Este CD, de 1975, não é seu melhor, mas vale por uma aula de suingue.

22 O rock e o século 20
Dois artigos discutem música e transformações no mundo

30 Dez anos sem Raul Seixas
Imagens e histórias para lembrar um nome fundamental do nosso rock

38 Rage Against The Machine
Depois de muita política, enfim, música

40 Lobão, uma voz e um violão
Independente e contra a geração 80

44 Boi-bumbá, a festa do milênio
Êxtase coletivo com sons amazônicos

48 Wilson Sideral, o fácil
O irmão mais doidinho de Rogério, do Jota Quest

50 Mark Sandman, o adeus do boêmio
O legado do líder do Morphine

52 Samba-rock, o tiozinho do hip-hop
Conheça os grandes músicos que fizeram e fazem o cultuado som da periferia nos anos 70

62 Retrato de um plaboy
O contraditório e talentoso Jay Kay, líder do Jamiroquai

64 Michael Stipe, o esquivo
Conversa com o líder do R.E.M.

66 Dennis Brown, uma tragédia
Mais um astro sucumbe à convulsão social na Jamaica

sempre em showbizz

6 CARTAS
Skank e Lô Borges emocionam Minas

8 SHOWBIZZ RESPONDE
O fim do Verve; ficha do Blur

10 BIZZES
Johnny Ramone no ventilador; o Video Music Brasil '99

68 DEZ DISCOS
Para você entender o metal melódico

70 MINHA COLEÇÃO
Volta ao mundo sonoro do jornalista Zeca Camargo

72 DEMOCRACIA
The Maybees, culto underground

74 DISCOS
Pedro Luís & A Parede, Gay Dad, Suede, Texas

86 AO VIVO
Pavilhão 9, Lulu Santos

88 TESTE
Você é realmente um CDmaníaco?

90 LETRA TRADUZIDA
"Fly Away", de Lenny Kravitz

92 ENTRE LEITORES

94 PARADA CROWLEY

95 EQUIPAMENTOS DE SOM
Tudo para gravar CDs em casa

96 INSTRUMENTOS MUSICAIS
O baixo de Champignon, do Charlie Brown Jr.

98 DISCOTECA BÁSICA
Reign In Blood, do Slayer, por Gastão Moreira

M&M's®
O Chocolate Oficial do Ano 2000. Agora recheado de prêmios.

©1999 Mars, Inc.

www.m-msbrasil.com.br

Promoção M&M's® 2000. Achou, Ganhou.

2000 prêmios de R$ 100,00*

2000 mochilas

2000 relógios

2000 agendas

2000 personagens M&M's® de pelúcia

"O CHOCOLATE QUE DERRETE NA SUA BOCA E NÃO NA SUA MÃO."®

Promoção válida de 24/05/99 até 15/11/99. Os prêmios poderão variar após 30/06/2000. CAMU nº 08166/98. Promoção válida para todo o território nacional. * Em títulos de Previdência Privada

Cartas

Lô Borges e Samuel Rosa, inesquecíveis

Bom demaisss...

Inesquecível. O Palácio das Artes lotado. Eu na segunda fila batia papo com uma menina de uns 16 anos, de camisa do fã-clube do Skank e histérica por ter visto o Haroldo no hall de entrada. As luzes se apagam e entram Samuel e Lô, cada um por um lado do palco, duelando em "O Beijo E A Reza". A platéia aplaude e canta baixinho. Samuel cumprimenta, mineiramente: "Ô gente, que bom que cês vieram". Felizes como nunca, os dois desfilaram belas canções, como "Te Ver", "Tanto", "Tão Seu", "Equatorial", "Clube Da Esquina 2", "Um Girassol Da Cor Dos Seus Cabelos" e "Resposta". O show, que contou com participações de Chico Amaral e dos rapazes do Uakti na percussão, virou festa com "Saideira", quando Samuca pulou do palco e foi ao encontro do povo. No fim, todo mundo já subindo a rampa, ele volta: "Ah, não, vamos fazer mais uma. Isso aqui tá bom demais". O que mais me emocionava era ver a troca de confidências de ambos, o clima de família, de irmandade... A música de Lô, que Samuel continuou nos anos 90. Saí cheia de orgulho de ser mineira e de saber que tudo vale a pena se for feito com amor e poesia.
Roberta de Oliveira - Belo Horizonte, MG

Charlie Brown Jr.

Simplesmente babei com as duas últimas edições. Vocês acertaram como nunca nas duas últimas capas: Charlie Brown Jr. e Raimundos. O rock brasileiro não morreu, está cada vez mais vivo. Salve também a Nação Zumbi, que segue fazendo boa música brasileira mesmo sem o querido Chico Science.
Renata Almeida Costa – São Paulo, SP

Do c***

A edição 168 está do c***! Rock galês (nunca esperava encontrar Super Furry Animals na revista), Frank Black, fundamentais do techno (essa seção 10 Discos para... é de f**), e, finalmente, uma matéria sobre vinil e sebo. Nas resenhas, Flaming Lips, Catatonia e Chacrinha, do c***. Excelente abrir um enorme boxe para o Fantômas e deixar os Chemical Brothers (que são muito legais, mas muito hype) no fundo da página. E fora FHC!
Alexandre Dittrich – Blumenau, SC

Jornalismo-história

Vocês estão de parabéns pelo site. Aproveito para dar os parabéns pelas últimas edições da revista, que, desde a edição de setembro de 1998, vem resgatando, por meio de excelentes reportagens (Jards Macalé, Senhores Tempo Bom, Bezerra Da Silva, Jackson Do Pandeiro etc.), a nossa história musical, que deve ser relembrada sempre. Porém, deixo aqui minha indignação com a indústria fonográfica nacional. A grande maioria dos CDs lançados no exterior recebe uma péssima "roupagem" em nosso país. Só para dar alguns exemplos, o CD de Liam Howlett, lançado por aqui em caixa de acrílico comum, lá fora recebeu uma caixa digna (de papelão, muito bem-feita); a capa do *Psycho Circus*, do Kiss, que saiu lá fora produz um efeito holográfico muito bem elaborado, já o nacional...
Leonardo Aurélio Oliveira, via e-mail

Adorei a matéria sobre o grandioso Jackson Do Pandeiro na edição 167, mas vocês esqueceram de colocar uma merecida foto da banda Cascabulho, que tive o prazer de assistir e conhecer num show do Sesc daqui. Foi simplesmente incrível. Super-recheado de Jackson em seu conteúdo, o show também contou com muito maracatu e com um a belíssima roda de capoeira.
Leonardo de Moura – Garanhuns, PE

Estava tranqüilamente lendo a SHOWBIZZ, que meu filho assina, quando, no artigo sobre o projeto *Música do Brasil*, notei a declaração do seu produtor afirmando que o projeto "é um panorama da música brasileira como nunca foi feito". Peço licença para discordar: foi feito, sim. Por Mário de Andrade nos anos 30, com a dificuldade de se viajar pelo interior do Brasil naquela época, e por Marcus Pereira nos anos 60/70, que resultou numa série maravilhosa de dezesseis LPs. Sugiro que seus nomes sejam lembrados nesse projeto e parabenizo o Sr. Victor Civita Neto e a Abril Produções pelo arrojo do empreendimento.
Dorivaldo Salles de Oliveira - São Paulo, SP
Sua lembrança é boa e pertinente, Dorivaldo. Os levantamentos feitos por Mário de Andrade – e Marcus Pereira, registrado nessa fascinante série de discos que você citou, são maravilhosos. Mas Música do Brasil *conta com a tecnologia atual para registrar imagens em película e o som em gravações com qualidade digital, além de produzir um panorama mais abrangente, já que não se atém às manifestações regionais e folclóricas. Com todo o respeito ao poeta e musicólogo Mário de Andrade e ao pesquisador Marcus Pereira, é diferente.*

Adeus, Radicals

Adorei a matéria com Gregg Alexander, do New Radicals *(ed. 168)*. Precisamos de bandas novas, que estejam com vontade de assumir o rock, que não pode morrer! Vamos acreditar no New Radicals e em outras bandas que podem fazer o futuro do rock, como Goo Goo Dolls, Hole e Semisonic.
Juliana Oliva - São Paulo, SP
É uma pena, Juliana, mas, como você deve saber, o New Radicals não existe mais. Após a longa turnê, Gregg se cansou do show business (ele chegou a se apresentar com um chapéu enterrado na cabeça, nos últimos shows) e vai enveredar pelo mundo da produção. Seu primeiro trabalho será com a cantora Danielle Brisebois.

Justiça aos leopardos

Sempre acompanhei a trajetória da SHOWBIZZ, do começo (incluindo aquela fase em que todos os críticos pareciam viver com caganeira ou algum problema existencial, pois tudo era uma m***) até hoje, particularmente, a fase que mais estou apreciando. Ciente do apoio e cobertura desenvolvidas por vocês com relação aos estilos musicais de minha preferência – hard rock e heavy metal – nas últimas edições, qual não foi minha alegria quando me deparei com uma chamada de capa do Def Leppard e com a resenha de *Euphoria*, dando o devido destaque e respeito à grande banda, que nem em seu auge foi devidamente avaliada pela imprensa musical deste país. Agradeço e faço algumas correções no texto de Bernardo Araujo. A data correta da morte de Steve Clark é janeiro de 1991 e não de 1995, sendo substituído por Vivian Campbell após o lançamento de *Adrenalize*. Entre *Adrenalize* e *Slang* existe um álbum excelente, de b-sides e raridades, chamado *Retroactive*. As vendagens de *Pyromania* já bateram os 12 milhões de cópias e as de *Hysteria* já estão na casa dos 18 milhões.
Fabio Nobre Braz - Belém, PA
Obrigado pelos elogios e pelas correções.

Correções

Os novos CDs de Flaming Lips e Guinga

• Na SHOWBIZZ 168, página 66, uma foto da capa do CD *The Best Of Mano Negra* saiu no lugar em que deveria estar a do elogiado *Suite Leopoldina*, do Guinga. Na resenha do novo disco do Flaming Lips, *The Soft Bulletin*, página 63, saiu reproduzida a capa de *Clouds Taste Metallic*, álbum anterior da banda. Na mesma página, na resenha da trilha sonora de *Austin Powers: The Spy Who Shagged Me*, está escrito que o primeiro filme da série *Austin Powers* não entrou em cartaz no Brasil. No entanto, em São Paulo e em algumas outras cidades do país, o filme passou com o esquecível subtítulo: *000 Um Agente Nada Secreto*.

• Na página 39, o integrante do Jefferson Airplane na foto é a vocalista Grace Slick.

• O nome do primeiro disco de Roberto Carlos é *Louco Por Você*, diferente do que saiu na página 33.

COMO CONTATAR SHOWBIZZ

REDAÇÃO
Cartas e e-mails devem trazer nome completo e endereço do leitor.

Seção CARTAS
Comentários sobre o conteúdo editorial de SHOWBIZZ

SHOWBIZZ RESPONDE
Perguntas, dúvidas, discografias...

ENTRE LEITORES
Fãs-clubes, trocas, vendas e correspondência

E-mail:
showbizz.atleitor@email.abril.com.br
Internet: www.uol.com.br/showbizz
Correio: Caixa Postal 66157
CEP 05315-970
São Paulo, SP
Fax: (011) 3037-4909

ASSINATURAS
Pedidos ou reclamações, mudança de endereço

E-mail:
abrilsac@email.abril.com.br
Tel.: (011) 3990-2112
(Grande São Paulo)
0800-55-2112 *(Outras Cidades)*
Fax: (011) 3990-2100
(de segunda a sexta-feira, das 8 às 20 horas)

Edições Anteriores
Mediante disponibilidade de estoque (de segunda a sexta-feira, das 8 às 22 horas)

E-mail:
abril.na@email.abril.com.br
Tel.: (011) 3990-2200 /
Fax: (011) 3990-2233

PUBLICIDADE
Tel.: (011) 3870-6860 / **Fax:** (011) 3870-4909
Internet: www.publiabril.com.br

EDITORA Abril
Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE E DIRETOR EDITORIAL: Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTE E EXECUTIVO: Luiz Gabriel Rico
VICE-PRESIDENTE DE OPERAÇÕES: Gilberto Fischel

DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL: Celso Nucci Filho
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E CONTROLE: Celso Tomanik
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Marcel Caig
SECRETÁRIO EDITORIAL: Eugênio Bucci
DIRETOR DE SERVIÇOS EDITORIAIS: Henri Kobata
DIRETOR EDITORIAL ASSOCIADO: Matinas Suzuki Jr
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Nicolino Spina

SHOWBIZZ

DIRETOR DE REDAÇÃO: Felipe Zobaran
REDATOR CHEFE: Pedro Só
EDITORES: Bernardo Araujo e Toninho Spessotto
REPÓRTER: Andrea Estevam
EDITOR DE ARTE: Rodolpho Vasconcellos
EDITORA-ASSISTENTE DE ARTE: Graziella Iacocca
COORDENADOR DE PRODUÇÃO: Roberto Morgan Lopes
ASSISTENTE DE REDAÇÃO: Ana Paula Freire
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO (TEXTO) Anna Muggiatti, Ayrton Mugnaini, Carlos Eduardo Oliveira, Celso Pucci, Fabian Chacur, Gastão Moreira, Helton Ribeiro, Helvecio Parente, Jaime Biaggio, Jose Augusto Lemos, José Flávio Júnior, Luciano Vianna, Luis Henrique Romanholi, Marcel Plasse, Roberto Muggiati, Tarik de Souza, Terence Machado, Valeria Rossi e Zeca Camargo (FOTOS) Alex Silveira, Marcelo Ximenez, Paula Cinquetti, Ricardo Fasanello, Rui mendes (ILUSTRAÇÃO) Douglas Braga, Felix Reiners, Milton Trajano (REVISÃO) Jorge Cotrin

APOIO EDITORIAL
DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo
AGÊN. PRESS: José Carlos Augusto
NOVA YORK: Grace de Souza
PARIS: Pedro de Souza
PUBLICIDADE
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Moacyr Guimarães
EXECUTIVA DE CONTA: Márcia Regina Braga
MARKETING
GERENTE DE PRODUTO E PROMOÇÃO: André Felipe D'Amato
ASSISTENTE DE PRODUTO: Fernando Euzébio dos Santos

RECURSOS HUMANOS
DIRETOR DE RH: Marcio Ogliara
PLANEJAMENTO E CONTROLE
GERENTE DE PLANEJAMENTO E CONTROLE: Auro Luís de Iasi

ASSINATURAS
DIRETORA DE OPERAÇÕES DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR: Lídia Colavitti
DIRETOR DE VENDAS: William Pereira
DIRETOR ESCRITÓRIO BRASÍLIA: Luiz Edgar P. Tostes
DIRETOR ESCRITÓRIOS REGIONAIS: Jacques Ricardo
DIRETOR ESCRITÓRIO RIO DE JANEIRO: Paulo Renato Simões

Abril

PRESIDÊNCIA
Roberto Civita, *Presidente e Editor*,
José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa,
Vice-Presidentes Executivos

VICE-PRESIDENTES
Geraldo Nogueira de Aguiar,
Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal
Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

Escreva para SHOWBIZZ RESPONDE:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
e-mail: showbizz.atleitor@abril.com.br

Discografias, fichas biográficas, dúvidas...

Selo X gravadora

Duas perguntas: Qual a diferença entre selo e gravadora? Por exemplo, o novo álbum do Mestre Ambrósio, *Fuá Na Casa De Cabral*, é Chaos/Sony, selo e gravadora, respectivamente. E quais são as músicas de Alanis Morissette presentes em *No Boundaries*?

Pedro Aurélio – Parnaíba, PI

Pedro, a palavra selo é usada, por diversas vezes, como sinônimo de gravadora. Na verdade, o selo seria uma subdivisão da gravadora. O artista pertence ao selo, que por sua vez pertence à gravadora. Quanto à sua outra pergunta, Alanis Morissette comparece com apenas uma música em *No Boundaries* (aqui chamado *Sem Fronteiras*, disco cuja renda será revertida às vítimas da guerra em Kosovo): a versão ao vivo de "Baba".

Rock paulistano

Estou escrevendo porque quero saber a discografia da banda Ira!

Renato Silva Castro – São Paulo, SP

Mudança De Comportamento (1985); *Vivendo E Não Aprendendo* (1986); *Psicocústica* (1988); *Clandestino* (1990); *Os Meninos Da Rua Paulo* (1991); *Música Calma Para Pessoas Nervosas* (1993); *7* (1996); *Você Não Sabe Quem Eu Sou* (1998).

Funk-o-metal

Que fim levou o Urban Dance Squad, banda holandesa de funk-rock que fez sucesso no início desta década? O Fishbone e o 24-7 Spyz ainda estão em atividade?

Marcelo Calhoun – Sto. Antônio da Platina, PR

O Urban Dance Squad está soltando um novo álbum, o quinto da carreira, chamado *Artantica*. O disco conta com a produção de Theo Van Rock, da Rollins Band, e com a formação original do grupo. No início de 1999, o selo Triple X lançou nos Estados Unidos o ao vivo *Planet Ultra* e relançou os três discos anteriores: *Mental Floss For The Globe* (1990), *Life'n Perspective Of A Genuine Crossover* (1991) e *Persona Non Grata* (1994). O Fishbone apresentou sua nova formação em dezembro de 1998 num show de mais de três horas em Nova York. Da formação original, apenas Angelo Moore (vocal, saxofone e teremim) e John Norwood Fisher (baixo) continuam. A banda possui um completíssimo site na Internet (www.unuttednations.com), em que o fã pode adquirir informações sobre o novo álbum e conhecer os projetos paralelos do líder Moore. O 24-7 Spyz também segue na ativa, escrevendo músicas para um novo disco. Os últimos lançamentos da banda foram *Heavy Metal Soul By The Pound* (1996) e *If I Could...* (disponível apenas para o fã-clube, de 1997).

A carreira solo pode ser o futuro de Richard Ashcroft, ex-vocalista do Verve

Wu-Tang total

Sou assinante da SHOWBIZZ e gostaria que vocês publicassem a discografia completa do grupo de rappers Wu-Tang Clan.

Elenice S. Magariños – Belo Horizonte, MG

Enter The Wu-Tang - 36 Chambers (1993); *Wu-Tang Forever* (1997); *Swarm* (1998); *Wu-Tang Records Presents: Wu Chronicles* (1999)

Jams futebolísticas

Assisti nos dias 3 e 4 de julho ao especial *Rock e Gol Jams* da MTV. Foi o máximo ver grandes cantores tocando clássicos do rock brasileiro (prova de que ainda não está morto). Existe alguma previsão de que essas músicas saiam em CD?

José Mendes Neto – Uberlândia, MG

A MTV manda avisar que, apesar de muita gente estar pedindo, ainda não há previsão de lançamento de um disco com as *jam sessions*.

O fim do Verve

O Verve acabou no final de abril, por causa de divergências internas, e até agora nenhuma linha saiu. Por favor, me respondam quantos são os integrantes do Verve, seus nomes, a vendagem de seus CDs no Brasil e se o documentário *The Verve – The Video – 96/98* será lançado por aqui.

Michele Mattiello – Canoas, RS

Vamos por partes, Michele. O Verve era formado por cinco integrantes: Richard Ashcroft (voz e violão), Nick McCabe (guitarra), Simon Tong (guitarra), Simon Jones (baixo) e Peter Salisbury (bateria). Os problemas na banda começaram quando Nick disse que não agüentava mais excursionar e que preferia ficar no Reino Unido a seguir com os outros para a turnê americana do disco *Urban Hymns*, em 1998. Segundo o vocalista Ashcroft, não seria possível prosseguir sem o guitarrista, principal responsável pelas melodias do grupo. O fim foi adiado, mas parecia mesmo inevitável. No Brasil, apenas *Urban Hymns* (que vendeu 50 mil cópias) e *A Northern Soul* foram lançados – *Storm In Heaven* continua inédito. O vídeo sai por aqui ainda em 1999.

Paulo "rock" Ricardo

Gostaria de saber a discografia do RPM.

Fabiana da Silva – Sta. Cruz do Capibaribe, PE

Revoluções Por Minuto (1985); *Rádio Pirata Ao Vivo* (1986); *Quatro Coiotes* (1988); *Gita* (single, 1991); *Pérola* (1993).

Everclear raro

Preciso do nome do primeiro álbum do Everclear, que não consigo encontrar na minha cidade. Existe a possibilidade de a banda vir ao Brasil?

Bruno Daitx Wildner – Porto Alegre, RS

Apenas dois discos do Everclear foram lançados no país, Bruno: *Sparkle And Fade*, de 1995 (numa edição especial, incluindo um EP acústico), e *So Much For The Afterglow*, de 1997. Antes disso, a banda californiana havia lançado dois EPs, *Nervous & Weird* (1993) e *Fire Maple Song* (1994), além do álbum *World Of Noise* (1994), ambos difíceis de achar (saíram por pequenos selos). Nenhum show deles está agendado no país, mas é bom ficar ligado, pois um disco novo deve sair ainda em 1999.

Ficha: BLUR

A pedido do leitor **Adriano L. dos Santos**, Jales, SP

Importância

O quarteto inglês Blur nasceu na cena shoegazer (denominação dada às bandas do Reino Unido que, no final dos anos 80 e início dos 90, se apresentavam admirando seus próprios sapatos e usavam nomes curtos: Ride, Verve, Lush etc.), difundiu o britpop e, em seus últimos dois álbuns, mostra-se cada vez mais afeito a experimentalismos barulhentos e inclusão de outras tendências, como gospel e trip hop, em seu rock.

Biografia

Em 1989, Damon Albarn (voz, teclados e guitarra), Graham Coxon (guitarra e vocais), Alex James (baixo) e Dave Rowntree (bateria) formaram o Seymour. Os quatro estudantes de arte, naturais de Colchester, se mudaram para Londres e aproveitaram para trocar o nome do grupo. Foi em 1991 que o Blur e lançou *Leisure*, álbum de estréia cujo destaque era o pop rock "There's No Other Way". O videoclipe dessa música, no qual Damon observa uma família britânica devorar um belo de um almoço, entrou em alta rotação nas MTVs mundiais, incluindo a brasileira. O hit de 1992 foi "Pop Scene", presente no segundo álbum, *Modern Life Is Rubbish*. O CD, que ainda trazia as excelentes "Chemical World" e "For Tomorrow", apontava um namoro forte da banda com as melodias de Lennon, McCartney e Ray Davies (Kinks). Em 94, impulsionados pelo sucesso da dançante "Girls And Boys", lançaram um dos melhores discos da década, o empolgante *Parklife*. "To The End", "End Of A Century" e "Parklife" deixavam claro que o ápice criativo havia sido atingido. Nesse período, a rivalidade com a novata banda Oasis se acirrava. Uma das disputas era ver qual das duas conseguiria conquistar o mercado americano primeiro (o quinteto de Manchester levou a melhor). Depois do razoável *The Great Scape* (1995), o Blur cometeu dois álbuns que foram bem recebidos nos Estados Unidos, mas que desagradaram boa parte dos antigos fãs: *Blur*, de 1997, e o recente *13*.

O Blur desfruta o sucesso conseguido com "Song 2", a música do "woo hoo"

"Bettlebum" (primeira faixa de *Blur*) tornou-se um dos rocks mais tocados nas rádios inglesas, enquanto "Song 2" (obviamente, a segunda faixa) arrebentava nas americanas. A popularidade da banda, que no momento segue promovendo 13 e vendo seus singles velozmente galgarem as paradas de sucesso, nunca foi tão grande.

Discografia

Leisure (1991), *Modern Life Is Rubbish* (1992), *Parklife* (1994), *The Great Scape* (1995), *Blur* (1997), *13* (1999)

Bizzes

Hey! Ho! Esculachou!

Aposentado e sem falar com Joey há anos, Johnny Ramone diz que bandas cinqüentonas são ridículas

Johnny: "Não creio que os Ramones voltarão a tocar"

Primeiro, a boa notícia: está saindo uma antologia de dois CDs com 58 músicas dos **Ramones**, cobrindo todos os 22 anos de carreira do grupo. É bem verdade que a obra de Joey, Johnny e seus companheiros está mais do que bem representada em coletâneas e discos ao vivo, mas fãs são sempre fãs. Aos 50 anos, com aquela voz de irmão mais novo da sua mãe que não faz nada na vida, Johnny Ramone bateu um fio para SHOWBIZZ.

Você está feliz com a antologia?
Johnny Ramone: Sim. Se tivessem me perguntado, talvez não tivesse escolhido as mesmas músicas, mas adorei o encarte e toda a parte gráfica do CD.

Que músicas que ficaram de fora você gostaria de ter incluído?
As que CJ cantava nos últimos anos da banda. São muito boas.

E quem foi que decidiu que músicas entrariam?
Não sei, deve ter sido um grupo de pessoas da Rhino, nossa nova gravadora nos EUA. Aliás, gostei muito quando soube que eles tinham comprado o nosso catálogo. Fui correndo olhar a minha coleção de CDs e constatei que um terço deles é da Rhino *(que tem um catálogo fascinante de pop/rock dos anos 60)*.

Você não acha que os Ramones já têm coletâneas e discos ao vivo demais?
Acho. Tenho até minhas dúvidas... Não sei se essa antologia vai vender bem. Ela pelo menos serve para lançar canções antigas em CD, o que ainda não existia em muitos lugares.

O que vocês vão fazer para divulgar a antologia?
Temos uma tarde de autógrafos em Nova York: eu, Joey, Marky, Tommy, Dee Dee e CJ, se conseguirem encontrá-lo.

Há algum show planejado?
Não. Não acho que voltaremos a tocar de novo algum dia.

Você ainda fala com seus ex-companheiros da banda?
Falo com Marky, mais ou menos uma vez a cada dois meses.

E Joey?
Não nos falamos desde que a banda acabou, em 1995. Ficamos muito magoados com ele, porque queríamos tocar nossos últimos shows aí no Brasil e na Argentina. São os fãs de que mais gosto, ao lado dos japoneses – e ele não quis. Quer dizer, na verdade, Marky e CJ ficaram chateados... Eu já não estava falando com ele e continuei assim.

Por que você não falava com ele?
Ele é uma pessoa muito difícil de se lidar. A opinião dele é sempre o oposto da sua. Se a gente saía do palco e dizia que o show tinha sido bom, ele achava que tinha sido uma porcaria. Quando gravamos "Psycho Therapy", todos pensamos: "essa música é do c**!" Por ele, ela nem teria entrado no disco.

E o que causou o fim da banda?
Não teve propriamente um motivo. Sempre pensamos em parar após vinte anos de carreira, não ficar fazendo aquilo para sempre. Eu até tenho saudades, mas tenho certeza de que não estamos decepcionando os fãs, como os Rolling Stones e outras bandas que depois de muito tempo ficaram ridículas.

E o que você tem feito?
Quase nada. Fico pela minha casa, em Los Angeles, e vou a jogos de beisebol.

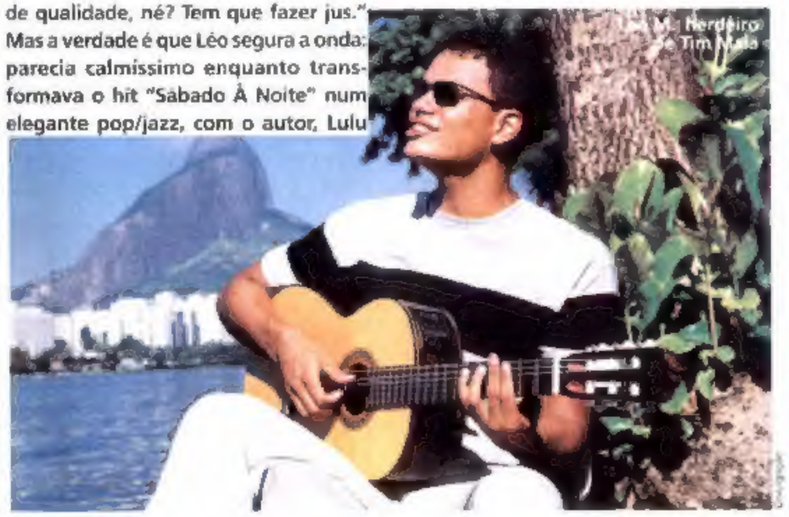
E a guitarra?
Nunca mais. Só outro dia, quando fui convidado e participei de um show do Pearl Jam, tocando "The KKK Took My Baby Away".

Canarinho do reino

A iniciação musical de Márcio Leonardo Gomes da Silva (hoje, aos 25 anos, Léo M.), foi daquelas típicas: o pai lhe apresentou ao violão, deu um tapinha nas costas e disse: "Agora é contigo". E o garoto foi desenvolvendo sua aptidão, sempre com as dicas providenciais de uns "tios", que se encontravam em sua casa para churrascos regados a som. Uma história comum, não fosse povoada por feras que já acompanharam toda a MPB: Robertinho Silva, Serginho Trombone, Paulinho Black... "Ficava lá sentado, vendo eles ensaiando, discutindo arranjo com meu pai", lembra Léo. Ah, sim, o pai se chamava Tim Maia. À primeira vista, ser filho do grão-mestre do soul brasileiro deve ser um peso considerável nos ombros de um garoto que mal acabou de fazer o seu segundo show profissional (mês passado, no Mistura Fina, no Rio). À segunda vista, também. "Você já nasce com um selo de qualidade, né? Tem que fazer jus." Mas a verdade é que Léo segura a onda: parecia calmíssimo enquanto transformava o hit "Sábado À Noite" num elegante pop/jazz, com o autor, Lulu Santos, numa mesa a poucos passos do palco. Com a mesma confiança, Léo transportava "Take It Easy My Brother Charles", de Jorge Ben, para o território do soul/pop contemporâneo, extraía um inesperado rhythm'n'blues suingado de "Ciúme", de Roberto Carlos, e levava músicas próprias, sozinho ao violão ou com o apoio de uma banda liderada por Gustavo Corsi, guitarrista de Gabriel O Pensador, ex-Picassos Falsos.

Léo já tem uma certa bagagem: já cantou em bandas de rock, soul e até axé. Enquanto não fecha contrato com alguma gravadora, vai mostrando o trabalho para público, imprensa e "tios". "Benjor me ligou no dia do show, dizendo que tinha gostado. Sandra De Sá também já ouviu. Eles vão ter que me colocar na roda", brinca. "Quero cantar com Jorge, Sandra, Lulu, Cláudio Zoli, Ed Motta..." E por falar em Ed, Léo chegou a levar um som com o primo na adolescência? "Não, nunca aconteceu. Mas fomos muito a churrascarias juntos."

Jaime Biaggio


M. Nerdeiro/Tim Maia

The Cult: volta cheia de planos

Pelo milênio adentro

O Cult voltou, e não foi apenas para uns showzinhos ou o lançamento de uma coletânea. Os planos do cantor Ian Astbury se estendem até 2001: "Faremos 27 shows e depois vamos para o estúdio gravar disco novo. Então partimos para uma excursão mundial. Na volta, outro disco".

Nos cinco anos em que a banda ficou separada – o fim aconteceu aqui mesmo no Brasil, em 1994 –, ele gravou um disco solo e outro com a banda Holy Barbarians, enquanto o guitarrista Billy Duffy tocou um discreto projeto chamado Vent 414. "Mesmo após gravar o meu disco *(chamado Natural Born Guerilla)*, sentia um vazio, tinha saudades de trabalhar com Billy e de ser um integrante do Cult", explicou o cantor. Após o intervalo, Astbury e Duffy ouviram de amigos em comum que o interesse de reformar a banda era mutuo. E a reunião finalmente aconteceu no dia 5 de abril, no Viper Room, em Los Angeles. Os dois subiram ao palco em um show dos Neurotic Outsiders e tocaram "Wild Flower" e "Love Removal Machine". Volta acertada, a dupla olhou para trás e recrutou o baterista Matt Sorum, roubado do Cult deles em 1990. No baixo está Martyn LeNoble, ex-Porno For Pyros. Quem estiver em Los Angeles entre 19 e 22 de agosto vai poder conferir o novo Cult.

Mais democrática

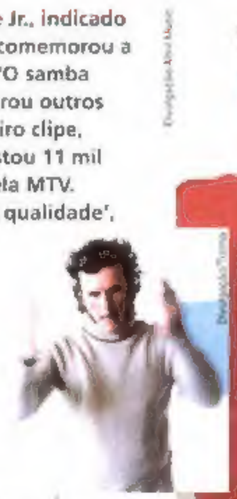
MTV premia dia 19 de agosto, às 22h, **os melhores do clipe brasileiro** – agora incluindo as categorias pagode e axé

Cazé vai apresentar o quinto VMB; Netinho, do Negritude Jr. *(à dir.)*, vai concorrer pela primeira vez

A festa do VMB este ano tem dois novos convidados ilustres: o pagode e a axé music, gêneros que passaram a aparecer com mais freqüência na grade da MTV a partir de março. "Esta quinta edição culmina nosso processo de mudanças", anuncia Zico Góes, diretor de programação da emissora. "Há um preconceito que associa programação popular com baixa qualidade. Mas a gente não concorda com essa história de 'o que é popular é ruim' ", reforça André Mantovani, diretor-geral da MTV.

Entre os campeões de indicações nas treze categorias, algumas surpresas: "O Mundo", do Capital Inicial, e "Já Foi", do Cidade Negra, concorrem no mesmo número de categorias que o papão Skank (com o clipe "Mandrake E Os Cubanos"): cinco. Outro azarão, "Bob", de Otto, disputa em quatro. Apresentada pelo VJ Cazé, a festa será transmitida ao vivo – inclusive pela Internet, no site www.mtv.com.br – dia 19 de agosto, às 22h, e vai contar com Reginaldo Rossi, Claudinho & Buchecha, KL Jay, dos Racionais MCs, e encontros de Paralamas com Jota Quest e Raimundos com Charlie Brown Jr., entre outras atrações. Dois telespectadores sorteados apresentarão o prêmio principal, A Escolha da Audiência. Até a última hora é possível votar pelo telefone 0800 55 68 88.

Netinho, do Negritude Jr., indicado na categoria pagode, comemorou a "abertura" no VMB – "O samba merecia isso" – e lembrou outros tempos: "Nosso primeiro clipe, 'Timidez', de 1993, custou 11 mil reais e foi recusado pela MTV. Diziam que 'não tinha qualidade', mas a verdade é que não havia espaço para o pagode".



"Estamos cautelosos nas expectativas. Nunca tínhamos sido indicados para nada antes. Na festa, sempre me botavam sentado na fila Z", brincou Dinho. O vocalista do Capital não pode se queixar de VMBs: foi na cerimônia de 1994 que ele conheceu sua mulher, Maria Cattaneo.

Dinho, do Capital Inicial, um dos campeões em indicações; Otto *(à esq.)* concorre em quatro categorias

OK, televisão!

O Radiohead fez trilha para uma minissérie de TV

Desde 1997 sem apresentar novas músicas, em setembro o **Radiohead** mostra material inédito nas telinhas da Inglaterra. Mas ainda não o disco que se seguirá ao elogiado *OK Computer*. A banda está gravando a trilha sonora instrumental da minissérie *Eureka Street: A Novel Of Ireland Like No Other*, baseada no romance *Eureka Street*, do escritor irlandês Robert McLiam Wilson. "É um grande livro, me deixou totalmente boquiaberto", diz o guitarrista Ed O'Brien. O escritor devolve os elogios: "Sou fã do Radiohead. A música deles melhora meu humor, embora eu saiba que ela não foi feita para isso". A trilha sonora está sendo produzida por Nigel Godrich, que trabalhou com a banda em *OK Computer*. Músicas do Radiohead já haviam figurado em trilhas antes: uma delas foi "Talk Show Host", incluída no *Romeu + Julieta*. Antes de ir para o estúdio, o cantor Thom Yorke havia se apresentado sozinho no Tibetan Freedom Concert, em junho.

Som livre em domicílio

Cuidado: este site pode deixar você pobrinho de tanto comprar CDs

Você liga o computar e conecta-se à Internet. Entra no site **Som Livre Loja Virtual** (www.somlivre.com.br) e – cabum! – todo o catálogo das 140 gravadoras existentes no Brasil está à sua disposição, a um clique de distância. É só usar os mecanismos de busca para encontrar o CD que quiser (tudo, de música barroca a tecno). Fique à vontade: você pode escutar trechos de algumas músicas. Gostou? Digite seus dados, aperte um botão e o CD estará em sua casa em alguns dias. "É a maior variedade já oferecida por uma loja, virtual ou não", diz Antônio Pezzella, gerente de marketing do site. "Nas lojas convencionais, o consumidor encontra só lançamentos ou os discos mais vendidos. Aqui ele encontra simplesmente tudo." O preço é razoável: 20 reais (em média) por um CD, incluindo taxa de entrega.

A Som Livre Loja Virtual também vai oferecer aos internautas notícias sobre música atualizadas diariamente, biografias de bandas e uma agenda com todos os shows que estarão rolando no Brasil. "No total, são 500 casas de shows", informa Pezzella. A loja ainda oferece serviços especiais: se você quiser comprar um CD para dar de presente, é só escolher a embalagem e dar o endereço do felizardo (a), que a loja virtual manda entregar.

notas

Réptil gracinha

Produtores de cinema ingleses estão trabalhando em uma biografia do cantor **Boy George**, baseada no livro *Take It Like A Man*. Foi divulgado que o ator Robert Carlyle (de *Trainspotting* e *Ou Tudo ou Nada*), cogitado para protagonizar o filme, teria sido vetado por George com o seguinte comentário: "Ele é um grande ator, mas parece um réptil". O cantor foi aos jornais desmentir a declaração, dizendo que estaria muito feliz se Carlyle desempenhasse qualquer papel e garantindo que o acha "uma graça".

Boy George: filme

Neil Young em caixa

Ao contrário de Johnny Ramone, o cantor canadense **Neil Young** não quer saber de folga. Aos 53 anos, Neil prepara ao mesmo tempo um projeto acústico, ainda sem previsão de lançamento, uma caixa de CDs marcada para sair em outubro e um novo álbum do Crosby, Stills, Nash & Young. Em recente passagem pelo Texas, Young se apresentou no formato *unplugged* e gravou três faixas para o projeto.

Nostalgia punk

O ex-cantor e guitarrista do **Clash** Joe Strummer, de 44 anos, deu as caras em São Francisco em julho com sua nova banda, The Mescaleros. Acompanhado por músicos mais jovens, Strummer misturou novas canções a clássicos de sua antiga banda, como "London Calling", "Rock The Casbah" e "I Fought The Law", levando os presentes ao delírio.

Bush e Live retornam

Depois de vender 3 milhões de discos de *Secret Samadhi*, de 1996, o quarteto americano **Live** acaba de aprontar seu novo CD, *The Distance To Here*. Já os ingleses do **Bush** finalmente resolveram seus problemas com a gravadora (apropriadamente chamada) Trauma, e lançam *The Science Of Things* também em outubro, um ano após o final das gravações.

Live: novo CD

Glastonbury '99: clássico

R.E.M., Hole e Manic Street Preachers tocam num festival inesquecível

James Dean Bradfield, dos Manic, causou histeria na platéia

Courtney Love *(acima)* aprontou; Nina Persson, dos Cardigans, encantou

Depois de dois anos seguidos de chuvas copiosas, o sol – astro rei mais difícil do **Glastonbury Festival** – deu as caras e fez com que a 29ª edição do festival inglês fosse uma das melhores de sua história. De 25 a 27 de junho, numa fazenda perto de Sommerset, um público recorde de mais de 100 mil pessoas curtiu muita música, pouca roupa e nenhuma lama. Grande parte dos ingressos foi vendida na última hora (depois que a previsão do tempo anunciou sol e calor) e a tradicional entrada franca após as 2 da tarde de domingo teve de ser suspensa pelos organizadores para evitar uma superlotação.

O preço para entrar era salgado: 83 libras, cerca de 250 reais, com direito a colocar a barraca de camping no pedacinho de terra que bem entendesse. Mas incluía uma lista de atrações de tirar o fôlego: Hole, R.E.M., Lenny Kravitz, Everlast, Blondie, Texas, Pavement, Gomez, Ash, Mercury Rev, Manic Street Preachers, Wilco, Kula Shaker, Cardigans, Fun Lovin' Criminals, Chemical Brothers e Patti Smith, entre outras.

Courtney Love subiu no palco com um top pink e um angelical par de asas de borboleta. Seu comportamento, porém, foi diabólico: incentivou o público a subir ao palco, o que deixou três jovens feridos no empurra-empurra *(detalhe: uma semana antes, uma menina havia morrido assim num show do Hole)*.

Após a apresentação, Courtney deu as asinhas a um dos fãs invasores.

O R.E.M. fez bonito, tanto que Michael Stipe foi consagrado pelos tablóides musicais ingleses como o líder de banda mais carismático do festival. A seqüência com "The One I Love", "Sweetness Follows", "Losing My Religion" e "Everybody Hurts" lembrou a todos que o R.E.M. tem um caminhão de belíssimas canções.

O pop bizarro do japonês Cornelius também foi muito elogiado. E Fatboy Slim teve de tocar com quarenta fãs enlouquecidos dançando a seu lado, no palco.

Os Manic Street Preachers comprovaram o status de banda mais amada do Reino Unido. Tiveram de parar o show por 10 minutos para que os seguranças conseguissem impedir que adolescentes histéricos amontoados na frente do palco fossem esmagados.

Kit Mico do mês

Mandaram para esta redação junto com o CD *S.O.S. De Amor*, do **Wando**, e precisamos registrar: uma calcinha cor-de-carne, uma lata de catuaba selvagem, um vidro de graxa para sujar a roupa e dar a desculpa (sugerida no rótulo) "mô, o carro enguiçou", camisinha e um batom (para pequenos lábios?). A catuaba vazou e melou tudo...

As novas louras do tchan

Não são apenas as brasileiras que podem falsificar uma lourice e sair rebolando para multidões! Sheila Mello, a Cia. Do Pagode e as Hzetes acabam de ganhar rivais de peso, como se pode verificar no novo visual dos cantores Eddie Vedder, do Pearl Jam, e Anthony Kiedis, do Red Hot Chili Peppers.

DISCO 2

PREÇO. CURTO. . PRAZO. LONGO

1999

25 MÚSICAS

EM CD Virgin

Turbulências e explosão

André Midani, grande nome da indústria fonográfica, fala sobre o futuro do disco no Brasil e no mundo

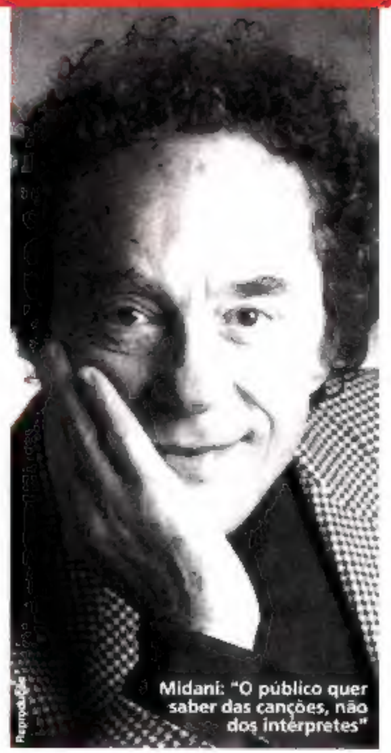
O libanês André Midani, projetou-se no mercado fonográfico como diretor artístico da PolyGram do Brasil nos anos 60, época em que levou para a gravadora Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Jorge Ben, gerando discos importantíssimos da MPB. Nos anos 80, foi um dos responsáveis pela explosão do rock nacional, revelando Kid Abelha, Ira! e Titãs. Há quatro anos ocupa a presidência da Warner Music para a América Latina, estruturando a expansão mundial da música latina. Em entrevista concedida durante o Midem Americas (congresso da indústria fonográfica) em Miami, no final de junho, Midani falou de sucesso, MPB e novas tecnologias.

Como você vê a crise da indústria do disco no Brasil?
Falando francamente, o mercado brasileiro está se desmantelando. Os lojistas ainda trabalham de forma medieval. O número de cheques pré-datados que terminam não sendo pagos é muito alto, isso já quebrou muita gente. Falta consciência econômica. No começo dos anos 90, os grandes magazines entraram pesado na venda de discos, o que levou muitas pequenas lojas à falência. Hoje, esses mesmos magazines também estão quebrando, o que, conseqüentemente, provoca a falência dos atacadistas. É uma bola de neve.

A música latina vive o seu melhor momento nos EUA e a MPB, por sua vez, está muito prestigiada. Até que ponto os brasileiros podem pegar carona na onda do sucesso latino?
O grande estouro da MPB nos EUA foi na época da Bossa Nova, quando João Gilberto, Tom Jobim e Sérgio Mendes passavam boa parte do seu tempo nos EUA. Para que isso possa se repetir, é necessário que os brasileiros dêem mais as caras por aqui. Mas há um ressurgimento da MPB e o mesmo acontece com a música cubana. E isso se deve à falência criativa da música americana. O rock, por exemplo, é hoje a imitação da imitação. A world music, segmento onde a música brasileira se insere, há três anos era responsável por 3% do mercado americano, hoje já tem 7%. Ao mesmo tempo, o jazz desceu de 3,4% para 1,7%.

O sucesso hoje é efêmero, artistas chegam ao topo da parada americana, ficam dois meses e depois somem. Existe explicação para isso?
Na década de 80, havia mil lançamentos por ano. Hoje, com os avanços tecnológicos e o barateamento da produção, 10 mil novos títulos chegam às lojas a cada doze meses. A concorrência é muito maior. Antes as pessoas compravam o novo disco do seu artista preferido sem se preocupar se iriam gostar ou não, agora compram os CDs pelas canções, independentemente de quem as cante.

As novas tecnologias já possibilitam que qualquer pessoa monte seu próprio CD baixando arquivos direto da Internet por meio do MP3. Esse é o futuro da música?
Especialistas acham que, quando a poeira da novidade do MP3 baixar, a música vai ter uma explosão pela Internet. Mas até que isso se concretize, vamos enfrentar turbulência. Hoje existem 500 mil sites com músicas passíveis de *download*. Daqui a três anos, serão 5 milhões. Quando houver um mecanismo legal de proteção aos direitos dos autores e gravadoras, a Internet será uma aliada da indústria fonográfica e a pirataria diminuirá, uma vez que qualquer pessoa poderá montar seu CD pelo computador, sem lesar ninguém. E isso não impedirá que os discos continuem sendo vendidos nas lojas do modo convencional.


Midani: "O público quer saber das canções, não dos intérpretes"

Com a fusão de grandes gravadoras *(caso PolyGram-Universal)*, ainda há espaço para novos selos?
A concentração de poder ajuda os artistas que estão nas grandes gravadoras. Para quem está de fora, o número de opções diminui. Mas acho que estamos às vésperas da explosão do mercado independente. Hoje é muito barato gravar um disco e montar um estúdio caseiro.

Brasilblack

A gravadora americana Motown, uma das principais responsáveis pela mudança dos rumos da black music a partir dos anos 60, vai abrir uma divisão inteiramente dedicada à música brasileira. A informação foi dada com exclusividade à SHOWBIZZ pelo presidente da empresa, Kedar Massenburg, durante o Midem Americas. De acordo com Massenburg, a nova divisão se chamará Motown Brazil e terá um elenco nacional. "Vamos contratar grandes nomes e também gente nova em todos os segmentos da música brasileira. Os discos sairão nos EUA e no Brasil, com distribuição da Universal Music e forte esquema promocional", avisa. O executivo não quis adiantar nomes pretendidos, mas não esconde de ninguém sua admiração por Carlinhos Brown. A Bahia vai ferver.

Em preto e negro

A BET, Black Entertainment Television, rede que desde 1980 transmite programação destinada à comunidade negra dos EUA, Canadá, Japão e diversos países africanos, e que só nos States tem cerca de 56 milhões de telespectadores, quer entrar aqui. De acordo com Stephen Hill, vice-presidente de programação, o Brasil é prioridade da BET. "Nosso objetivo é explorar o potencial do negro brasileiro, seja no aspecto musical, seja no campo político-social." A rede tem canais destinados à música (pop, jazz, gospel) e às artes em geral. As negociações com as operadoras de TV a cabo brasileiras começam ainda este ano. A Black Entertainment Television pretende começar a transmitir sua programação para o Brasil até o final de 2000.

Fábio, Rodrigo e Mário, do grupo Junk: ódio "construtivo"

Garotos enxaqueca

Eles odeiam o dia, a noite, o samba e o vento. Fábio Zaganin (baixo), Mário Fabre (bateria) e Rodrigo Fernandes (vocal e guitarra, filho do cantor português Roberto Leal), coletivamente conhecidos como **Junk**, estouraram nas rádios com um cartão de visitas malhumorado: o single "Odeio". Mas os "garotos enxaqueca" do rock nacional também têm motivos para comemorar...

Vocês não acham que o single "Odeio" é parecido demais com "Song #2", do Blur?
Rodrigo: O clima e a cadência são os mesmos, é verdade. Só percebemos a semelhança depois que a música estava pronta e resolvemos deixar do jeito que estava. Hoje tudo é parecido com alguma coisa.

Mas vocês odeiam tudo mesmo?
Se essa música tivesse dez minutos, odiaríamos muito mais coisas. É uma questão de atitude. O Brasil passou por um período muito ruim para os músicos sérios. Víamos gente pagando para assistir a uma bunda cheia de silicone falando merda, com músicos medíocres tocando. Eu também ouvi samba, mas ouvi Lecy Brandão, Paulinho Da Viola, Bezerra Da Silva, Martinho Da Vila, Fundo De Quintal. Isso sim é samba. Oito caras com terno salmão e cabelo amarelo são um grupo de samba? Não.

O que vocês amam?
Em "Odeio", nós criamos esse personagem depré. Ele aparece de novo numa balada, "Eu Adoro", dizendo que adora fazer a namorada sofrer, zoar com a cara dela. Mas é um personagem. Nosso segundo single é completamente diferente. Fala sobre balada, festa, sexta-feira. Nós amamos cerveja, amor, adrenalina, respeito, família e estar em cima do palco. Estar no palco, principalmente.

Rodrigo, ser filho do Roberto Leal ajudou ou atrapalhou você?
Não influenciou em nada porque temos propostas musicais muito diferentes. É lógico que se eu aparecesse loirinho, de terno, cantando "O Vira", a molecada ia torcer o nariz e minha credibilidade iria por água abaixo porque eu estaria me aproveitando do fato de ele ser meu pai. Mas esse não é o caso...

Sarau caprichado

Integrantes de Ira!, Raimundos, Sepultura e Charlie Brown Jr. comemoram o **Dia Mundial do Rock** fazendo som

Não é sempre que uma tropa de elite do rock nacional se reúne sob um mesmo teto para uma *jam session*, aquela benigna bagunça musical, cheia de improvisação e músicos tocando por puro tesão. Na festa organizada pela rádio Brasil 2000 para o Dia Mundial do Rock (13 de julho), na Broadway, em São Paulo, teve tudo isso. A idéia de fazer um troca-troca musical tupiniquim partiu do pessoal do Rumbora, que em seus tempos de Brasília (a cidade, não o carro) costumava reunir os amigos após a ceia de Natal para aquilo que ficou conhecido como Papai Noião. "Depois que nos mudamos para São Paulo, rolou a idéia de fazer a versão paulista do Papai Noião. O Dia Mundial do Rock foi a oportunidade que a gente estava esperando", diz Bacalhau, baterista do quarteto, que já havia feito algo parecido no casamento de Robério Santana, baixista do Camisa De Vênus. E foi assim que o palco da Broadway recebeu integrantes do Ira!, Sepultura, Câmbio Negro, Ultraje A Rigor, Junk, Ostheobaldo, Charlie Brown Jr., Raimundos, Inocentes, Planet Hemp e até Okotô. As mais estapafúrdias combinações de vocalistas, guitarristas, baixistas e bateristas subiam ao palco e, ali mesmo, decidiam o que tocar. Afinavam rapidamente os instrumentos e mandavam bala, às vezes errando a letra, às vezes errando as notas – mas quem se importava? O repertório teve sons das bandas presentes e clássicos do rock (Metallica, Red Hot Chili Peppers, Ramones, Rage Against The Machine e Faith No More, para citar alguns). Os melhores momentos incluíram Ostheobaldo – cujo vocalista, Johnny, pulou na galera e teve a carteira surrupiada – e Igor Cavalera tocando "Roots Bloody Roots", do Sepultura, e a presença de Zé Ovo, baixista do Little Quail, para uma versão esporrenta do clássico "1, 2, 3, 4", da extinta banda candanga, com Bacalhau na voz e Fred, dos Raimundos, na bateria. A farra foi até depois das 4 da manhã.

Johnny, do Ostheobaldo, se jogou do palco e ficou sem carteira

Canisso, Gustavo Black Alien e Chorão improvisaram uma versão reggae para "Zóio D Lula"

Fotos: Marcelo Ximenes

Igor veio representar o Sepultura na *jam session*

Fatola (*à esq.*) relembrou seus tempos de palco dividindo o microfone com Clemente, dos Inocentes

Leo Burnett

CHEGOU FIAT STRADA CABINE ESTENDIDA.

Conquiste todo o espaço que você tem direito com a Fiat Strada Cabine Estendida. Espaço para o seu conforto, com os bancos reclinando totalmente. Espaço para a sua segurança, com a bagagem toda dentro da cabine. Basta entrar para ver a diferença que faz o espaço a mais no comprimento da cabine. Aliás, um espaço com uma capacidade de até 300 litros de bagagem.

É a mais segura, a que tem maior altura do solo, a mais robusta e versátil da categoria. Esportividade ou praticidade. A Fiat Strada Cabine Estendida oferece todas as opções para você deixá-la do seu jeito: suspensão elevada • estribo no pára-choque traseiro • ganchos para amarração de carga na caçamba e na cabine • rodas aro 14 e pneus de perfil alto • motor 1.5 e 1.6 16V • teto solar • direção hidráulica • vidros elétricos • air bag duplo • freios ABS • célula de sobrevivência • barras de proteção nas portas • sistema de prevenção contra incêndio (FPS) • volante com absorção de energia.

Fiat Strada Cabine Estendida. Nunca o conforto de uma pick-up se aproximou tanto de um automóvel.

Algumas das fotos e do texto são ilustrativos e/ou opcionais. Os veículos Fiat estão em conformidade com a PROVE, o Programa de Controle de Poluição do Ar por Veículos Automotores.

MOVIDOS PELA PAIXÃO. FIAT

Pau e poesia

Los Hermanos estréiam em disco misturando hardcore com samba-canção

O amor é lindo como o Rio, poético como Noel Rosa e forte como o hardcore. Pelo menos segundo a definição sonora do Los Hermanos. Misturando samba-canção com paulera, esses cinco cariocas se dão cumprindo com louvor a difícil tarefa de inovar musicalmente numa época em que (quase) tudo parece já ter sido feito. Sem medo de parecer brega nem vergonha de dizer o quanto dói tomar um pé na bunda, eles apostam na colagem de estilos e de épocas para criar um som insólito e autêntico. "Modernidade é estar um passo à frente ou dois atrás", acredita o baixista Bruno Medina.

A banda anda está meio atordoada com a repercussão bola-de-neve que conseguiu no festival Abril Pro Rock deste ano. "Quando subimos no palco de tarde e começamos a tocar hardcore que fala de amor com teclado, saxofone, flauta transversa e tamborim, o público olhou com cara de 'que p*** é essa?' Mas na segunda música já estava todo mundo cantando, amarradão", lembra Marcelo Camelo, vocalista e principal compositor do quinteto.

Do palco do Abril Pro Rock, eles foram direto para o estúdio. Gravaram sons antigos, compuseram novas faixas, chamaram Roger, do Ultraje A Rigor, para uma palinha na música "Bárbara" e arrematarum com a produção de Rafael Ramos, do Baba Cósmica. "Se nós pegássemos um produtor de rock, ele iria deixar de lado outros aspectos importantes da banda. A mesma coisa aconteceria se a gente usasse um produtor de samba. O Rafa consegue englobar tudo isso", explica Marcelo. O resultado dessa parceria chega às lojas este mês, provavelmente com o nome de *Azedume*, que também batiza uma das faixas.

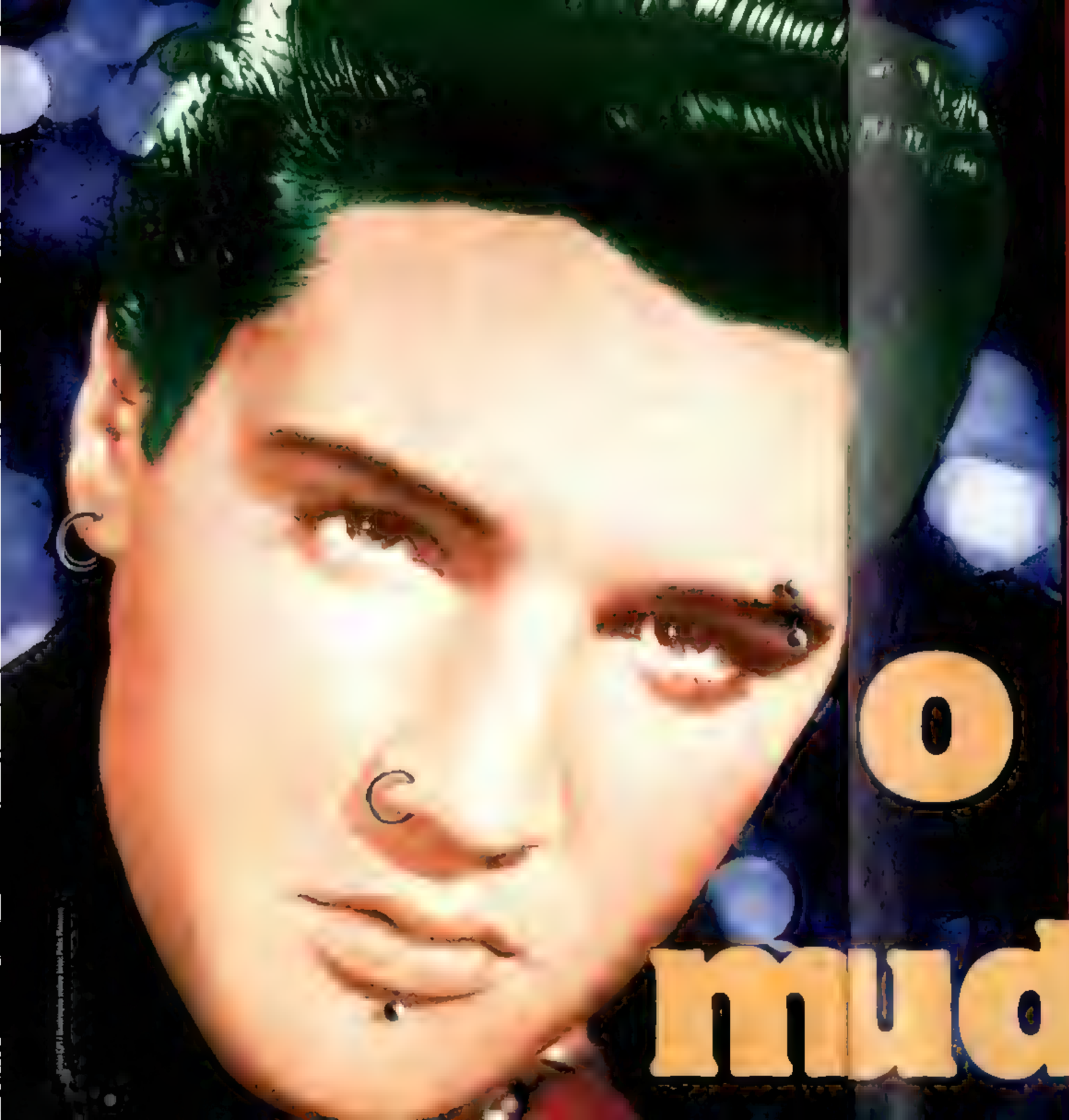
Os cinco Hermanos estão felizes da vida com todo o burburinho em torno da banda, mas não têm grandes planos para o futuro. "Nós conseguimos tudo isso em pouco tempo e com pouco esforço, se compararmos com outras bandas. Se a gente não durar, tudo bem. Estamos nos divertindo muito. Chegar ao estúdio e ver o Roger cantando uma música que escrevi no meu quarto já faz tudo valer a pena", diz Marcelo. "Sinceramente, eu acho muito louco as pessoas gostarem desses arranjos malucos que a gente coloca nas nossas músicas", confessa.

94.1 Porto Alegre
100.9 Florianópolis
102.7 Blumenau
94.3 Santa Maria
96.9 Uruguaiana
105.7 Caxias
94.5 Santo Ângelo
96.1 Livramento
105.1 Cruz Alta
99.3 Chapecó
97.1 Passo Fundo
104.7 Tramandaí
97.5 Alegrete
93.3 Santa Cruz
102.1 Rio Grande
94.1 Itaqui
98.1 Bagé
95.3 Pelotas

Ligue os pontos e se ligue na maior rede de rádio jovem do sul do país.

* Este ponto está reservado para você ligar para a gente e fazer parte da rede Atlântida: (51) 218.5700 - rede@atlantida.com.br

atlântida
A maior rede de rádio jovem do sul do país.



O ritmo da mudança

As transformações da sociedade no século 20 rolaram ao som do rock e da música pop

por José Augusto Lemos*

O rock não mudou a História; ele foi a História

Uma simples canção pode mesmo influenciar o comportamento de alguém? Até que ponto? As modas passam e depois retornam em forma de revival. No mesmo embalo, uma pergunta dura de roer sempre reaparece, arrastando o jornalismo musical para os pântanos da sociologia, da antropologia urbana, da psicologia de massas e sabe-se quem puder.

Videogames como Doom e Quake despertam instintos assassinos na molecada? A mesma paranóia condenaria a música pop como lavagem cerebral. Uma lenda clássica do rock'n'roll, com status de fato real multiplicado por mais de uma geração: a garota que cedeu sua virgindade no banco traseiro de um carro, resistência vencida mais pela balada romântica que tocava no rádio do que pelo parceiro ou pela cerveja. (E quem vai descriminar o efeito isolado de cada um desses elementos?). Para completar, ninguém acredita que Elvis e seus discípulos tenham sido mais importantes para a tal "liberação sexual" do que a pílula anticoncepcional e a penicilina (antes dela, doenças venéreas como sífilis e gonorréia não eram brincadeira) [illegible] isso só durou até a chegada da Aids).

Os exemplos incômodos estão no outro extremo, como o caso dos fãs de Kurt Cobain que se suicidaram logo após saberem que seu ídolo havia acabado com a própria vida. Ozzy Osbourne foi levado ao tribunal por sua música supostamente [illegible] garoto a se matar. Mais de cem anos antes, o romance *Werther*, de Goethe, já havia provocado uma epidemia de suicídios na Europa — mas tiveram o bom senso de não processar o escritor como responsável pelo desequilíbrio mental de alguns de seus leitores.

Não lembro quem foi o sábio que disse: "Hitler não mudou a História, Hitler foi a História". O mesmo vale para o rock'n'roll, trilha sonora e playground da adolescência. A bem da verdade, o fenômeno do ídolo pop e seu séquito fanatizado foi inaugurado por Frank Sinatra no início dos anos 40. O que aconteceu com Elvis, nos 50, e Beatles nos 60, não foi muito diferente. E quem poderia dizer que o psicodelismo não existe pelo menos desde o nascimento do xamanismo, na Sibéria paleolítica? O transe obtido com tambores, certas plantas e fungos eles já tinham, só faltava a eletricidade. (Como se vê, o xamã Jim Morrison sabia das coisas.)

O RESGATE PUNK

A visão do rock como ameaça aos valores da civilização ocidental já estava morta no início dos anos 70 *(confira o artigo na página 28)*. (Quer dizer, ela sobrevivia em alguns lugares como o Brasil.) O prestígio intelectual dos Beatles e Bob Dylan foi o suficiente para converter a "selvageria" em "arte". O rock realmente começou a ficar feio quando seus herdeiros "progressivos" trocaram Chuck Berry, o pai da matéria, por Bach e Mozart. Bonito mesmo foi a operação resgate, que não tardou e não falhou.

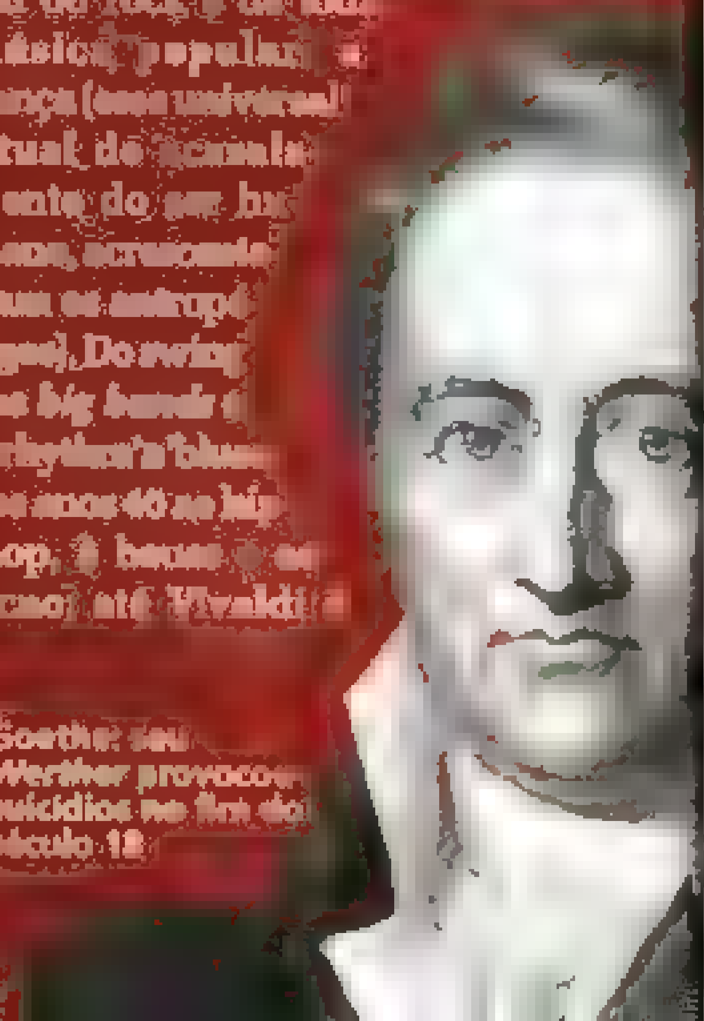
Na escolinha da música pop, não pode haver maior atestado de ignorância do que aquele clichê rotulando os anos 70 como "a década do mau gosto" ou, pior ainda, "a década em que nada aconteceu". Está certo que o impacto de sua primeira revolução — uns chamam de glitter, outros de glam — ficou restrito à velha Grã-Bretanha, mas você precisava estar lá para ver. Em dois ou três meses, depois que David Bowie e Roxy Music apareceram na TV, levando às últimas conseqüências andróginas-hedonistas-futuristas o que Marc Bolan havia só esboçado, pelo menos 90% dos adolescentes haviam seguido a transformação visual. Quem andava de jeans, camiseta e cabelos compridos, imediatamente passou a ser identificado como "hippie velho". Vale a pena perguntar se essa metamorfose tocou a essência ou ficou só na aparência, como tantos looks e estilos que servem exclusivamente para atender aquela necessidade adolescente de pertencer a uma turma com uniforme e vocabulário próprios, e se diferenciar do resto. Também vale a pena lembrar que na mesma época, um filme teve não só impacto de igual intensidade na moda jovem, como uma influência infelizmente muito maior no comportamento. Vestida a caráter, uma certa garotada realmente começou a imitar nas ruas os atos de violência gratuita exibidos em *Laranja Mecânica (A Clockwork Orange)*, de Stanley Kubrick. A um ponto que o próprio Anthony Burgess, autor do romance original, pediu que o filme fosse tirado de circulação — permanecendo até hoje banido das ilhas britânicas.

De qualquer forma, com o glitter glam o som mudou radicalmente, plantando o futuro punk/new wave, e fazendo, acima de tudo, o pessoal voltar a dançar. E já que o tema é comportamento, é bem provável que esteja aí a essência original do rock e de toda música popular: dança (esse universal ritual de acasalamento do ser humano, acrescentariam os antropólogos). Do swing das *big bands* e rhythm'n'blues nos anos 40 ao hip hop, à house e ao tecno, até Vivaldi [illegible] em suas respectivas épocas — esquecer samba, rumba, polca [illegible] etc. Quase toda música popular foi, no berço, dance music [illegible] de influenciar dezenas de variantes [illegible] new wave — a mais óbvia, os chamados new romantics. David Bowie teve importância capital nessa operação resgate. Assim que atingiu o estrelato, obrigou sua gravadora e empresários a contratarem Lou Reed e Iggy Pop, [illegible] do esquecimento o Velvet Underground e os Stooges, tão importantes para os anos 60 quanto Beatles e Dylan, mas totalmente ofuscados por eles. Com essa redescoberta, eles influenciariam mais as gerações seguintes do que o próprio Bowie. Além disso, sua trajetória pós-glitter ajuda a mapear boa parte das mais ricas e originais contribuições dos anos 70 à música pop: a disco music, o rock eletrônico alemão de grupos como Kraftwerk e Can, e a ambient music de Brian Eno. Só faltou mesmo o reggae, que, por meio de seu embaixador Bob Marley, atravessou as fronteiras da Jamaica para vitaminar ainda mais o suculento caldeirão musical da década.

A força da influência do reggae (em especial de sua variante mais experimental, o dub, de produtores bruxos como Lee Perry), da disco, do tecnopop alemão e das texturas de Brian Eno só ▶

Malcolm McDowell no filme *Laranja Mecânica*, inspiração para o punk? Kurt Cobain (abaixo): inspiração para suicídios?

Os Beatles: idolatrados como outros já haviam sido, estes simpáticos rapazes acabaram falando em revolução


Goethe: seu Werther provocou suicídios no fim do século 18

Jim Morrison trouxe o milenar xamanismo para o rock'n'roll

Bob Marley afirmou a cultura negra e d[illegible]voz ao Terceiro Mundo no picadeiro pop

[illegible] pleamente sentida com a ascensão da dance music eletrônica, na virada dos 80 para os 90. As quatro vertentes têm uma base comum: a exploração ilimitada das tecnologias de gravação, borrando a fronteira entre música e produtor. Boa garota para descascar outro clichê ignorante, de que discotecagem é tudo igual, um desmerecimento cruel do talento de produtores inovadores como Giorgio Moroder, Nile Rodgers & Bernard Edwards (junto com o Kraftwerk, talvez os músicos mais "chupados" de toda a década de 80) e Gamble & Huff, da escola de Filadélfia; além de gran[illegible] dos cantores soul e rhythm'n'blues como Gloria Gaynor, Loleatta Holloway e Patti LaBelle, entre tantas outras.

Parte de todas as tendências futuras geradas por esses quatro gêneros pop, o punk (com a exceção de seus herdeiros de Seattle) pode até parecer uma explosão de fôlego curto. Sua influência, sentimental, porém, foi das mais profundas e benéficas, pela intenção de aproximar ao máximo a estrela do fã, eliminando todas as categorias. Mais importante ainda foi a disseminação da estratégia *do it yourself* (faça você mesmo), gerando fanzines e selos independentes. Junto com o rap, o punk foi sem dúvida a mais concreta e fértil ação política, no melhor sentido da palavra, de toda a história do rock'n'roll. Em comparação com os movimentos anteriores, também não pode ser esquecido que cada droga costuma ser acompanhada por um estilo de vida específico. Nesse sentido é emblemática a troca do LSD e da *Cannabis sativa*, que alimentaram os hippies e seus contemporâneos, pela cocaína e o álcool na cultura disco; e a substituição [illegible] heroína entre os punks e a new wave nova-iorquina que os antecipou. A *cannabis*, é claro, reservou um capítulo à parte na história do reggae, elevada a sacramento religioso pela religião rastafári. Sua relevância política também não pode ser desprezada: a [illegible] missão de Bob Marley não só contribuiu tanto para afirmar mundialmente a cultura negra [illegible] como deu voz ao pacífico pop anglo-saxão e todo o Terceiro Mundo.

Depois do avanço e baratea[illegible]mento da eletrônica, a filosofia do *do it yourself* foi das mais decisivas para a explosão do techno-pop e, em última instância, toda a dance music dos 80 e 90. A figura do não-músico colaborou com a transformação do DJ, acompanhada da colagem de [illegible] complexos como método de composição em *recording artist* (artista-autor de discos). Uma evolução que escapou à compreensão dos punks ortodoxos, mas encontrou mentes mais abertas em grupos como New Order, Prodigy e Chemical Brothers. O lendário verão acid house na Inglaterra de 1988 e sua conexão Ibiza, claro, no hinterland rave/ecstasy, psicodelismo com os sentidos dilatados para desembocar na Love Parade, o carnaval techno que todos os anos [illegible] mais de um milhão de pessoas nas ruas de Berlim, na Alemanha.

A TECNOLOGIA COMO MOTOR

Não dá mesmo para subestimar a influência da tecnologia, esta sim fazendo música e comportamento andarem de mãos dadas, tão espalhafatosa e outrora [illegible] Crosby, Billie Holliday, Frank Sinatra, João Gilberto e Bryan Ferry não existiriam sem o microfone; da mesma maneira, é óbvio que Kraftwerk e Giorgio Moroder não existiriam sem sintetizadores; e que 90% do pop atual não existiria sem ferramentas computadorizadas/programáveis como drum machines, sequenciadores e samplers. Por isso mesmo, talvez os elementos de maior impacto importados [illegible] surgidos nos anos 80 tenham sido o walkman, o CD e a MTV.

O aparelhinho portátil criado pela Sony trouxe uma nova atitude de ouvir música; além de legitimar o direito da gravação doméstica, combatido ao longo dos anos 70 pelas grandes gravadoras. (Uma luta que o formato MP3, recentemente introduzido na Internet, irá acirrar cada vez mais.) Já o CD tem sua importância principal na digitalização da música, facilitando samplagens, remixagens, técnicas de edição em geral; e abrindo caminho para o próprio MP3 e outros formatos. Ao contrário do que o marketing de seu lançamento fez muita gente acreditar, sua qualidade sonora não é inferior à de discos de vinil, muito pelo contrário. Hoje sabe-se, inclusive, que muitos especialistas em [illegible] sonora duvidavam que o pro[illegible] ainda assim pelo mercado, por causa [illegible] perdas em certos faixas de frequência. As únicas vantagens do CD para o consumidor são uma maior resistência e portabilidade. Para superar a [illegible] de vinil, tentativas de substituição pelo DVD áudio, cuja [illegible] de memória digital permitiria [illegible] uma resolução sonora [illegible] fidelidade.

A REVOLUÇÃO TELEVISIONADA

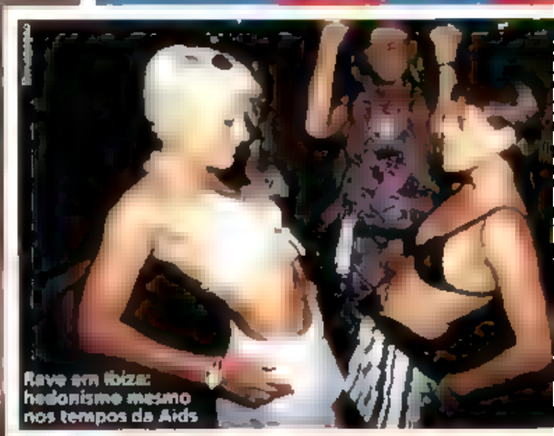
A TV também trouxe uma das maiores revoluções na música pop [illegible] pelo "caso Duran Duran". Inicialmente o entusiasmo foi um tanto [illegible] pela indústria fonográfica, [illegible] tinha um grande arsenal de videoclipes à sua disposição. Corria o ano de 1981 e o grupo inglês, apesar de grande [illegible] em sua terra natal, era [illegible] desconhecido nos EUA. Desde seu primeiro single, o Duran Duran havia investido em vídeos estilosos que, por [illegible] de opção, inauguraram a MTV na [illegible]. Praticamente da noite para [illegible] os discos da banda começaram a [illegible] vendidos maciçamente nos cantos mais remotos do país; surpreendendo [illegible] os executivos de sua própria gra[illegible]vadora, que demoraram ainda um tempo para entender exatamente o que estava acontecendo. A partir daí, o videoclipe tornou-se acessório fundamental no lançamento de qualquer disco, gerando por tabela uma nova linguagem audiovisual e superproduções como as estreladas por Michael Jackson (beneficiado pela "estratégia Duran Duran" em seu álbum *Thriller*).

No balanço final, uma das revoluções mais sustentáveis geradas dos anos 70 para cá foi a da pluralidade. Não há mais espaço para um movimento dominante. No mundo www-globalizado, com a progressiva segmentação de mercados, a informação circula com velocidade antes impossível e as tendências mais originais e inovadoras convivem com revivals de toda as estirpes: blues, country, rockabilly, pop inglês dos anos 60 (no chamado britpop); além da presença cada vez mais frequente do folclore das mais variadas etnias.

De segunda metade da década de 70 em diante, essa abertura se manifesta com grande vigor também no modo como as chamadas "minorias" [illegible] mulheres, ▶

Bob Marley: penetra[illegible] genial no universo pop

[illegible]: a MTV [illegible] música [illegible] anos 80


Rave em Ibiza: hedonismo mesmo nos tempos da Aids

Os Mutantes: agora no Primeiro Mundo

negros e homossexuais – encontraram seus melhores canais de expressão artística. A cultura gay, umbilicalmente ligada à disco e toda sua filiação clubber, também manifesta um vasto espectro de extremos como Morrissey e Freddie Mercury. O rock/pop feminino nunca teve a força que exibem Madonna, Björk, Tori Amos, P. J. Harvey, Shirley Manson (do Garbage) e Alanis Morissette.

No planeta rap/hip-hop, merecem admiração especial as três TLC, Missy Elliott, Kim Fox, Foxy Brown e Lauryn Hill, encarando de igual para igual os machões do pedaço. Sem contar que, com toda sua espantosa evolução nos últimos vinte anos, rap e hip-hop reagiram definitivamente a posição da cultura afro-americana como mãe da família rock e nossa salvadora do puritanismo protestante. Robert Johnson, Muddy Waters, Chuck Berry, James Brown, Marvin Gaye, Sly Stone, George Clinton e tantos outros não poderiam ter recebido melhor. E voltando ao grande Bob Marley, sua invasão heróica certamente rompeu todas as fronteiras da hegemonia pop anglo-americana. Não seria exagero agradecer a ele por maravilhas contemporâneas como a islandesa Björk, os japoneses Cornelius, Pizzicato Five e Fantastic Plastic Machine, os brasileiros Sepultura e Olodum... e até a recente descoberta americana dos brasileiros Tom Zé e Mutantes.

** José Augusto Lemos, 39 anos, é jornalista e trabalhou na BIZZ de 1985 a 1993, comandando a redação durante a maior parte desse período.*

Tori Amos e Björk: a inteligência feminina expandindo o pop

Ecos da era do rock

1955-1969: catorze anos revolucionários

por Roberto Muggiati*

Charles Dickens

"Foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos, foi a era da sabedoria, foi a era da insensatez, foi a época da crença, foi a época da incredulidade, foi estação da Luz, foi a estação das Trevas, foi a primavera da esperança, foi o inverno do desespero, tínhamos tudo diante de nós, nada tínhamos diante de nós, estávamos indo direto para o Céu, estávamos indo direto na outra direção – em suma, o período foi tão parecido com o período presente que algumas de suas autoridades mais ruidosas insistiam em que fosse recebido, para melhor ou para pior, somente no grau superlativo de comparação." *Charles Dickens, em 1859, falando da Revolução Francesa, de 1789*

Foram apenas catorze anos, o bastante para mudar o mundo. Tudo começou com o "*One-two-three o'clock, four o'clock rock/ Five-six-seven o'clock eight o'clock rock/ Nine-ten-eleven o'clock, twelve o clock rock/ We're gonna rock around the clock tonight!*" — a contagem progressiva de uma nova música que tomava o século de assalto, jogava para o alto todas as convenções e instaurava um clima de rebeldia até nos mais protegidos bolsões da maioria silenciosa. Na verdade, era chegada a vez de uma minoria ruidosa – uma liga de todas as minorias que ameaçaria tornar-se maioria e, num delírio de utopia, tomar o poder e instalar a sua própria ordem, ou melhor o seu caos.

Aos fatos: na segunda semana de julho de 1955, "Rock Around The Clock", por Bill Haley & His Comets, chegava ao número um da parada de sucessos, deixando para trás um chá-chá-chá meloso de Perez Prado, "Carejera Rosa", e toda uma legião de canções sentimentaloides que não correspondiam mais à realidade em que se vivia num mundo impelido de usufruir plenamente os frutos da sociedade de consumo porque pairava sobre sua cabeça a ameaça do apocalipse nuclear.

O título da canção – "(We're Gonna) Rock Around The Clock" – era meio truncado. Não havia ninguém dançando em volta de nenhum relógio (*around the clock* é uma expressão idiomática que significa "sem parar"). Mas a palavra *clock* (relógio) estava lá e impunha a noção de tempo. Era tempo de dançar – e dançar sem parar. No começo, foi a dança corporal, o balanço sensual de Elvis, the Pelvis e a ginga de Mick Jagger. Depois, veio a dança das cabeças, o rock psicodélico da segunda metade dos anos 60, uma viagem cerebral, mas sempre amarrada ao ritmo, muito mais que à melodia ou à harmonia.

FONTES NEGRAS

Aquele ritmo era irresistível: a herança afro-americana, batucada no violão rudimentar dos blues do Delta, martelada no piano do boogie woogie. As grandes orquestras se apropriaram do boogie e criaram o swing, que transformou muitos *band-leaders* em milionários e impeliu os Estados Unidos à vitória na Segunda Guerra. O rhythm & blues se apropriou do boogie, com pequenos combos de guitarra elétrica, baixo, bateria e, eventualmente, um saxofone uivante. Brancos como Bill Haley se apropriaram do rhythm & blues negro e, com suas covers – gravações das mesmas músicas negras, mas voltadas para um público branco – criaram o rock'n' roll (o nome veio da letra de um velho blues de 1922, regravado depois da guerra por Big Joe Turner: "*My baby she rocks me with a steady roll.*")

Os primeiros heróis culturais do rock foram um caipira do Mississippi (Elvis), um americano careta de Detroit (Haley), um branco meio pirado da Luisiana (Jerry Lee Lewis), o filho de um lavrador do Tennessee (Carl Perkins), um ex-trombadinha de St. Louis (Chuck Berry), um *creole* de Nova Orleans filho de vi[illegible] (Fats Domino), um mulato bicha[illegible] da Geórgia (Little Richard), dois [illegible]os do Kentucky filhos de cantores [illegible]olia (Everly Brothers) e um colega[illegible]dro-olhos do Texas (Buddy Holly). [illegible]parência, um time de perdedores. [illegible]ge, um verdadeiro olimpo do rock.

A Guerra Fria descambou para a [illegible]ca caça às feiticeiras do macarthis[illegible]. A Guerra da Coréia foi uma espécie [illegible]amento da Guerra do Vietnã, só [illegible] desta vez os Estados Unidos estavam [illegible]nhos contra um inimigo fantasma e [illegible]seus cidadãos – principalmente os jo[illegible] não queriam combater numa guer[illegible] em nenhum sentido. Nos EUA havia [illegible]do interna pelos direitos civis e a crítica [illegible] uma política externa imperialista e [illegible]gante, cinicamente batizada de *Pax americana*. O rock se manifestava sobre tudo isso, ou contestando abertamente, ou mandando tudo para o espaço.

Da contracultura do rock surgiram [illegible] grandes slogans da época:
"Não confie em ninguém com mais de 30 anos."
"Faça amor, não a guerra."
"Se ligue, sintonize, caia fora (*do guru do LSD, Timothy Leary*)."
"Dê uma chance à paz."

O século foi sacudido por duas décadas [illegible]rias, os anos 20 e os anos 60. O romancista americano F. Scott Fitzgerald publicou em 1931 um ensaio histórico sobre a sua época, *Ecos da Era do Jazz*. Os paralelos são incríveis: os 20 tiveram o jazz; os 60, o rock; as melindrosas inauguraram a revolução sexual que prosseguiu com o Women's Lib. Charles Lindbergh fez um voo solo sobre o Atlântico. Neil Armstrong foi o primeiro homem a pisar na Lua: nos anos 20, bebia-se o álcool proibido da Lei Seca; nos 60, a droga era a grande transgressão. "Toda uma geração tornando-se hedonista, escolhendo o prazer." Fitzgerald está falando dos 20 ou dos 60? "A palavra jazz, no seu processo para a respeitabilidade, significou em primeiro lugar sexo, depois dança, e [illegible] música." (Substitua jazz por rock'n'roll.)

Sei lá, acho uma tese meio maluca – mas acho que faz sentido – sobre os anos 60, marcados por temas como o *black power*, o Vietnã, o poder jovem, a revolução sexual, a expansão das drogas, Cuba e Che Guevara, os nuegalistuvais, os hippies, a invasão do esoterismo oriental, a corrida espacial, a afirmação das mulheres e dos gays etc. Os anos 60, na verdade, nunca existiram (mesmo porque foram vividos em meio a uma névoa de maconha e gelo seco, ao som de ritmos hipnóticos). Até a metade dos 60, vivemos um prolongamento dos anos 50, com uma ousadia sutil como a das canções dos Beatles e da minissaia de Mary Quant. E os desvarios de comportamento da segunda metade dos anos 60 só foram estourar, em escala maior, no grande desbunde dos anos 70, quando os cabelos compridos, as batas indianas e as calças patas-de-elefante se tornaram uniforme universal. O Festival de Woodstock, em agosto de 1969, foi o canto do cisne do rock. E a tragédia de Altamont, em dezembro de 1969 – um concerto maluco numa pista de corridas da Califórnia – encenada pelos Rolling Stones com a ajuda dos Hell's Angels, fechou a tampa. Quem viveu gozou, foram anos de dor, foram anos de alegria – a última explosão de hedonismo da humanidade. Até agora. Aguarde o próximo século, ou milênio...

** Roberto Muggiati, 49 anos, é jornalista, autor de* Rock: O Grito e o Mito, Blues: Da Lama à Fama, *entre outras obras.*

Bill Haley & His Comets: dois caretas na frente transgressora do rock

Todas as caras de Raul

Por Ayrton Mugnaini Jr.

Há dez anos, em 21 de agosto de 1989, morria o maior rebelde do rock brasileiro

Maluquinho beleza

Aqui está Raulzito aos 7 meses de idade, na pose clássica que toda mãe adora. Sim, ele também foi bebê, mas nem todos os bebês ao crescerem tornam-se roqueiros influentes, viram ícones de uma geração ou fazem questão de manter um baú e nele incluir um par de sapatinhos que usaram na mais tenra idade (e que aparecem na capa do disco *O Baú Do Raul*).

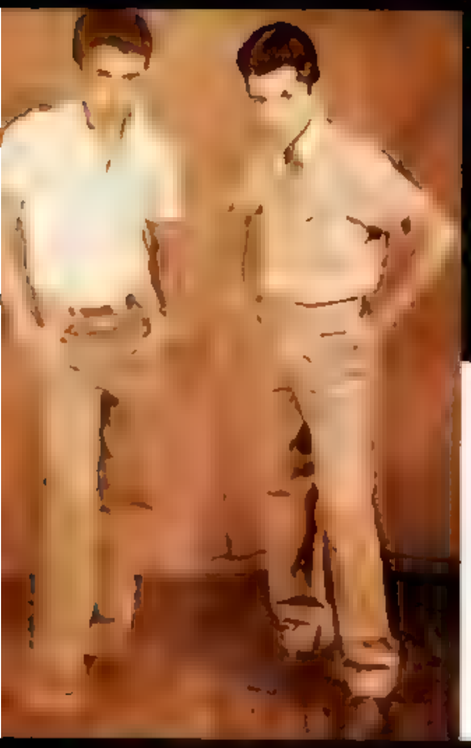


Foto: Arquivo de Edith Wisner

Loucuras de Raulzito

"Eu sou cachorro urubu/ ói, ói o trem..." Raul, em 1966, deveria estar num momento de descanso, já que estudava para o vestibular de Direito, com o intuito de impressionar os severíssimos pais de Edith Wisner, a moçoila da foto e que se tornaria sua primeira esposa. Mais tarde, Edith ficaria famosa como "compositora". É que o regulamento do sétimo e último Festival Internacional da Canção limitava cada participante a uma única composição, levando Raul a recorrer à artimanha de inscrever "Eu Sou Eu, Nicuri É O Diabo" em seu próprio nome e "Let Me Sing, Let Me Sing" como sendo parceria dele e de Edith.

Rock revigorante

Lá por 1987, mesmo cada vez mais debilitado e inchado pelo abuso da bebida (que causaria a pancreatite que o matou), Raul conseguia renascer, durante os instantes em que incorporava o sempre jovem espírito do rock and roll e cantava em sua casa para os amigos. Ele ficava totalmente ligado, mesmo que o show improvisado acontecesse no – para ele – absurdo horário de 15 horas da "madrugada".

Elvis Rock Club

Se você é raulseixista de carteirinha (com trocadilho e tudo), já deve conhecer este documento, que apareceu na contracapa da primeira edição do LP *Abre-Te Sesamo*. Raul era tão fanático por Elvis que fez vários desenhos com seu topete, além de emprestar seu farto arquivo elvístico para o fascículo correspondente da revista *Rock, A História e a Glória*. Além disso, Raul chegou a enviar a Elvis uma demo de sua bela balada "How Could I Know" e, diz a lenda, tinha a seu lado, ao falecer, uma foto do Rei do Rock. Raul talvez estivesse deprimido pelo aniversário da morte de Elvis, transcorrido num 16 de agosto (em 1977), cinco dias antes de sua própria (em 1989).

Rock in Bahia

Aqui estão dois dos primeiros roqueiros baianos, Raul e Waldyr Serrão, em 1957. Waldyr se tornou radialista, animador de televisão e cantor, adotando o nome artístico de Big Ben. Chegou a gravar nos anos 70 uma parceria com Raul, "O Crivo", só que omitindo o nome do amigo na co-autoria (e olhe que Raul participou da gravação tocando guitarra à Elvis, já que se tratava de um blues tipo "Heartbreak Hotel").

Arnaldo Silva

Raulzito E Os Panteras

O que aconteceu com os Panteras após o fracasso de seu LP, lançado em fins de 1967 e que teve como conseqüência o fim do grupo? Enquanto Raulzito enveredava pelos caminhos da produção de discos, o baterista Carleba escreveu algumas músicas que foram lançadas por cantores como Adriana, entre outros, com relativo sucesso. Eládio (guitarra-solo) compôs "Caminhos" em parceria com Raul para o LP *Novo Aeon*. E em 1998 os quatro Panteras sobreviventes se reuniram para alguns shows, comemorando os trinta anos do quase-sucesso.

Genialidade ao quadrado

"Onde nasceu Chacrinha?" A pergunta, absurda por excelência, foi feita por um zeloso delegado para verificar a identidade de Raul, detido como impostor de si mesmo após um show particularmente embriagado e confuso, em 1983. Pois bem, mesmo que o Maluco Beleza não soubesse responder, ele reconhecia que o Velho Guerreiro era tão ou mais maluco. Aliás, é bom que se diga, era um páreo duro... Ah, sim: o grande Abelardo Chacrinha Barbosa era pernambucano de Surubim

Fotos: Arquivo de Edith Wisner

Emoções, muitas emoções

Bem que Raul e os Panteras fizeram um grande esforço para se encaixar na turma da Jovem Guarda, mas, realmente... pô, bicho, não dava pra entender um conjunto que falava de agnosticismo! Mesmo sendo fã de Roberto Carlos, Raul sintonizou muito melhor com Jerry Adriani, que o trouxe da Bahia para o Sul – o baiano chegou a produzir discos dele –, e com Wanderléa, que fez um dueto com ele em "Quero Mais", de 1983. ▶

The "Panters" e a "verção"

Um belo exemplo de documento não só musical, mas também cultural! Este é o folheto promocional do primeiro disco de Raul e The Panthers, trabalho este que acabou não sendo lançado. Vai ver que não saiu de vergonha, com este festival de erros de português e até de inglês ("verção", "Panters"), inclusive no título do lado A (o certo é "Nanny", com "n" que, aliás, foi lançado 29 anos depois em *O Baú Do Raul*).

Perto do fim, mas ainda com gás

Aqui está o eterno seguidor e amigo Marcelo Nova num show em Santo André (SP), em setembro de 1988, ao lado de um convidado surpresa, o próprio Raulzito, ausente dos palcos desde dezembro de 1985. Dá para imaginar a euforia da platéia que lotava o clube Aramaçan e a raiva de quem ficou de fora. Quem viu, viu...

Primeira comunhão

Novembro de 1955, e tudo é seriedade na primeira comunhão do jovem Raul Seixas, muito antes de ele compor "Só Pra Variar", "Quando Acabar O Maluco Sou Eu", "Pastor João E A Igreja Invisível" e outras homílias pouco lisonjeiras ao catolicismo. Apesar disso, Raul acreditava em forças superiores, como provaria em "Ave Maria Da Rua" e outras canções de seu vasto repertório.

Dentadura postiça

Este é Raul num dos shows do lançamento de *Krig-Há Bandolo!*, cantando uma das músicas do disco, "Dentadura Postiça". Mal imaginava ele que, mais de dez anos depois, usaria o acessório-título da canção. O abuso do álcool fez lhe caírem todos os dentes, e quem o assessorou nos últimos anos foi Mauricio Camargo Brito, uma figura tão versátil quanto Raul: pianista, protético e autor de uma biografia de Elvis Presley.

E tudo começou aqui...

É O Tchan do Raul! Aqui está "o Paxá Direito" (como está escrito no verso da foto) na praia de Amaralina em agosto de 1966, ao lado de Edith, sua futura primeira esposa, e da irmã dela, Esther. Seria Edith a musa de "Menina De Amaralina", do LP dos Panteras?

Fotos: Arquivo de Silvio Passos

30 Anos de Rock

Outro exemplo de "metamorfose ambulante" é o título deste LP, que nasceu em 1972 como *Os 24 Maiores Sucessos Da Era Do Rock*, sem o nome de Raul. Três anos depois, o disco voltou às lojas com o título *20 Anos De Rock*. Em 1985, Raul já estava devidamente brigado com a gravadora PolyGram, que aproveitou e relançou o LP como *30 Anos De Rock*...

Sessão das 10

Quando era produtor da CBS, Raul aproveitou uma viagem dos patrões e gravou este LP, irreverente e descompromissado e sobre o qual não faltam detalhes e histórias curiosas: O disco tinha forró, samba e choro, participação dos Fevers e outros quetais. Ao retornarem da viagem e ouvir O LP, uma das primeiras providências dos chefões foi demitir Raul.

Família Dó-Ré-Mi

Raulzito com o pai, Raul, e o único irmão, Plínio. O paizão também compunha de vez em quando (por exemplo "Minha Viola", gravada por Raul), e o mano fez pelo menos uma música, "Ainda Gosto Dela", sucesso com Jerry Adriani. Dizemos "pelo menos" porque Plínio mais tarde afirmou ter colaborado na letra de "Gita".

Relâmpagos Do Rock

Todo mundo em Salvador falava mal deste "conjunto de música de caubói", nada menos que Os Relâmpagos Do Rock, primeiro grupo de Raulzito e que, a partir da época desta foto (1964), passaria a se chamar The Panthers e, mais tarde, Os Panteras. Até nos nomes de seu grupo Raul era uma "metamorfose ambulante"

A Panela Do Diabo

"Vou morrer tocando rock and roll", disse Raul em 1987. Ele cumpriu a profecia: seu último disco *A Panela Do Diabo*, com Marcelo Nova, saiu apenas dois dias antes de sua morte.

Para marcar os 10 anos da morte de Raul Seixas, a gravadora Universal Music está relançando sete de seus melhores discos gravados nos anos 70, todos em edições remasterizadas. *Gita, Novo Aeon, Há 10 Mil Anos, Atrás, Os Grandes Sucessos, Documento Raul Seixas, Krig-Há Bandolo!* e *Raul Rock Seixas*.

HEY! STOP IT!
HOLLY TREE

PROIBIDO
COLOCAR
CARTAZES

FOGO NA BOMBA
DE MENOS CRIME

NUNCA VOU DEIXAR VOCÊ

SHOWS DE ART POPULAR E MV BILL • CHARLIE BROWN JR E RAIMUNDOS • OS PARALAMAS DO SUCESSO COM DADO VILLA-LOBO

IVETE SANGALO

DIA 19 DE AGOSTO 22 HORAS

Promessa de campanha

por Bernardo Araujo

Metido em causas políticas, o Rage Against The Machine garante que o disco novo sai até o fim do ano

Bombardeios sobre o Sudão e o Paquistão, racismo, neonazismo, um preso político julgado incorretamente e muitas das injustiças que assolam o mundo. Tudo isso é da conta de Zack de la Rocha, Tom Morello, Timmy C e Brad Wilk, quarteto formado na Califórnia e que atingiu fama internacional com a revolta do clássico "Killing In The Name" e do nome Rage Against The Machine (Fúria Contra A Máquina). Passados sete anos desde que os rapazes saíram dos EUA como atração de abertura dos shows do Suicidal Tendencies, cada vez mais o trabalho do grupo é ligado a causas político-sociais. Nas poucas entrevistas que concedem, os quatro preferem falar mais sobre elas do que sobre a música que produzem. Até o site oficial do RATM trata mais das diversas entidades que o quarteto apóia – como uma de roqueiros pró-aborto, outra que vigia a mídia e uma contra o fundamentalismo cristão – do que de suas atividades musicais. Perguntado pela revista inglesa *Kerrang!* (por e-mail, e tendo exigido que suas respostas fossem impressas na íntegra) se almejava um cargo político, o guitarrista Tom Morello respondeu de bate-pronto: "Ser guitarrista do Rage Against The Machine é um cargo político". Atualmente a guitarra distorcida de Tom, as batidas funkeadas de Timmy e Brad e os vocais gritados de Zack estão a serviço de Mumia Abu-Jamal, militante islâmico condenado à morte nos EUA por ter, supostamente, assassinado um policial. "O julgamento dele foi fraudulento, queremos que ele ao menos tenha a chance de encarar um júri honesto", alega Zack.

MUITA MILITÂNCIA, POUCO SOM

O barulho vem dando certo. Em janeiro deste ano, uma entrevista e um show reuniram, sob o comando do Rage, diversos artistas simpáticos à causa em New Jersey. "Além de 400 mil dólares, que serão necessários para a defesa, finalmente conseguimos mudar a opinião da mídia burguesa sobre o assunto. Após a coletiva, eles finalmente se convenceram de que não estamos defendendo um psicopata que mata policiais", conta Tom Morello, animado, revelando que Mumia deve, finalmente, passar por um novo julgamento. No show, Zack fez questão de explicar para o público – obviamente mais interessado em música do que em política – toda a comovente história do condenado, e chegou a oferecer o dinheiro de volta a quem não apoiasse a causa do pobre presidiário. Depois de tanta militância, finalmente vem disco novo do Rage por aí, o terceiro, após *Rage Against The Machine* e *Evil Empire*.

Até o final do ano deve estar na rua", anuncia Tom, acrescentando que os fãs da banda jamais ouviram canções tão pesadas ou sungadas como as novas. A parte instrumental já está pronta, e atualmente estão todos esperando que Zack conclua as letras. "É frustrante trabalhar nesse ritmo lento, mas sei que cada um de nós tem um metabolismo criativo pessoal, e tenho que respeitar o dos outros. Adoro trabalhar com Zack, Timmy e Brad", diz Tom. Ele garante que este disco vai agradar em cheio aos admiradores do som do Rage, pois une "a espontaneidade do primeiro álbum e a técnica que aprimoramos após tanto tempo tocando juntos". Depois de tanto tempo aguentando o drama de Mumia, os fãs bem que merecem.

O guitarrista não é um admirador da [illegible] metálica – de artistas como [illegible] Cool Chamber e Limp Bizkit –, mas [illegible] o lado de o hip-hop, o [illegible] outros ritmos apareceram cada vez [illegible] unidos ao rock pesado. Afinal, o pró[illegible]ge foi um dos primeiros a proc[illegible] aproximação. Enquanto o disco [illegible] não vem, ele se diverte participan[illegible] bandas sonoras – o que costuma ge[illegible] uns bons grana –, em filmes como *A [illegible] Final*, em que se uniu a Layne Staley, cantor do Alice In Chains, e Stephen Perkins, ex-baterista do Jane's Addiction, para uma nova versão do clássico "Another Brick In The Wall", do Pink Floyd. "Foi a primeira vez que o Pink Floyd permitiu que uma versão de uma canção sua aparecesse em um filme, então me senti honrado em participar." Ironicamente, a banda tocou na trilha de *Godzilla*, com "No Shelter", uma canção cuja letra fala mal dos filmes comerciais "arrasa-quarteirão", como a própria história do lagarto gigante da Polinésia. "Isso só o Zack seria capaz de discutir", diz Tom, politizado até a alma, mas pouco consistente quando o assunto são as letras de suas próprias músicas. Enquanto o disco novo não vem, a banda passa o tempo participando de festivais, alguns por um cachê polpudo, como o Woodstock, outros repletos de correção política, como o Tibetan Freedom Concert.

Brad, Zack, Tim e Tom estão gravando o sucessor de *Evil Empire*

A voz da discordância

por José Flávio Júnior
Fotos: Paula Cinquetti

Fiel às próprias convicções e de mal com sua geração, Lobão toca a vida [illegible]vadora

Aquele fim de semana tinha nome. Estreava o novo *Star Wars* e as filas nos cinemas paulistanos davam voltas. Mas enquanto fãs de Obi Wan Kenobi mastigavam ansiosos suas pipocas, um teatro próximo à Avenida Paulista servia de palco para O Retorno de Lobão.

Só mesmo ele para duelar com Darth Vader e companhia. Foram três noites solo, acústicas e lotadas no Teatro Crowne Plaza. Tá certo que o lugar só comporta 160 pessoas, mas, para um artista que hoje só costuma ser procurado pela mídia por ser uma metralhadora verbal, é um feito.

Quando [illegible] a última vez que você leu resenha de um show de Lobão? As frases bombásticas desse cantor e compositor são amplamente reproduzidas (uma das últimas foi "Viva o Paraguai", ironizando o combate à pirataria de CDs), mas de sua música quase não se fala.

Aos 41 anos, Lobão aparenta menos de 30. Sem gravadora, promete seguir independente, com a esposa, Regina, como empresária, e lançar disco novo via MP3. Sobre o rock dos 80, vocifera: "Não falo mal, apenas expresso discordância por estar p*** com minha geração".

SHOWBIZZ: Você ficou animado com essas apresentações acústicas?
Lobão: Eu tô adorando. Não estava pensando em fazer isso agora e comecei porque não tinha como fazer outra coisa. Fiquei aliviado, porque dá o maior medo. Estou numa situação sem volta, numa briga imensurável com a indústria.

Mas sua primeira turnê acústica, em 1995, foi um fracasso
Foi um fracasso por causa de um *communication breakdown* (colapso na comunicação), provavelmente. Eu falei: "Não posso sentar e tocar?". Aí tinha aquela coisa histérica, falavam "banquinho e violão é pra bossa nova!" Não é nada disso, quero fazer um show com minhas músicas. Naquela época eu tinha um tremendo álibi: não estava compondo. Acho ótimo você tocar umas músicas no violão pra ver se pinta uma inspiração. Acabou ficando tão visado que inventaram até que eu tinha me tornado evangélico.

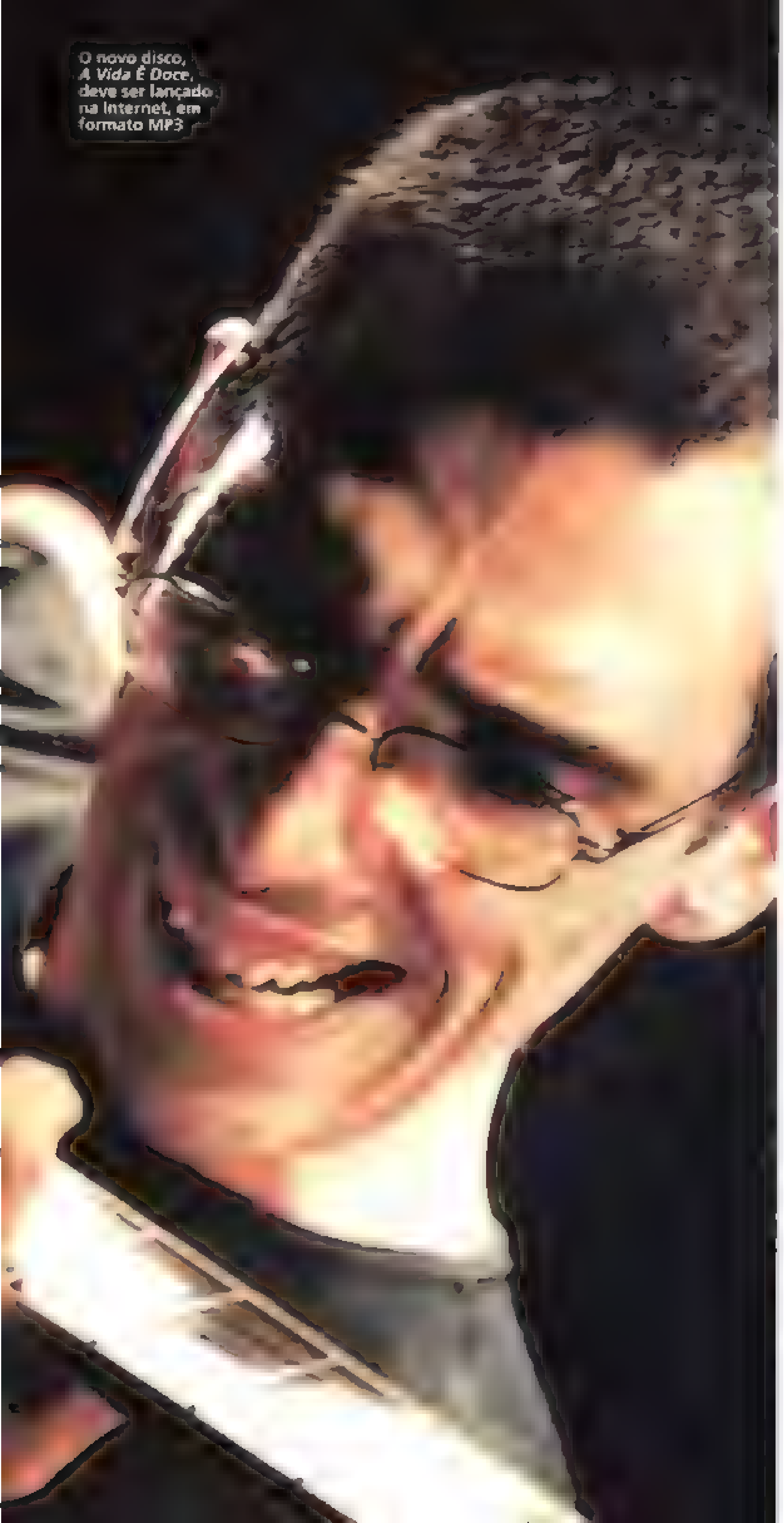
No ano seguinte você lançou o *Nostalgia Da Modernidade*, que foi vendido como disco de samba
[illegible] O *Nostalgia* é heterogêneo, um compêndio de uma síndrome de final de século: que é você sentir que todo mundo é *vintage* ("de safra boa", *usado para se referir a instrumentos e equipamentos dos anos 60*). A capa do disco é uma válvula. Lenny Kravitz estava usando tudo antigo, usando órgão Mini-Moog. Como parei de fazer música por quatro anos, fui estudar. Fiquei sem inspiração, tocando violão clássico dez horas por dia. Quando falei "vou fazer umas músicas", não sabia o que ia acontecer. Saiu uma coisa esquizofrênica. Quando saiu um samba, fiquei muito satisfeito, mostrei pro Paulinho Da Viola. Sempre convivi com samba, mas só tem dois sambas no CD. Agora a crítica fala que o disco é ousado. Ele é muito louco.

Mas o disco seguinte, *Noite*, agradou a imprensa de cara, certo?
É. A *Isto É* falou bem, a *Folha* falou bem, o *Globo* também. Eu fiz um disco de música eletrônica para complementar o que eu vinha dizendo sobre a música brasileira. Porque minha geração é rock mas recebe Prêmio Sharp. Não [illegible] receber, p***! Porque é subproduto. Aquele troféuzinho que é discriminatório! Você se acha o cocô do cavalo do bandido? Todo mundo aceita, eu não. No primeiro, fui indicado para onze categorias com o *Cuidado*. Aí que eu entendi: eu sou pop rock? Ahhhhh! Fui pra c*** e fui embora – eu ia tocar uma música da Maysa. Smoking! Que coisa mais sem graça, que premiação mais imbecil. Todas aquelas categorias que é uma coisa "troféu dente-de-leite". A MPB é a nata. Só que eu não sou mais juvenil. Acho meu trabalho tão importante [illegible] qualquer outro. Sou contra esse troféu que não me reconhece. Eu tenho uma auto-estima boa [illegible] exatamente o que faço, gosto muito de todo o cancioneiro popular brasileiro. Então por que eu vou ser uma margem, um apêndice?

Foi por isso também que você se recusou a ser apresentador no *Video Music Brasil* da MTV no ano passado?
É, teve essa história. Mas imagina se eu vou? Primeiro que não me dou com quase ninguém ali. É verdade que tentei me dar com todos eles. A única pessoa que eu admiro e ligo é o Roger (*Moreira, do Ultraje A Rigor*). E o Edgard Scandurra (*guitarrista do Ira!*) é o único músico-lenda da minha geração. Não conheço mais ninguém que valha a pena. Ou ficou senil ou aflorou sua burguesia. Eu ligue pra todos os meus desafetos. Porque há pessoas que falam sobre mim, dizem que são meus fãs, até porque meu nome dá credibilidade hoje em dia. Mas é gente que não têm coragem de sustentar uma conversa comigo. "Por que você me imita, chupou aquela minha música, me roubou? [illegible] da sua turma. Não sou seu par [illegible] você não merece".

[illegible] os roqueiros residentes no Rio, não tem contato? Alguns dos Paralamas
[illegible] muito do Branco (*Mello, cantor Titãs*), [illegible] legal, gente fina. Agora [illegible] tenho nada a ver com o que eles [illegible] fazendo atualmente. Eu vou lá fa[illegible] de "tampão"? Acho isso tris[illegible] pessoalmente, sempre gostei [illegible] Titãs. Agora se eles vão seguir as re[illegible] Poladian (*Manoel [illegible] empresário dos Titãs [illegible] trabalhou com RPM e Danielo [illegible] quando ambos estavam no [illegible]*) [illegible] acham isso bacana, o pro[illegible] deles. Eu tenho simpatia por eles [illegible] tive pelo Herbert (*Vianna*) [illegible] considero uma pessoa desprovida de ta[illegible] Afora o B[illegible] gosto muito do Ba[illegible] ele a tocar bateria, vendia primei[illegible] O Lulu (*Santos*), esse [illegible] tem talento. Canta, compõe [illegible] inteligente e faz m*** porque acha que [illegible] é coprófago, gosta de comer [illegible] Acho isso horrível, porque o louco [illegible]
[illegible] sou nenhum Arrigo Barnabé [illegible] músicas populares e quero me ex[illegible] assim. A gente ficou querendo ter [illegible] de expressão, quando consegue [illegible] opressão econômica e neguinho tem [illegible] fama, ficar no ostracis[illegible] Me sinto claustrofóbico, com vergo[illegible] da minha geração.
[illegible] que tinha de bom nos anos 80 mor[illegible] está perene pela pujança da obra [illegible] Cazuza, Renato (*Russo*), Júlio Bar[illegible] O Arnaldo (*Antunes*), que eu [illegible] ▶

Lobão e violão: show no formato economicamente viável



O novo disco, *A Vida É Doce*, deve ser lançado na Internet, em formato MP3

"Charlie Brown, Pato Fu e Raimundos tocam melhor e são mais originais que o pessoal dos anos 80"

Se a MTV te convidasse, você faria um acústico?
[illegible] gosto deles, não [illegible] vou lá, [illegible]. Não concordo com a [illegible] MTV [illegible] todas as [illegible]das, edita[illegible] muito louca", mas ao mesmo tempo careta, corporativista, com uma pseudo-ética.

Esse seu rompimento com sua própria geração não te assusta?
Claro que sim. Mas não podemos dar mole pra Tropicália por uma questão de esgrima. Adoro o Caetano, mas tem que falar mal dele, dar um desprezo. Você não pode ser asseclа da geração dominante. Tem que dar porrada, senão você [illegible] ouvir de Caetano que Orlando Morais [illegible]gento. Que clarividência, que sensibilidade hein? Eu vejo uma sub[illegible] associação de pessoas [illegible]. Todo mundo [illegible] contra o rock'n'roll. Es[illegible] parada [illegible] morro de [illegible] feliz, estou [illegible] me rejuvenesce. [illegible] lúcido. Antes eu era um [illegible] de uma [illegible], de chorar pra fazer música. Agora não, sou um profissional de verdade.

E sua briga com as gravadoras, vai até aonde?
[illegible] Vou lançar [illegible] disco em MP3. Quero [illegible] Não tenho cara para ir ao [illegible] pra fazer [illegible] chamaram. Por isso [illegible] que a Internet [illegible]. Esse [illegible] é de sobrevivência. Tenho [illegible] até o final do ano e [illegible] com isso. Estou me achando o Chuck Berry: chego, plugo meu violão e toco. O que vai me deter? Não tem boicote. Estou me sentindo cheio de razão. Quando quiser me capitalizar, lanço meu [illegible]. Se tem 100 mil malucos [illegible] e 10 mil comprarem meu disco [illegible]pendente, fico rico. Eu sinto uma [illegible]mentação: leio fanzine, vou a rádio comunitária, pirateio a mim mesmo. [illegible] não? A gente não ganha nada [illegible] indústria mesmo. Tô a fim de [illegible] p***!

[illegible] tipo de som você anda escutando [illegible]?
[illegible]

Nenhuma banda nova?
[illegible] Charlie Brown Jr. Acho a [illegible] música do Pato Fu uma [illegible] melhor e são mais [illegible] pessoal dos anos 80. [illegible] rock como o dos Raimundos. [illegible] um era cópia do Duran Duran, outro do Police, o outro do U2. [illegible] mas cheios de pose. Agora [illegible] que são meio [illegible] racistas, mas tudo bem. Ouço N.K.L.C. *(projeto inglês)*, que mistura [illegible] eletrônica com cordas. O disco ao vivo do Portishead é lindo, maravilhoso, ela canta pra c***. A Björk [illegible]

[illegible] acha que o Brasil demora [illegible] absorver novas tendências?
[illegible] O comercial da Adidas na Copa [illegible] era Massive Attack. No [illegible] toca muito Placebo, parece que [illegible] da *Folha de S.Paulo* já. [illegible] um fenômeno esquisitíssimo. Se já [illegible] você está num [illegible] formol. Erra, mas pelo menos faz [illegible]

[illegible] errou?
[illegible] de São Paulo [illegible] rock. Eu falo mal, o Marilyn Manson [illegible] mal, John Lennon falou mal, Lenny [illegible] Jesus & Mary Chain, todo mundo [illegible] fazer uma entrevista pra *Revista* [illegible] comecei a falar sobre William Burroughs *(autor de Almoço Nu, expoente da geração beat)*. [illegible] "escritor não, o leitor quer rock". [illegible] Não tem ninguém mais rock [illegible] que Burroughs. Gravou um disco de poesia com o Kurt Cobain, [illegible] do U2, o filme *Matrix* é inspirado nele. Um jornalista não saber isso? Aí começa a ficar difícil. O rock precisa ser questionado. As melhores pessoas que fizeram rock'n'roll não se satisfizeram com isso. O rock, não raro, vira anúncio de iogurte *(cantando)* "Comida para quem precisa de iogurte, tome Dan'Up!"

O lobo contra-ataca

Cenas de um luau a portas fechadas

Lobão

[illegible]

Festa na floresta

A toada amazonense mostra a força de seus tambores num desfile impressionante

Anna Muggiati, de Parintins (AM)

Introdução do desfile do boi Garantido: êxtase coletivo e ritmo alucinante

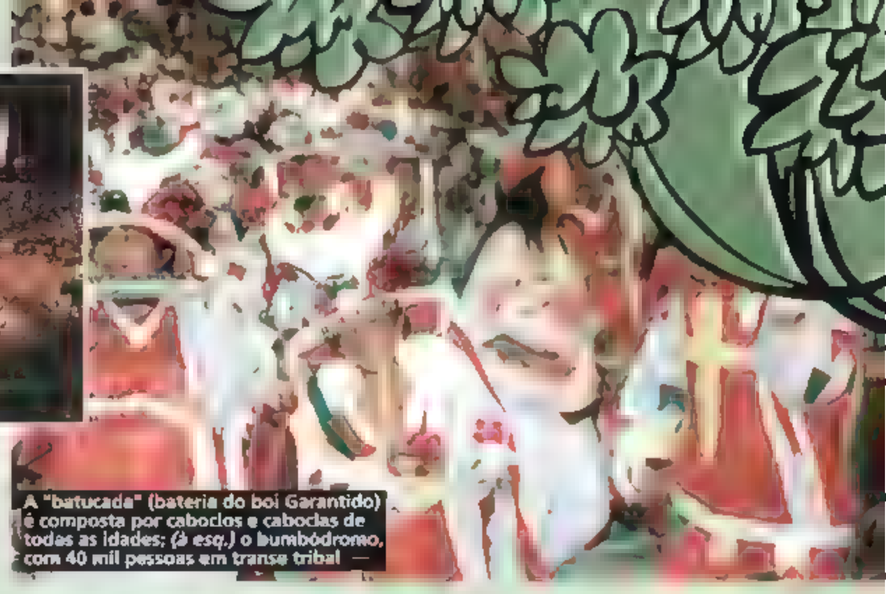
É programa de índio [illegible] pena [illegible] colorido na cabeça [illegible] calho na mão [illegible] gado. É programa também de caboclos [illegible] seringueiros e outros povos da floresta. Para o *kariwa* (homem branco, estrangeiro, em tupi) que acha que já viu de tudo, o festival [illegible] que acontece todo ano em Parintins (Amazonas, a 420 quilômetros de Manaus) é uma surpresa. Daquelas [illegible] para quem não tem preconceitos e gosta de viver emoções rítmicas fortes.

Sintetizadores e uma voz distorcida parecendo a de Laurie Anderson (ex-musa da vanguarda nova-iorquina dos anos 80) anunciam a passagem do boi Caprichoso, uma das duas agremiações que desfilam [illegible] local. [illegible] construída especialmente para o [illegible] Depois [illegible] de cobra gigantesca [illegible] corpo, [illegible] chamada "marujada de guerra", a bateria do Caprichoso.

O boi Garantido, que se sagraria campeão esse ano, entra com um boizinho [illegible] O levantador de toada (que atua como o puxador de escola de samba) sai do interior do coração da alegoria representando o velho Lindolfo Monteverde, o homem que inventou de fazer passear o boi [illegible] pela primeira vez em 1913. A competição profissional entre os dois bois só começou [illegible] em 1966 e acontece sempre nos dias 28, 29 e 30 de junho ▶

A "marujada de guerra" impulsiona o boi Caprichoso com um baticum selvagem: ela conta com 450 integrantes (o dobro de uma bateria de escola de samba) —

Pai Francisco e Mãe Catirina no auto do boi bumbá, ele mata o bicho para satisfazer o desejo dela, grávida: comer língua



A "batucada" (bateria do boi Garantido) é composta por caboclos e cabocas de todas as idades; *(à esq.)* o bumbódromo, com 40 mil pessoas em transe tribal —

O "levantador" do boi Caprichoso canta as riquezas da Amazônia

Além do visual psicodélico, o ritual exclusivo da ilha fluvial de Tupinambarana (também conhecida como Parintins) tem música marcada, arrastada e maneirosa. O boi, manifestação folclórica trazida do Maranhão durante o ciclo da borracha, no final do século passado, é febre total. Tem gente que viaja dezoito horas de barco pelo Rio Amazonas, vindo de Manaus. Sempre sob a temperatura equatorial de 30 graus.

A festa que toma a conta das ruas de Parintins conta com duas galeras claramente definidas. Fora do bumbódromo, homens de calção e meninas de biquíni, uma samunudez que faz lembrar as loucas festas regadas a música eletrônica de Ibiza (litoral da Espanha). Dentro, só trajes nas cores dos bois, mais pudicos. Apesar da divisão em facções, nada a ver com os bailes funk cariocas: as turmas ficam longe uma da outra, como torcidas de futebol. De um lado, os caprichosos. Do outro, os garantidos. Cerca de 40 mil pessoas dançam quase em transe.

Quem patrocina há cinco anos toda essa loucura, bem fim de milênio, é a Coca-Cola. [illegible] a imparcialidade nessa disputa entre cores [illegible] a filial brasileira da [illegible] proporcionou aos acionistas ame-

ricanos uma coisa impensável: exibir a marca mais poderosa do planeta em fundo azul. Suaram, mas conseguiram. Nos lados da torcida do boi Caprichoso, ela está lá, surpreendentemente adulterada. A Coca-Cola dá 275 mil reais para cada boi e, para divulgar o evento por todo o Brasil, construiu um resort-porto, o Kuat Clube, para onde leva 200 convidados – artistas, empresários e formadores de opinião.

[illegible]

Quando um boi passa, a galera que torce pelo outro baixa as orelhas. Qualquer manifestação, seja de simpatia, seja de ira, é contida durante cerca de três horas de espetáculo. Flagra-se gente do Caprichoso até fazendo palavra cruzada para não olhar o show do adversário.

A empolgação coletiva dispensa os adultivos ilegais que movem as raves: todos vão na base da cervejinha, da alegria e do próprio clima amazônico, que deixa o corpo brilhando de suor a noite toda. Em toda apresentação do boi, a cada capítulo da história uma música é apresentada. São ao todo treze temas para cada ano. Sempre há uma música forte de apresentação, outras no meio e a de encerramento. O povo faz coral afinadinho.

Tradicionalmente as toadas são músicas que carregam a história do povo amazonense. As letras invariavelmente cantam as riquezas do boi, sem duplos sentidos e – importante ressaltar – sempre fazendo algum sentido. O som que transborda do bumbódromo jamais foge da cadência rítmica da toada, mas é uma colcha de retalhos entrecortada por repentes nordestinos e flautas indígenas.

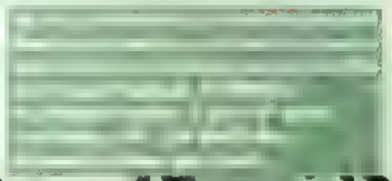
Tanto o Caprichoso como o Garantido absorveram, nos últimos anos, influências as mais diversas. Segundo Celdo Braga, músico do grupo Raízes Caboclas (que há dezesseis anos se dedica à música regional em seus formatos mais tradicionais), foi assim que os teclados e o charango, instrumento tipicamente andino, entraram para a festa. "É difícil encontrar uma cara musical da Amazônia. Existem muitos empréstimos de outras culturas."

Os mais atentos detectam que a toada anda bebendo demais na fonte da axé music. Mas quem faz garante que "toada é toada de boi e ponto final", como diz Mestre Didi, regente que segura o ritmo dos 400 componentes da "marujada de guerra" (a bateria do Caprichoso). "Preferimos evoluir sempre, a gente não pode parar. Por isso trazemos novos elementos sobre ritmo, como a paradinha no meio do toada", justifica. "A gente só quer inovar. Se algum ritmo pode nos influenciar [illegible] é o samba de verdade, sem nunca deixar de fazer o dois pra cá dois pra lá", diz o Mestre Didi.

O Garantido, porém, é mais ortodoxo e apegado ao ritmo tradicional. "Se depender de gente vamos manter a essência da toada para sempre", garante Izaías Ribeiro da Silva Neto, cearense que chegou a Parintins há dezoito anos e há dois dirige a "batucada", a bateria do Garantido. Segundo ele, o axé está presente nas pequenas bandas que se desmembram durante o ano, depois do boi. Defensor da presença do teclado e do charango, ele critica os adversários por tocarem "rápido demais, mais do que as bandas de axé".

Picuinhas à parte, Celdo Braga alerta para uma possível queda da qualidade nas toadas de boi. "Existe a busca do sucesso comercial, e nem sempre o resultado é um produto estético", comenta. Zezinho da Silva, do Carrapicho, conhecido no Brasil, na França e em vários países da Europa pelo grupo "Tic Tic Tac", aquele do "batuque no tambor", defende a evolução dos grupos de toada. "Desde que preservem a alma". Ele chama atenção para a autenticidade dos compositores e conta que "Tic Tac" foi inspirada no barulho dos remos entrando na água do barco. O autor, Mestre Braulino, é um pescador.

Zezinho conta que foi depois do sucesso do Carrapicho que o contrabaixo, o teclado e o baixo elétrico entraram na toada. "A gente precisava de peso para haver uma identificação do povo de fora com a [illegible] se a gente fizesse um trabalho puramente cabloco, indígena, ficaria legal, [illegible] ficaria somente ao público do Norte." Eletrificada, desplugada, modificada ou não, a toada mostra em Parintins uma força capaz de contagiar outras tribos urbanas do Brasil.



Isaías Neto, que comanda a "batucada" do boi Garantido, valoriza o ritmo tradicional da toada

Autor de "Fácil" e irmão de Rogério Flausino, do Jota Quest, Wilsom Sideral se lança ao espaço pop

por Terence Machado, de Belo Horizonte

Mano cósmico

Ele compôs – com o irmão, o vocalista Rogério Flausino, do Jota Quest – um dos maiores hits do pop nacional deste final de década. E foi fácil, extremamente fácil para um garoto vindo de Alfenas, no sul de Minas, que toca violão desde os 10 anos. Agora, ele tem pela frente uma tarefa difícil: batalhar um espaço no disputado cenário da música popular brasileira. Apesar do desafio, Wilsom não parece estar preocupado. Ele até adotou o sobrenome "Sideral", para exorcizar qualquer tipo de vodu ou mau-olhado que aparecer pelo caminho. "Quando a gente [illegible] em Deus, a gente [illegible] pro espaço, a coisa sideral", filosofa.

A carreira do mineirinho começou a decolar quando um amigo, Alexandre Mourão, o convidou para tocar num grupo de reggae. Wilsom aceitou, mudou-se para Belo Horizonte e foi por quatro anos guitarrista do Omeriah, com o qual gravou um CD. A "sideralidade" começou a ganhar forma assim que o músico deixou a banda, decidido a não se prender a nenhum estilo e assumir seu lado cantor. Daí em diante, foram dois anos ralando pelo interior de Minas – só no ano passado ele fez 98 shows. Justamente em 1998 rolou o sucesso "Fácil" e o contato com Luiz Felipe Barreto, diretor da rádio 98 [illegible] FM, de Belo Horizonte. [illegible] a carreira de Wilsom e a canção [illegible] o sucesso [illegible] do Jota Quest *De Volta Ao Planeta*. A catapulta estava armada e arremessou Sideral para dentro de uma grande gravadora, a Universal.

Hoje, com 24 anos, Wilsom Sideral é uma promessa do pop brasileiro e acaba de finalizar, em São Paulo, seu disco de estréia, que está saindo agora pela gravadora Universal. O CD *1* teve a produção do tarimbado Dudu Marote, que está se transformando numa espécie de amuleto da sorte para os músicos mineiros. O "café com leite" do produtor já rendeu discos de ouro (100 mil cópias vendidas) e/ou platina (250 mil) para Pato Fu, Jota Quest e Skank. Sideral está na fila!

As doze faixas do CD trazem [illegible] de influências [illegible] pelas quais Wilsom costuma navegar. A autobiográfica "Wilsom" abre o disco e carrega o groove setentista de Lenny Kravitz, enquanto o músico vai falando de todos os micos que pagou por causa da cabeleira e do visual diferentão. Quem mandou misturar num mesmo design referências das culturas hippie e clubber? A estética alternativa é fruto da consciência de que sucesso depende não só de talento, mas também de marketing pessoal. Wilsom abandonou os óculos e deixou o cabelo crescer. "O visual tem de vir junto com a atitude e a mensagem que você quer passar com a música. Ela é só (?) cinquenta por cento do negócio."

As outras onze músicas de *1* comprovam que a atitude e mensagem de Wilsom são mesmo espaciais. As faixas "Feliz", "Eu Fico Louco" e "Zero A Zero" concentram o lado eletrônico do disco, com loops e outros elementos do gênero. A veia nacional e regionalista do CD é refletida num "Xote Atômico", gravado com a participação de Oswaldinho Do Acordeon e o zabumbeiro Dió, numa ode a todas as mulheres do Brasil. Pra não falar de "Brasileiro", uma canção que joga pra cima a bola geral e chama atenção para o fato de que tem muita gente competente no país além dos ídolos nacionais. "Eles só lembram do Jobim, do Ayrton e do Pelé. Tem muito brasileiro bom de dança, bom de samba e bom de blues", aposta [illegible].

Depois do sucesso de "Fácil", o disco do Sideral não poderia deixar de ter uma sessão de baladas. *1* traz músicas lentas em variados estilos, entre elas "Bem Que Se Quis", de Nelson Motta, com sotaque blues, só com voz e violão. Numa levada mais soul surgem "Como Vai" e "Não Vou Dizer Adeus", esta última uma versão para "So Very Hard To Go", do grupo funk Tower Of Power, um dos melhores da década de 70. O único deslize na primeira grande [illegible] do músico é a balada "Eu Estarei Com Você", que ficaria melhor na voz da cantora Rosana. Mas, justamente por isso, a música pode acabar entrando para a trilha de alguma novela da globo. É o tal do marketing.

O importante é que *1* é um disco sólido do ponto de vista artístico e mercadológico. Wilsom está pronto para decolar. ☉

O look atual de Wilsom – uma aposta para o sucesso – e seus tempos de Omeriah (de gorro e óculos)

De Alfenas para a Nasa

Identidade: Wilson da Silveira Oliveira Filho
Quilometragem: 24 anos
Lugar: Alfenas (MG)
Profissão: Músico
Ferramenta: "Guitarra Fender Stratocaster, das antigas, de 1963. Violão também, né?"
Escola: "Renato Russo, Led Zeppelin, Roberto Carlos, James Brown, Luís Gonzaga, Bob Marley, Cazuza e muitas outras"
CD ou LP: "Led *IV*, Legião *Dois*, Lenny Kravitz *5* e Sideral *1*"
Música: "[illegible] tudo, 24 horas por dia"
Top Sideral: "Since I've Been Loving You", do Led Zeppelin, "Acrilic On Canvas", da Legião Urbana, "Brasil", de Cazuza, e "Fácil", de Wilsom Sideral e Rogério Flausino
Futebol: "Gaaaaalooooo! É Brasil"
Rango e cachaça: "Coisa boa, bom demais, Minas Gerais"
Política: "Uma coisa que o homem criou para organizar a vida, então por que tá tudo desorganizado?"
Sucesso: "O sucesso no Brasil é aquilo que está exaustivamente na mídia. E tem muita coisa que poderia ser sucesso, mas fica nos guetos"
A música do próximo milênio: "Vai ser a sideralidade da música, a eletrônica à disposição do acústico"

Original até o fim

Mark Sandman, líder do Morphine, morre no palco durante um show deixando uma obra que abre novos caminhos para o rock

Na década em que mais se falou em esgotamento do rock, ele forjou um som particular e criativo. À frente do Morphine, formação singular que incluía apenas bateria, saxofone e baixo de duas cordas tocado com bottleneck, Mark Sandman conseguiu uma mistura inclassificável do ritmo de Chuck Berry com jazz e blues. Nisso é importante salientar: movido por uma inquietude constante e, antes de qualquer coisa, musical. Sem a ânsia vazia pelo "novo" que caracteriza artistas menos talentosos.

A morte deste americano de 47 anos, na noite de 3 de julho no palco, em Palestrina, nos arredores de Roma (Itália), é uma notícia trágica. E que chega com um gosto ainda mais amargo para os brasileiros, que o veriam no Free Jazz este ano. O Morphine apresentava o segundo número da noite quando Mark caiu ao chão, após sofrer um ataque cardíaco fulminante. Alguns na platéia até pensaram que a queda fazia parte da performance, mas quando os companheiros da banda correram para acudi-lo, o fim da carreira de uma lenda do rock definitivo era inevitável.

O grupo nasceu em 1990, em Boston, nos EUA. Mark já havia lançado três albuns com a banda Treat Her Right e tocado com diversas feras ao longo de sua trajetória. Há doze anos, morou no Brasil. Estava desempregado e com uma grana sobrando quando decidiu passar um tempo na América do Sul. No Peru, conheceu um grupo de caras que o arrastou para o Rio de Janeiro, onde fixou residência em Copacabana e depois Santa Teresa (celeiro de hippies e músicos alternativos).

Aqui, Mark Sandman tornou-se admirador e conhecedor da obra de Chico Buarque – um passo adiante dos regulamentares Tom Jobim e João Gilberto, amados por todos os gringos. Fez jams com o saxofonista Leo Gandelman e tocou com diversas pessoas. "Era folk rock brasileiro e eu tocava piano. A gente ficava fazendo show em Niterói, não deu em nada... Não era um grande momento musical", lembrou ele, em bom português, durante entrevista a SHOWBIZZ em 1996. Sua maior saudade verdeamarela, conforme confessou, era do pastel de camarão.

O estilo diferente de tocar baixo foi inaugurado em *Good* (1991), primeiro disco do Morphine. Mark gravou o álbum inteiro usando apenas a corda mais grave do instrumento. *Cure for Pain* (1993), considerado a melhor obra do grupo, trouxe uma evolução: baixo com duas cordas. As músicas "Buena" e "Thursday" tiveram boa execução nas rádios e alavancaram as vendas do disco, que chegou a marca dos 800 mil cópias vendidas.

Em 1995, saiu o terceiro CD, *Yes*, em que Dana Colley faz sax alto e tenor soarem como guitarras enfurecidas. O trio, completado por Billy Conway na bateria, ainda lançou *Like Swimming*, em 1997, e "Early To Bed", também um videoclipe obtuso de efeitos especiais, em que um bando de criancinhas se apavora com as letras "dolorosas" de Mark, Dana e Billy.

No mesmo ano, saiu *B-sides And Otherwise*, cujo repertório consiste em sobras de estúdio, gravações ao vivo e músicas para trilhas sonoras de filmes – o Morphine era muito requisitado por Hollywood, emplacando sons em *Coisas para Se Fazer em Denver Quando Se Está Morto*, *Brincando de Seduzir* e *O Nome do Jogo*, entre outros.

Mark negava que o nome da banda tivesse relação com drogas ou estilo de vida junkie. O som, ele gostava de definir como low rock (algo como rock devagar). Sem Mark, é improvável que seus companheiros prossigam carreira sob o nome Morphine. O apreciador de boa música que correr atrás de *Cure For Pain*, *Yes* e *Like Swimming*, lançados aqui pela Natasha Records, não se arrependerá. Quem já conhece e o fã tem direito a uma despedida: em outubro, sai nos EUA um CD ao vivo, cujos *masters* haviam sido revisados e aprovados por Mark dias antes da sua morte.

O Morphine no palco: trio sem guitarras

O Suingue

de Baile

Pouco respeitado como gênero musical, mas cultuado pela nova geração hip-hop, o [redacted] – ou suingue – deu voz à periferia nos anos 70

por Sergio Barbo e Pedro Só

Se hoje esse interesse de alguma gravadora ou um ser só mais marketeiro de organização entre os artistas, o som que ficou conhecido nos bailes populares paulistanos como samba-rock ou suingue seria reconhecido e respeitado como um gênero musical brasileiro dos mais importantes. Tachados de imitadores de Jorge Ben, desprezados pela crítica e rechaçados pelos puristas do samba, os artistas que se dedicaram a esse som tiveram de se contentar em alimentar uma subcultura. Os anos se passaram, porém, e seus trabalhos continuaram fascinando gerações de dançarinos e músicos. E a força da subcultura hoje insiste em mostrar força fora de seus guetos, dando origem a sucessos como "Samba Rock Do Molejão", gravado pelo grupo carioca Molejo, e fundamental [illegible] das [illegible] contemporâneas.

[illegible]

O [illegible] rap estão mais do que ligados. [illegible] sempre umas quatro ou cinco músicas [illegible] samba-rock quando faço baile", informa KL Jay, DJ dos Racionais MCs. A [illegible] com o hip-hop é forte, porque [illegible], ele mesmo explica: "a gente [illegible] ajudaram a difundir o orgulho [illegible] no Brasil dos anos 70". Aliás, um [illegible] que seria de importância histórica [illegible] música popular brasileira quase [illegible] este ano: um disco de Jorge Ben [illegible] com os Racionais. "O Jorge e [illegible] conversaram bastante, mas não foi possível conciliar as agendas. De qualquer [illegible], acredito que esse encontro ainda pode rolar", comenta Airton Valadão Jr., empresário de Jorge.

A negritude celebrada no samba-rock faz a cabeça de gente como Marcelo Yuka, do Rappa, e Marcelo D2, que entendem a ponte entre o suingue de Bebeto ("um clássico", como elogia o vocalista do Planet Hemp), o samba soul e o pagode atual de qualidade. O Molejo, que já havia regravado "Pensamento Verde", do saudoso Branca Di Neve (um mito do samba-rock), e "Camisa 10" (de Hélio Matheus e Luís Vagner), deu uma força com seu "Samba Rock Do Molejão". "Nos intervalos dos shows sempre tocava esse tipo de música. Então, fizemos uma levada assim e misturamos com o nosso som", conta o vocalista Anderson. O Molejo tinha planos de fazer um disco inteiro com repertório samba-rock, mas vai incluir duas canções do estilo no próximo CD.

Em maio e junho, sua gravadora, a Continental, organizou bailes e concursos em casas noturnas de São Paulo para promover o "Samba Rock Do Molejão".

Apostando na revitalização do gênero, a gravadora Kaskata's, especializada em [illegible] e hip-hop, lançou há pouco [illegible] *Samba Rock – A Nova Mania* [illegible] em que grupos contemporâneos [illegible] Moleke Travesso e Cachasamba [illegible] hits de pista, como "Sabadá" (do [illegible]) e "Não Adianta" (do Trio Mocotó). [illegible] lembrar que um dos maiores [illegible] do pagode radiofônico, o Raça Negra, também teve uma [illegible] no sangue. Não por acaso [illegible] fundador e ex-integrante do grupo [illegible] o último disco do mestre do [illegible] Carlos Dafé.

[illegible] os bailes [illegible] samba-rock seguem há mais de duas décadas [illegible] ritmos que vão do rock [illegible] black music americana [illegible] brasileiras da bossa nova, do [illegible] e do partido-alto. Os DJs [illegible] tam para girar discos [illegible] de Ray Charles, Wilson Simonal, [illegible] Esperança, Originais Do Samba, Os [illegible] veis, tudo que tiver [illegible] processo essencial [illegible] deixa a imprensa fazendo papel de bobo toda vez que [illegible]

[illegible]

[illegible] samba-rock [illegible] muito [illegible] Jorge [illegible] Luís Vagner e Bebeto [illegible] hits para Bebeto [illegible] nos anos 60, diversos artistas que [illegible] Elvis Presley e João Gilberto no rádio conseguiram sintetizar a pluralidade musical da época unindo balanços nacionais e estrangeiros. Jorge Benjor (na época, Ben), a quem [illegible] atribuída a paternidade do [illegible] gosta do nome samba-rock [illegible] que lhe perguntam, fala em [illegible] "sambalanço" e [illegible] muita clareza. O homem-*songbook* Almir Chediak, professor [illegible] explica melhor: "De [illegible] começou a tocar [illegible] compas[illegible] so que alte[illegible]

[illegible] Abílio Manoel, Marku Ribas, Orlandivo [illegible] ativa [illegible] mas que ainda tem [illegible] a música brasileira. Acompanhe nas próximas páginas um pouco sobre essa turma pouco reconhecida ▶

Jorge, o gênio da raça

Jorge e sua batida revolucionaram o samba nos anos 60

"Quando faço show na periferia de São Paulo sou obrigado a mudar o repertório", conta o carioca Jorge Duílio Lima de Menezes. Jorge Ben por conta do sobrenome da mãe (de ascendência etíope) e, desde 1989, Benjor para não ser confundido com o americano George Benson na arrecadação de direitos autorais no exterior. Nascido entre 1942 e 1947 – as datas variam conforme a década da entrevista e o tema é tabu para o compositor –, ele é, queira ou não, mentor de todas as gerações suingueiras.

Criado no Rio Comprido, Zona Norte do Rio, desde menino dominou o pandeiro. Começou no violão tarde, aos 18 anos, quando foi servir no Exército – o que deve ter sido determinante no surgimento de seu estilo rítmico singular ao instrumento. Mas quando surgiu em 1961, no Beco das Garrafas, no Rio, alguns bossa-novistas torceram o nariz para sua música intuitiva e com letras aparentemente ingênuas. "Minha geração não entendeu a filosofia de poeta suburbano. A crítica era puritana *(ele quis dizer purista)* e não entendia meu som", lembra Jorge. Depois que o organista Zé Maria, do Copa Trio, registrou "Mas, Que Nada" e "Por Causa De Você, Menina" em seu LP *Tudo Azul*, Jorge conseguiu um contrato para gravar. Apoiado pelo conjunto Copa Cinco (do saxofonista J.T. Meirelles e do baterista Dom Um Romão), lançou um compacto ("Mas Que Nada"/"Por Causa De Você") e um LP, *Samba Esquema Novo*, que vendeu 100 mil cópias. Ainda em 1963, viria *Sacundin Ben Samba*.

A partir daí, Jorge seguiu renovando o samba. Com jongo e maracatu na mistura, promoveu uma aproximação do ritmo com o rock (na época, iê-iê-iê e *twist*) e a soul music – revolução que para muitos tem a mesma dimensão que a promovida por João Gilberto. Sem preconceitos, ao longo da carreira ele foi além, mexendo com música negra americana (jazz, funk etc.) e aprofundando a fusão com o pop via Jovem Guarda, para cuja turma foi empurrado depois que o pessoal da bossa nova o baniu.

A turma do samba-rock tem especial adoração por seu disco *Bidu – Silêncio No Brooklin*, de 1967, e pelos trabalhos que vieram depois com o Trio Mocotó. Nos bailes, a fase de Jorge preferida é a da virada dos anos 60 para os 70: músicas mais obscuras, como "Comanche" ou "Se Manda", fazem a moçada delirar.

UM VIOLÃO QUE NÃO VOLTA

Os suingueiros que foram acusados de imitar o cantor incomodaram mais alguns jornalistas do que ele próprio. "Esses artistas sempre gostaram do meu suingue e fizeram algo paralelo, interessante", elogia. Jorge aponta as influências jazzísticas como seu grande diferencial. "O dia em que ganhei do meu irmão mais velho *Milestones*, do Miles Davis, mudou minha vida."

Desde 1976, a partir do disco *A Banda Do Zé Pretinho*, porém, o funk é o elemento mais forte em seu som. "Se colocar um ganzá e uma percussão no rock ele pode virar samba. Com o funk, que tem mais suingue, a coisa é mais fácil", explica Jorge, justificando seu fascínio.

Respeitadíssimo no exterior, Jorge Benjor é ídolo de um grande renovador do pop americano: Beck Hansen, que fez uma canção, "Tropicalia", mais próxima do suingue do Babulina do que de Caetano e Gil.

Com um álbum inteiro de inéditas debaixo do braço, Jorge atualmente negocia com gravadoras. Sem interesse em voltar a tocar violão em projetos acústicos, ele prefere olhar para o futuro.

Luis Vagner, o guitarreiro

...ma música "Guitarreiro" define bem ...mba-rock: "Naquele tempo eu gostava dos Beatles/ mas tinha uns nego véio ...e eu gostava muito mais/ (...) Sou ...rreiro brasileiro, toco ...mba". Assim, este gaú...o de Bagé passeia naturalmente pelo rock, soul, ...mba, xote e reggae, com ...ual também tem muita ...ntificação. "O lado ne... do Sul jamais foi ex...o, mas é algo muito ...ente no meu som", explica.

...ra ele, Benjor escreveu em 1981, "Luis Vagner Guitarreiro". "O Jorge vi...ssistir aos shows do meu grupo, Os ...s, nos anos 60", recorda Vagner, que ...anos 80 chegou a participar da banda do Babulina.

...e veio com seu grupo para São Paulo em 1966 e tocou com a turma da Jovem Guarda. Depois, passou um tempo no Rio no lendário Solar da Fossa, um ...ço-pensão em Botafogo, onde conviveu com Tim Maia, Hyldon, Caetano Veloso e outros.

Tocou, produziu e compôs para Simonal, Tony Tornado e Lady Zu. Teve sucesso como "Guitarreiro" (Franco), "Espelho Mágico" ("espelho meu, espelho meu/ diga se no mundo existe alguém/ mais louco do que eu", hit com Silvio Brito) e "Como?" (gravado por Paulo Diniz e Bebeto), além das parcerias com Hélio Matheus (em "Camisa 10") e Bebeto (em "Segura A Nega").

Seus sete discos solo não tiveram tanta repercussão e, em 1989, Luis foi morar na França, onde ficou por dois anos. Atualmente, ele negocia com gravadoras um novo CD.

Luis Vagner em 1976: suingue gaúcho de Bagé

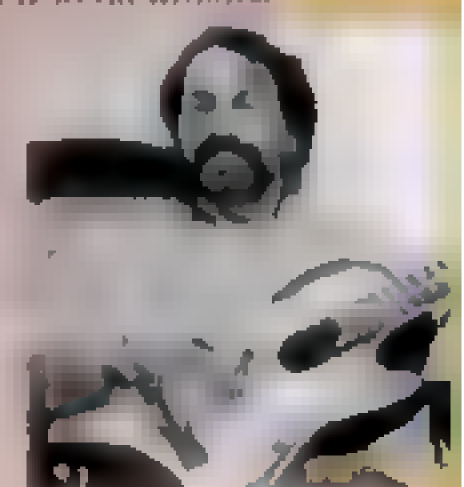
Bedeu, o pioneiro

Bedeu nos anos 70: ingredientes ... no balanço

Bedeu diz que inventou o suingue quando compôs "Menina Carolina", em 1967. "O Jorge Ben não tinha aquela pegada na época. O meu estilo era mais suingado", justifica, reproduzindo as diferentes batidas com a voz.

Nascido há 52 anos com o nome de Jorge Moacir da Silva, chegou em 1960 a São Paulo, onde atuou como baterista em boates. Em 1975, formou a banda Pau-Brasil com outros músicos gaúchos (entre eles, o velho parceiro Alexandre). Em vez da bateria, definiram a percussão com timba e surdo, aproximando-se do som do candombe uruguaio (gênero afro parente do samba).

O Pau-Brasil gravou dois LPs – o último em 1978 – que se tornaram referência para sambistas. O refrão da música "Grama Verde", por exemplo, foi adaptado pelo Negritude Jr. no hit "Tanajura". O maestro Jobam, que trabalhou com Bedeu e Bebeto, hoje é requisitado arranjador de pagode.



Bedeu foi gravado por Jair Rodrigues, Wilson Simonal, Branca Di Neve e, claro, Bebeto... Morando em Porto Alegre... o elogiado *Swing Popular Brasileiro*, que traz participações de Luis Vagner e de Alexandre ▶

Branca Di Neve, o mito

Branca em 1986: voz inimitável precocemente calada

Divulgação

Morto em 1989, aos 37 anos, de aneurisma cerebral, o paulistano Nelson Fernandes Moraes é a figura mais cultuada do samba-rock. Com sua voz curtida em Minister e conhaque de alcatrão, ele deixou musicas como "Lábios De Mel" e "Pensamento Verde" – aquela do refrão "Sabe quem perguntou por você?/ Sabe quem perguntou por você?/ Ninguem!", regravada pelo Molejo em 1995) –, aclamadas como classicas do gênero.

Branca Di Neve começou acompanhando Luis Vagner e tocou surdo para Bebeto, Franco e o grupo Pau-Brasil. Antes de virar artista solo, acompanhou também Nara Leão, Toquinho e Baden Powell, e participou da Banda Do Zé Pretinho (de Jorge Ben) e dos Originais Do Samba.

Em 1986, vendeu 65 mil cópias de seu primeiro LP, *Branca Mete Bronca* (que trazia uma bela versão de "Nego Dito", de Itamar Assumpção), e foi aclamado como novo rei do samba-rock. Morreu quando finalizava *Branca Mete Bronca Vol. 2*, mas o disco, que trazia composições de Bedeu e Luis Vagner, foi editado com a voz-guia.

Orlandivo, a voz do balanço

Orlandivo em 1961 e hoje (à dir.): pronto para ser redescoberto

Cortando as sílabas de sambas malandros com gingado especial e marcando o ritmo com um chacoalhar num molho de chaves, este catarinense de Itajaí marcou a música brasileira no princípio da década de 60. Não por acaso, seu primeiro LP (de 1961) chamou-se *A Chave Do Sucesso* – a performance, inspirada no barulho de fósforos do bamba Cyro Monteiro, era mesmo um diferencial.

Craque em onomatopeias ("Triplectuplin", tradução genial de um sucesso "Bolinha de Sabão", gravado por Sonia Delfino e pelo Trio Esperança), Orlandivo foi *crooner* do grupo de Ed Lincoln por 10 anos. "Era os reis dos bailes", lembra. Hoje aos 62 anos, retomando a carreira, ele vem se apresentando com ex-colegas da banda, que agora se chama Orlandivo & Ipanema Dance.

Paralelamente ao trabalho como *crooner*, fez jingles e atuou em chanchadas e humorísticos de TV. Compôs mais de 250 musicas e por pouco não foi o primeiro a gravar "Por Causa De Você Menina". "Achei que o Jorge cantaria melhor do que ninguém o 'você' da letra e disse [illegible] que vai ficar".

Uma das parcerias de Orlandivo com Arnaud Rodrigues, "Vê Bate Pa Tu", foi hit no Brasil e na Europa. Escrita para o programa de Chico Anysio nos anos 70, toca até hoje nos bailes e seria sucesso de novo se alguém arriscasse uma releitura.

A pedidos dos produtores ingleses Joe Davis e Roc Hunter, a música "Onde Anda O Meu Amor" (de seu quarto e último disco, *Orlandivo*, de 1976), foi regravada especialmente para o novo álbum do grupo Azymuth. Os britânicos, responsáveis pela retomada da carreira de Marcos Valle, querem fazer o mesmo com Orlandivo. "Me pediram para gravar um disco novo", anima-se ele.

Hélio em 1973: sua "Camisa Dez" fez a cabeça de D2

O polivalente Hélio Matheus

[illegible]rsátil, ele compôs toadas, modas [illegible]ma, sambas e alguns rocks. Consagrou-se no balanço, em sucesso como "[illegible]la" e "Camisa 10" ("Eu e camisa dez/ seleção/ laiá-laiá-laiá" – regravada por Marcelo D2), que este carioca se orgulha de ser melhor. Gravou pouco: nove compactos, um LP e um CD. O LP, *Hélio* [illegible]s, é de 1975, tem participações do parceiro Luis Wagner e do grupo Azymuth e mescla samba soul com [illegible]das. Foi o mais caro da RCA brasileira até então. Tem dezenas de músicos, orquestras... nem coube todos os [illegible] na ficha técnica", conta Hélio, [illegible]ora em São Paulo e não grava [illegible] todos os dias.

Bebeto, o injustiçado

Estigmatizado como imitador de Jorge Ben – "Se Ben Motta chegou a participar em programas de TV na década de 70", conta – este carioca radicado no Rio há 27 anos talvez seja o artista que melhor encarna o espírito do samba-rock. Ou melhor, do sangue, como ele prefere chamar. "O Luis Vagner, o Bedeu e eu criamos esse gênero para definir nosso som balançado. Nos inventamos essa palhetada na guitarra", assume. "Sempre fui roqueiro, mas gostava de música brasileira e de cantar em português, então, inconscientemente, fui criando algo novo", explica.

Ele assume a influência de Ben, como também de Roberto Carlos, Wilson Simonal e Jackson Do Pandeiro, mas alega que seu estilo é outro: "Minha voz e minha palhetada são diferentes. Eu toco meio marcha, faço o ritmo na guitarra, ele tem uma coisa meio Trini Lopez". Bebeto começou como guitarrista acompanhando artistas na boate Stardust, em São Paulo. Virou cantor meio por acaso, depois de convidado a gravar jingles. Seu primeiro LP saiu em 1975 pela Copacabana, fazendo sucesso com "A Beleza É Você Menina" e "Segura Nega" (que teve seu nome original, "Cutuca A Nega", censurado). Nos 22 outros discos que vieram depois, seguiram-se "Menina Carolina", "Minha Preta", "Neguinho Poeta" e outros clássicos. Há pouco, Bebeto participou do projeto *Discoteca Do Chacrinha*, com "A Beleza É Você Menina" e "Charlie Brown". Um CD altamente recomendável com seus sucessos é a coletânea da série *Preferência Nacional* (EMI). Ídolo de toda uma nova geração de pagodeiros, mantém uma boa média mensal de shows. "Me recuso a tocar nas rádios, minhas músicas são cantadas por garotos de 20 anos. Deve passar de pai para filho", teoriza ele, contente. Um novo disco, com participação de Ed Lincoln, deve sair em outubro ▶

Bebeto em 1982: suingueira black power

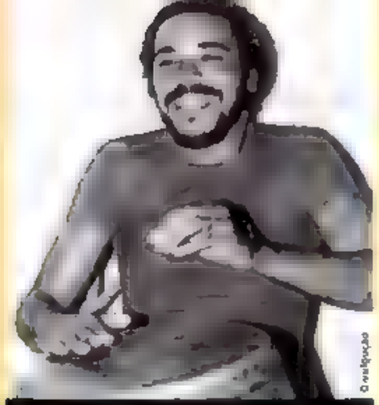
Luciano Coelho

Trio Mocotó, o ritmo de Jorge

Formado pelos percussionistas Cássio Luís Fritz "Lacraia" (tantã) e Nereu "Gargalo" (pandeiro) mais o paulista João Parahyba (na tuba), o Trio Mocotó lançou três álbuns influentes misturando samba com jazz, rock e soul. Os músicos se encontraram em 1968 na casa de shows da boate O Jogral, em São Paulo, um dos maiores celeiros do sambalanço – foi ge Ben costumava fazer jams la [illegible] te. "Nós o acompanhávamos", lembra Fritz. A projeção veio no Festival Internacional da Canção, em 1969, tocando "Charles Anjo 45" com Jorge. Foram o suporte rítmico do cantor até 1972, participando de discos importantes como *Força Bruta*. Trabalharam também com Abílio Manoel, Chico Buarque e a dupla Toquinho & Vinícius.

O único de seus discos em catálogo é o segundo, o excelente *Trio Mocotó* (de 1973). A faixa "Não Adianta", de seu homônimo terceiro disco (de 1977), pode ser encontrada em coletâneas piratas. Com João Carnavalesco no lugar de Parahyba, esse derradeiro LP teve orquestrações gravadas na Itália e foi editado em vários países. "O disco é tão moderno que 'Não Adianta' toca mais agora do que na época", conta Fritz.

Em 1980, gravaram com Dizzy Gillespie, mas desconhecem o atual paradeiro do material. Dois anos depois o trio se desfez. Fritz e Nereu continuam tocando em bares paulistanos, enquanto Parahyba lançou dois discos solo e acompanhou Ivan Lins, César Camargo Mariano, Al Di Meola, entre outros. Para este ano, porém, eles preparam o retorno do trio na formação original.

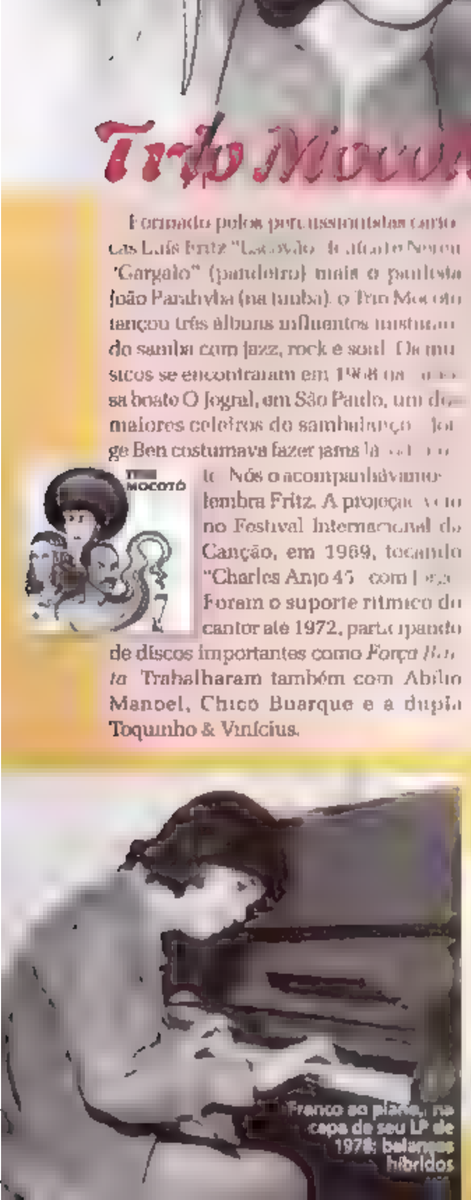


Marku Ribas, sangue do Caribe

Marco Antonio Ribas – Marku Ribas ou simplesmente Marku nasceu em Pirapora (MG), circulou pelas rodas pós-bossa do Rio de 1968 – "Antonio Adolfo foi uma referência para mim, muito mais do que Jorge Ben" –, mas saiu para rodar o mundo, detendo-se particularmente na Martinica. Voltou ao Brasil em 1972, cantando afro-sambas e funk à caribenha.

Registrada em dois discos pela Copacabana (atual EMI), e contando com a participação da banda de Erlon Chaves e de João Donato, a mistura caribenha dessa fase caiu no gosto dos curtidores de bailes. Pioneiro, Marku também gravou em 1973 "Meu Samba Reguê", um dos primeiros reggaes feitos no Brasil. Com sorte, é possível encontrar uma boa coletânea sua em CD: *Seleção De Ouro – 18 Sucessos*. Em 1984, participou como baterista do chipe feito no Rio para "Just Another Night", da estréia solo de Mick Jagger. No ano seguinte, tocou percussão em "Back To Zero", faixa do disco *Dirty Work*, dos Stones.

Morando em Belo Horizonte, ele se prepara agora para lançar o álbum *Lavras Livres*, o 13º de sua carreira.



Franco: no meio do furacão

Nascido na Itália, ele veio para Porto Alegre aos 8 anos. Foi baixista do grupo Os Brasas e estourou em 1975 cantando "Rock Enredo". Os êxitos se seguiram com "Black Samba" e "Rock Do Rato", dois álbuns e catorze compactos, quase sempre acompanhado por Luís Wagner (guitarra), Bolão (sax) e Branca Di Neve (surdo).

"Hoje a gente tem certeza do quanto o pessoal do suingue foi importante para a música brasileira. Sintoniza[illegible] mas foi uma época difícil. Tinha problemas com os caras de rock e com os caras do samba, porque a gente não estava fazendo nem uma coisa nem outra", lembra Franco Scornavacca, hoje empresário de Zezé Di Camargo & Luciano.

Ed Lincoln, rei dos bailes

Disputados nos sebos, seus LPs contêm hits instrumentais que até hoje animam salões. Eu fazia bossa em bailes para dançar, por isso tinha um estilo dançante", racionaliza este cearense de 67 anos que hoje faz música orquestral.

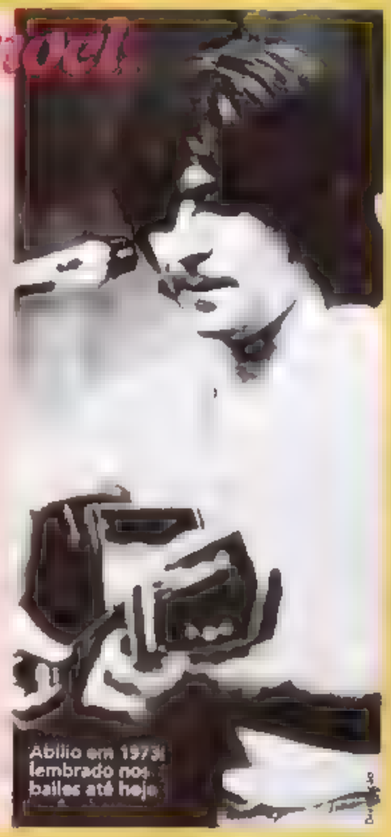
Eduardo Lincoln Barbosa veio para o Rio em 1951, para cursar arquitetura. Logo começou a tocar baixo e formou um grupo com o pianista Luis Eça, pelo qual passaram João Donato, Milton Banana e Baden Powell. Certa noite, na boate Drink's, o tecladista Djalma Ferreira estava doente e Ed foi intimado a assumir as teclas. Nunca havia tocado órgão antes, mas a partir daí não largou mais o instrumento.

Nos anos 60, seu grupo de baile foi uma escola por onde passaram Eumir Deodato, Wilson Simonal e Tony Tornado, entre outros. Em 1969, quando lançou o primeiro selo independente do país, o Savoya Discos.

Pouco famoso no samba rock nacional, ele foi descoberto por DJs ingleses a partir da música "A Vida Em Seus Motivos Diz Calma", incluída numa coletânea de música brasileira editada pelo tradicional selo de jazz Blue Note. A faixa fazia parte de seu LP homônimo (de 1975), que tinha participações de Hermeto Pascoal e do guitarrista Heraldo Do Monte. Na época, seu estilo foi comparado ao de Wilson Simonal, e a canção "Balanço" fez sucesso.

Pernambucano, Di Melo veio para São Paulo no fim dos anos 60, recomendado por Jorge Ben. "Toquei na boate O Jogral, com toda aquela rapaziada", lembra. Excursionou com Jorge e com o Trio Mocotó no Japão, onde gravou um disco. Fez também um álbum com Geraldo Vandré que nunca foi lançado. Trabalhando na capital paulista há vinte anos como *marchand*, não voltou a gravar música, este ano com um CD homônimo, ou lançar, *Distando Estava*.

Abílio Manoel: aluno de Jorge



Inscreveu "Pena Verde" no 2º Festival Universitário, da TV Tupi, em 1969, sem muita esperança. No ano seguinte estava no México, onde havia ganho uma bolsa de estudos, quando a canção, hoje um clássico do samba-rock, atingiu o primeiro lugar nas paradas. "Tive que voltar correndo", lembra o cantor.

Nascido em Lisboa, Abílio veio para São Paulo aos 6 anos e logo aprendeu a gostar de Noel Rosa, bossa, marchinhas, Beatles. Fez sucesso em outras praias com a toada "Andréa" e o tema "Bom Dia Amigo", regravada até por Silvio Santos nos anos 70. Mas hoje é lembrado pelo som que, confessa, aprendeu durante o convívio com Jorge Ben em noites históricas na boate O Jogral.

Gravou ao todo trinta compactos e dois LPs – alguns deles chegam a custar 80 reais em sebos. Voltou em 1998, após catorze anos longe dos estúdios, com o CD independente *Voando Baixo*. Hoje trabalha mais com jingles, mas uma coletânea da EMI, *20 Sucessos De Abílio Manoel*, traz "Pena Verde", "Luiza Manequim" e outros de seus sucessos nos bailes.

Dez suingues inesquecíveis

- Jorge Ben – "O Namorado Da Viúva"
- Abílio Manoel – "Pena Verde"
- Bebeto – "Segura A Nega"
- Trio Esperança – "Noves Fora"
- Cleo Galante – "Ah! Se Eu Soubesse"
- Os Incríveis – "Vendedor De Bananas"
- Ed Lincoln – "Meu Querido Amor"
- Orlandivo – "Bolinha De Sabão"
- Franco – "Rock Enredo"
- Luís Vagner – "Guitarreiro"

Playboy visado

A imprensa inglesa não o perdoa, mas o milionário Jay Kay, do Jamiroquai, segue dançando e andando – de Ferrari

por Valeria Rossi

Jay Kay: "Só porque falo em ecologia não posso dirigir minha Ferrari?"

A [illegible] do [illegible] ria das pess[illegible] se apr[illegible] anos e [illegible] reira [illegible] um relacionamento estável [illegible] própria [illegible] um carro na garagem. Nesses parâmetros, Jason Kay, de 29 anos, cantor e líder do Jamiroquai, [illegible] comum. A não ser por dois ou três detalhes: sua carreira envolve mais de [illegible] milhões de cópias vendidas (1 milhão de quarto álbum, *Synkronized*, primeiro lugar das paradas britânicas já na semana de lançamento, em junho), a namorada, Denise Van Outen, ex-apresentadora de TV, é uma das *pin ups* mais desejadas da Inglaterra, e a casa é uma mansão de 72 hectares entre Londres e Oxford com lago e uma garagem onde [illegible] realizou duas Ferraris, dois BMW, um Lamborghini Diablo SE-330, duas Mercedes Benz, um Aston-Martin e [illegible] motocicletas.

Jay, como é mais conhecido, está [illegible] e não tem vergonha de ficar [illegible] [illegible] seus poucos desgostos é [illegible] que recebe nos tablóides e [illegible] musicais da Inglaterra. A [illegible] contradição entre sua vida de playboy e a pretensa imagem de artista preocupado com ecologia e os perigos da engenharia genética – o hit "Virtual Insanity" [illegible] sobre isso, mas poucos fãs [illegible] ter reparado na letra enquanto se [illegible] de tanto dançar) é explorada [illegible] pelos jornalistas britânicos, que não o perdoam por se embalar [illegible] sempre que fala em sua crença [illegible] extraterrestre e na admiração que tem pela cultura indígena americana [illegible] nome Jamiroquai vem da tribo [illegible].

"Sei que não sou a pessoa mais coerente do mundo. Mas a imprensa daqui [illegible] e gosta de me atacar pelo [illegible] consegui. Só porque eu era um [illegible]. Por que eu deveria me [illegible] por ser bem [illegible] o que faço e ter sucesso? Só porque de vez em quando falo em ecologia as pessoas acham que podem me denegrir porque gosto de dirigir Ferraris? Talvez eu devesse morar num barraco para deixar os meus críticos satisfeitos", [illegible] Jay, horas antes de encerrar a temporada britânica de seu show na Wembley Arena, uma espécie de Maracanãzinho londrino, onde tocou duas noites com lotação totalmente esgotada.

DE TROMBADINHA A MILIONÁRIO

Filho de uma cantora de jazz inglesa, Karen Kay, com um português que nunca chegou a conhecer, Jay se considera um sobrevivente. Assim como Elvis Presley, tinha um irmão gêmeo, que morreu aos 6 meses de idade. Vivendo em Londres desde os 11 anos, o cantor [illegible] de casa aos 16, já fascinado por skate e break. Morou em diversos *squats* (apartamentos ocupados ilegalmente), foi entregador de pizza, fez uns bicos como trombadinha do Primeiro Mundo, dormiu em carros. Chegou a lançar um single de hip-hop em 1986 antes de fundar, três anos depois, o Jamiroquai.

"Eu estou na Black Entertainment Television, revistas [illegible] negra que nunca tiveram um cara branco na capa querem que eu pose para eles. O que isso faz de mim? Um cara confuso. Eu sou um cara confuso!", assume Jay em entrevista à revista americana *Hot Gun*. [illegible] o primeiro a negar que seu groove [illegible] dançante a bam esteja fazendo [illegible] de uma nostalgia discotheque. "A energia daquela época não pode ser [illegible] neste mundo frio de hoje. Mas eu quero fazer coisas que façam as pessoas dançar, coisas que me façam me[illegible]ver. Não estou aqui para fazer música de trilha sonora para as depressões dos outros. Quem quiser ficar se lamuriando pelos cantos que compre algum [illegible] indie."

Para quem o acusa de ser retrô, Jay rebate com comparações entre o som black dos anos 70 com a house e o jungle. "Será que daqui a vinte anos alguém vai [illegible] essas coisas? Eu apenas gosto do que é bom."

VINGANÇA CONTRA EX-BAIXISTA

O maior recalque do artista é com o ex-baixista de sua banda, Stuart Zender (noivo da All Saints Melanie Blatt), expulso em duas músicas de *Synkronized*, "King For A Day" e "Black Capricorn Day". Por causa da saída de Zender, o Jamiroquai resolveu retocar todo o último álbum em poucos dias. "Eu já estava sacando que ele queria me [illegible] porque consigo ver através das pessoas, sabe? Foi a maior sacanagem. O disco estava todo pronto quando o Zender saiu e, como todo mundo da banda ganha *royalties* independentemente de quem escreveu a música, a gente decidiu refazer todo o [illegible] para ele não levar sem merecer", diz Jay.

Jay Kay e seus colegas, rumo à conquista da América – com shows no Brasil em agosto

Nos planos para este ano está [illegible] [illegible] diferente. "[illegible] a gente já est[illegible] anos [illegible] e agora acho que [illegible] de conquistar a América [illegible] para 1999", avisa ele. Na semana de lançamento, *Synkronized* chegou à vigésima oitava posição dos mais vendidos nos EUA.

Em agosto, Jay Kay, suas trancinhas e sua coleção de chapéus desembarcam no Brasil pela segunda vez. Para quem se decepcionou com os shows em 1997 no Free Jazz, ele promete compensação. "O nosso repertório está muito forte agora. Vai ser bem melhor. Nossa música tem influências do Brasil e da América Latina, vamos caprichar."

Michael Stipe ao vivo: a galhada cor-de-rosa é mero efeito cenográfico

Pé na estrada

De ânimo renovado, R.E.M. inicia, na Europa, longa turnê que pode incluir o Brasil

Michael Stipe chega à mesa do [illegible] restaurante do hotel [illegible] escoltado pela relações-públicas da gravadora e pelo amigo e tecladista do Faithless, Jamie Catto. "Jamie vai [illegible] aqui para ver Michael trabalhar, tá?", avisa a engomadinha da Warner antes de desaparecer atrás de um garçom. "É que a gente não se vê há muito tempo", justifica Michael. A verdade é que, com a aparência [illegible] letrista do R.E.M. parece que está em dia de não dispensar apoio moral. Enquanto Jamie observa a entrevista sem emitir um pio, Michael, na defensiva, se abraça como a um escudo a uma caixa de ampliações de fotografias que, entre uma pergunta e outra, trata abrir sem deixar escapar uma espiadela sequer aos repórteres (são quatro na mesa, dois de SHOWBIZZ e dois da Polônia). E, claro, antes de mais nada, pede um chá.

Há [illegible] dias que o R.E.M. estava na estrada para promover o disco *Up*, numa turnê que a banda jurou que não ia acontecer. Depois do [illegible] o trio composto por Stipe com o guitarrista Peter Buck e o baixista Mike Mills fez o segundo show londrino, antes de embarcar para o festival de Glastonbury, um dos mais tradicionais da [illegible] [illegible].

Como está sendo tocar ao vivo pela primeira vez sem Bill Berry (baterista que deixou a banda antes das gravações do último álbum, Up)?

Michael Stipe: Está tudo bem. Já se passaram dois anos, sabe? A gente superou isso.

Neste último disco, por causa da ausência de Bill, vocês tiveram que usar bateria eletrônica em boa parte das músicas. Você acredita que esse [illegible]

Com exceção de "Radio Free Europe", que foi o nosso primeiro single em 1981, usamos bateria eletrônica em [illegible] discos que fizemos. A diferença nesse disco é que, sem um grande baterista no estúdio e pelo fato de que Peter (*Buck, guitarrista*) não estava querendo tocar muita guitarra, os recursos eletrônicos aparecem mais [illegible]. Para nós, a mudança de direção não foi muito radical. Reconheço que o álbum soa muito diferente, mas isso se deve à maneira como foi mixado. No entanto, não sei se vamos nos mover mais para o lado da música eletrônica.

Num primeiro momento, no lançamento do álbum, vocês disseram que não sairiam em turnê este ano. O que os [illegible]

Não. O disco está [illegible] Não tanto quanto *Out Of Time*, mas isso não é o parâmetro pelo qual nós julgamos se um disco é bem sucedido ou não. Respondendo à primeira pergunta, nós três sempre soubemos que queríamos tocar esse disco ao vivo, só não sabíamos como nem quando.

A A[illegible]

Estamos conversando neste exato momento. Eu quero muito, muito tocar por lá. É trabalhoso, porque nós não aceitamos nenhum tipo de patrocínio de marcas de cigarro ou bebida e é muito difícil fazer shows naqueles países sem recorrer aos cigarros Hollywood ou coisa que o valha. Mas eu conversei com os caras do U2 e [illegible] outras pessoas que lidam com gerenciamento e estamos tentando chegar a um denominador comum para levar o nosso show ao Brasil, entre outros países.

[illegible] que você segura uma caixa de fotos. Algum [illegible]?

[illegible]

Você declarou várias vezes que ressente o fato de a imprensa se referir a você como uma pessoa enigmática, por achar que se trata de um eufemismo para rotulá-lo de homossexual. Você anda mais disposto a falar abertamente sobre a sua sexualidade?

Já estive um pouco mais, mas a imprensa deturpa muito o que eu falo nessa área e [illegible] Por isso tenho evitado falar sobre isso.

[illegible] gosta de sair pelo mundo tocando?

Eu adoro viajar e ao mesmo tempo odeio viajar. Sair em turnê parece muito glamouroso, mas não é nada disso. Tem [illegible] correria e ao mesmo tempo muitas horas de espera. Às vezes você tem que correr sem parar para ir de um lugar a outro e há outras horas em que o tempo todo se resume a esperar [illegible] algo aconteça [illegible] rivelmente entediante.

[illegible]

Milos Forman me ligou antes mesmo de começar a escolher o elenco, para [illegible] se nós estaríamos interessados em fazer a trilha sonora. Ele queria usar o título de nossa música como título do filme e eu fiquei muito honrado. Eu pensei que se Milos Forman vai estar envolvido nisso vale a pena participar. Passamos toda a primavera [illegible] trabalhando na trilha e estou muito satisfeito com [illegible].

[illegible]

Eu não [illegible] um filme [illegible] porque Andy Kaufman (*comediante americano sobre quem é baseado o filme*), de quem eu sou um grande fã, não é um assunto que costuma render muitos filmes. Por isso estava preocupado em que a escolha fosse acertada. A princípio achei que Jim Carrey não fosse certo para o papel, mas eu estava errado. Ele [illegible] fez um trabalho [illegible]. E olha que eu sou rigoroso [illegible]!

[illegible]

Eu gosto muito da Beta Band (*aclamada banda escocesa de pop viajandão*). Mas para ser honesto, não estou muito na crista da onda. Tenho andado tão ocupado me preparando para a turnê, que não tive tempo de ouvir muita coisa nova. Normalmente coloco um som que não exige concentração, como Aphex Twin, e simplesmente deixo rolar.

"Sempre soubemos que queríamos tocar esse disco ao vivo, só não sabíamos como nem quando..."

Michael Stipe

PERIGO DE EXTINÇÃO

Numa Jamaica em convulsão social, morre mais um ... do reggae: Dennis Brown

por Otavio Rodrigues

Dennis Brown no Via Funchal, em São Paulo, no dia 22 de maio de 1999

O cantor Dennis Brown morreu na Jamaica dia 1º de julho, aos 42 anos de idade ... Continuava cantando bem como sempre – isso foi registrado na SHOWBIZZ de junho em reportagem sobre o festival Sunsplash em São Paulo. Poucos no mundo do reggae gravaram tanto: foram 78 álbuns em trinta anos! Em 1966, aos 9 anos, Dennis já estava cantando com uma banda de bairro chamada The Falcons. Descoberto por Clement "Coxsone" Dodd, do Studio One, um dos mais poderosos produtores da época, entrou em estúdio e não parou mais.

Seu primeiro álbum foi *No Man Is An Island* (1970) e o último ... Bem antes disso já haviam saído três: *Generosity*, *Got To Have Loving* e *Love Is So True*. Dennis ... sempre fosse ... Além de Clement Dodd, ... sua voz caras como Niney, Holness, ... Holt, Joe Gibbs e Sly & Robbie. Cantava com muita gente, mas afinou mesmo com John Holt e Gregory Isaacs, com quem formava uma dupla ... – os Blood Brothers. Na opinião de Bob Marley, Dennis era um dos melhores. Para os estudiosos do gênero, era o herdeiro de ... que começou com Alton Ellis nos anos 50, continuou com Slim Smith e John Holt nos anos 60 e depois, durante os anos 70, com Jacob Miller, do Inner Circle, morto num acidente de carro em 1980.

No Brasil, seu trabalho foi descoberto por meio de algumas coletâneas que saíram na metade dos anos 70 e, depois, nos excelentes álbuns *Words Of Wisdom* e *Joseph's Coat Of Many Colours*. E acabou consagrado em vários shows e festivais que rolaram por aqui nos últimos dez anos ... como "Sitting and Watching" ... versão do Cidade Negra ... Viagem ... no disco *O Erê* ... "Revolution" ... "Should I" ... imaginário de qualquer ... Mas ... isso tem o ver com ... careta que ... "Boy Wonder" (Menino prodígio), como Dennis era chamado. Os ... anos, todo mundo ... chegados num ... forte, quase sempre ... nas sombras das árvores ... montanhas do interior da ilha ... ser proibida por ... desde 19... indica (que ... potente ... *Cannabis sativa* consumida no Brasil) tornou-se um sacramento dos adeptos ... rastafarianismo, religião ... surgiu entre os jamaicanos no início deste século ... a história ... Não se ouve ... de ninguém morrer por conta desses cigarros ... No Brasil, eles ... a ser vendidos em farmácias ... como "cigarros índios". Agora ... disseminação absurda da cocaína ... para citar as mais comuns ... Dennis Brown era viciado em crack e, ao que tudo indica, ... por conta disso.

... para entender: Existem três ... no mar azul do Caribe. Uma é a ilha paradisíaca de praias exclusivas, apartamentos com ar-condicionado e serviço 5 estrelas que fica entre os altos muros dos hotéis do tipo *all-inclusive* (tudo incluído). Outra é a Jamaica dos encartes de discos de reggae, com imagens poéticas, bandeiras coloridas, ... espetaculares e papos sobre vibrações positivas.

Dennis: tragédia jamaicana

Fumegando nos anos 70

MORTES EM SEQUÊNCIA

A terceira é a Jamaica de verdade, uma ilha com históricas taxas de desemprego, favelas gigantescas e poderosos traficantes de armas e drogas ... no Caribe e também em algumas das mais importantes cidades americanas (um dos bairros mais perigosos de Nova York, por exemplo, chama-se Jamaica).

[illegible]

Junior Braithwaite, que cantou com Bob Marley, Peter Tosh e Bunny Wailer nos anos 60, ... Kingston ... depois, outro ... Henry "Junjo" Lawes ... em Londres ... com gangues ... Los Angeles ... o produtor Harry Johnson, que nos anos 70 trabalhou com Bob Marley, Johnny Nash e com o próprio Dennis Brown, também morreu baleado em Los Angeles, em circunstâncias misteriosas. Buju Banton, que fez nome cantando contra homossexuais, ... tanto mulheres como ... está envolvido num ainda mal explicado tiroteio em Kingston 8, um dos distritos barra-pesada da capital jamaicana, onde ele nasceu e foi criado. ... a coisa acabou mal ... homens e mulheres feridos gravemente.

Tudo por causa de ... câmera de vídeo ... primeiro-ministro ... Patterson ... comandantes ...

[illegible]

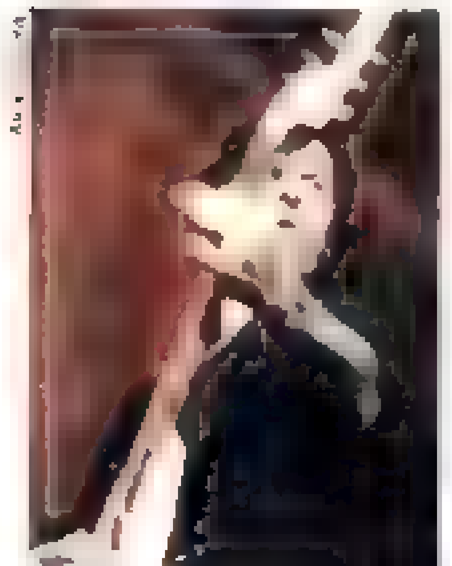
O jovem Dennis, em foto de seu primeiro LP

...para você entender o

Metal melódico

Que gênero é esse que faz jovens cabeludos e vestidos de preto se esg[illegible] como platéia de programa de auditório?

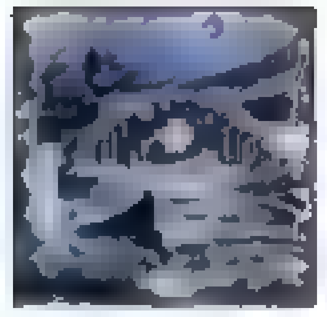
Como assim melódico? Heavy metal não é aquele gênero em que só se grita e se faz barulho nos instrumentos? Quem tem um mínimo de conhecimento musical sabe que não, que entre aqueles cabeludos com cara de malvado e suas guitarras distorcidas há bandas que primam por melodias fortes em suas canções, não importa o quão pesado seja o som.



Markus Grosskopf (abaixo) e Michael Weikath, estrelas do Helloween

O heavy metal (a expressão, inventada pelo escritor americano William Burroughs, foi associada ao rock depois de inclu da na letra de "Born To Be Wild", que fala de um "trovão do metal pesado", o som de motocicletas) surgiu das escalas pentatônicas típicas do blues, tocadas por guitarristas como Jimmy Page, do Led Zeppelin, e Jimi Hendrix. Depois, outros nomes incorporaram ao estilo outros tipos de formação musical.

"Meu artista favorito é Johann Sebastian Bach", não se cansa de dizer o guitarrista Ritchie Blackmore, do ex-Deep Purple. Principalmente no Rainbow, banda que formou após sair do Purple pela primeira vez, Blackmore foi um dos pioneiros da influência da música erudita no rock pesado. O Queen, com os vocais e o piano de Freddie Mercury e o toque erudito de canções como "Bohemian Rapsody", também ajudou a pavimentar o caminho. Logo surgiu uma corrente — que hoje vive mais uma grande onda de popularidade, principalmente na Europa, no Japão e no Brasil — de guitarristas fãs dos compositores barrocos Vivaldi e Haendel e cantores com voz operística que enchem de matizes melódicos um gênero musical visualmente marcado pelo negro das roupas.

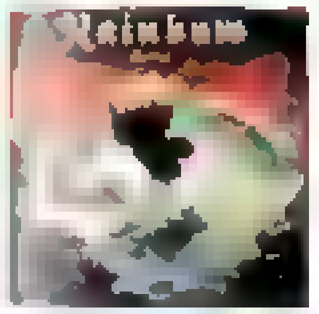


FATES WARNING
Awaken The Guardian (1987)
Metal Blade

[illegible] terceiro disco da banda americana que [illegible] Iron Maiden [illegible] cantor John [illegible] provoca [illegible] fãs [illegible] Nas [illegible] letras [illegible] Fata Morgana [illegible] Hells [illegible]

HELLOWEEN
Keeper Of The Seven Keys, Part 1 (1985)
RCA

A banda que melhor reflete o metal melódico [illegible] sua melhor formação com este clássico. O guitarrista Kai Hansen, que mais tarde deixaria a banda para formar [illegible] Gamma Ray, [illegible] também [illegible] forma um duo infernal com Michael Weikath, [illegible] Markus Grosskopf [illegible] Schwichtenberg [illegible] Michael Kiske [illegible] "Halloween", são clássicos do heavy metal.



RAINBOW
Rainbow Rising (1976)
Polydor

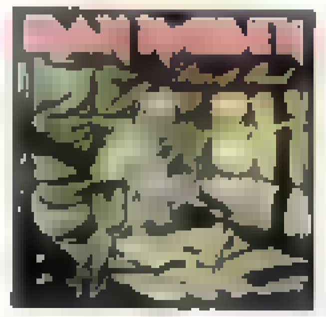
Após uma [illegible] estréia com *Ritchie Blackmore's Rainbow* [illegible] hard rock [illegible] Purple [illegible] Ronnie James Dio [illegible] já experiente com os anos no grupo [illegible] com CDs de hoje [illegible] lírico que surgiria.

MANOWAR
Into Glory Ride (1983)
Geffen

Tudo bem, os caras se fantasiam de guerreiros vikings [illegible] visual [illegible] show [illegible] de Eric Adams e composições fortes como [illegible] DeMaio [illegible] guitarrista Ross The Boss [illegible] chorar, de tão belas.

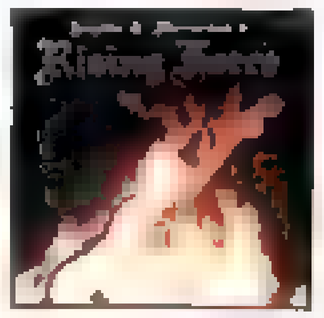
VIPER
Theatre Of Fate (1989)
Rock Brigade

[illegible] Matos [illegible] com o estilo, ainda de fraldas na década de 80. As guitarras de [illegible] Felipe Machado [illegible] Love Again [illegible] mais charme no disco.



IRON MAIDEN
Piece Of Mind (1983)
EMI

Depois de um começo [illegible] metal mais [illegible] o segundo com o cantor Bruce Dickinson [illegible] Canções como "Flight Of Icarus", "Where Eagles Dare" e "Revelations" começavam a [illegible] *The Number Of The Beast*. Ao lado deste [illegible] álbum seguinte, *Powerslave*, *Piece Of Mind* [illegible] trilogia em que [illegible] Steve Harris [illegible]

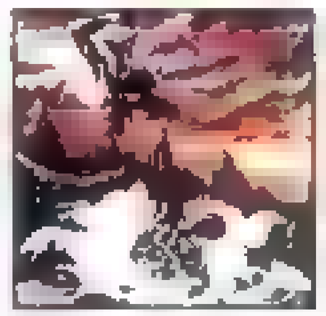


YNGWIE MALMSTEEN
Yngwie Malmsteen's Rising Force (1984)
PolyGram

Aos [illegible] o astro [illegible] Alcatrazz [illegible] grandes guitarristas [illegible] te comparadas com o trabalho de compositores [illegible] Bach [illegible] *Marching Out*, também é clássico, mas o [illegible] Yngwie [illegible]

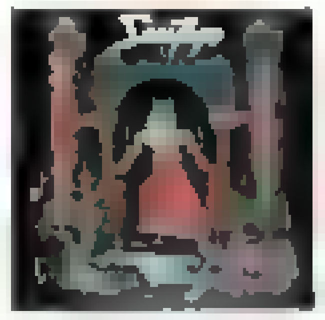
KING DIAMOND
Them (1988)
Roadrunner

O [illegible] gia de metal melódico. Em mais [illegible] que brilham o guitarrista Andy [illegible] Mikkey Dee [illegible]



DIO
Holy Diver (1983)
WEA

[illegible] Rainbow e o Black Sabbath [illegible] Ronnie James Dio [illegible] White [illegible] 20 anos. Vivian [illegible] dou a transformar o disco em um clássico [illegible] Rainbow [illegible] metal [illegible] cara. O Dio foi uma das primeiras bandas [illegible]



SAVATAGE
Hall Of The Mountain King (1987)
WEA

[illegible] melódicas. Os [illegible] Oliva (teclados e voz) destilam grandes canções [illegible] da banda que [illegible] sexteto [illegible] discos. O clipe da faixa-título, uma his [illegible] obra [illegible]

Pop fora de ordem

Ele não consegue organizar, mas ama com paixão e ciúme o imenso acervo que reuniu em suas muitas viagens

Zeca Camargo exibe um de seus queridinhos: o single em vinil de "Hand In Glove", dos Smiths

Não existe outro Zeca Camargo diferente daquele que deu uma letra sacudida no *Fantástico*. Com a lo-[illegible]neira, atendendo o contador ou sendo entrevistado por colegas de profissão, ele é educado, atencioso e [illegible], fala mais e [illegible] o que a molha. Difícil é fazê-lo achar seus discos prediletos – há tempos Zeca desistiu de guardar a coleção em ordem alfabética. "Tenho uma porção de singles também, mas como está tudo zoneado, eles ficam escondidos. O legal do single é a possibilidade de virar a música do avesso. Com o remix de 'Devil's Haircut' de Beck, feito pelo Aphex Twin, por exemplo, você pensa: 'Que música é essa?'."

Na sala principal de seu pequeno e aburguesado apartamento em São Paulo, há um bom número de CDs, mas eles não chegam a um quarto da quantidade que fica na salinha menor, segundo quarto da casa e refúgio oficial de Zeca. "É onde eu mais fico, geralmente lendo e ouvindo música." O espaço reduzido é compensado pela vista deliciosa – um jardim superbem cuidado pelo dono da casa. "Comprei esse apartamento por causa do jardim. Na planta ele não faz parte da área total, mas só eu tenho acesso a ele", explica.

Entre CDs, antigos vinis e singles, há uma profusão de fitas cassete. Discman, ele não tem [illegible] algum disquinho. "E não tem som no meu carro, que é para não ter o que roubar. Me viro andando de walkman pra cima e pra baixo, ouvindo fitas que eu mesmo preparo." Zeca deixa o gravador rolando enquanto se prepara para dormir. "Como acordo muito cedo *(ele faz natação diariamente às 7h30 da manhã)*, quando dá 1h30, 2 horas da madrugada, já tô desmaiando de sono."

CDs comprados na viagem para a Itália no Natal passado ainda estão na pilha dos "por ouvir", no móvel desenhado pelo próprio jornalista. "Achava que essa estante ia resolver meu problema. Claro que não resolveu, já está tudo lotado, mas pelo menos agora tem espaço para andar."

Isso porque no fim do ano passado ele fez [illegible] caridade em plena redação do *Fantástico*, distribuindo mais de 500 CDs. "Fiz a pilha com aquele critério: 'Este um dia posso ouvir, aquele nunca vou ouvir'. Mas tinha coisa boa, não era só lixão, porque muitos eram discos que comprei nas minhas viagens e quando voltava para o Brasil a gravadora lançava e me dava outro igual." Viagem, aliás, Zeca tem feito mais do que sua natação. "Hoje posso me dar a honra de chegar a uma Tower da vida e esnobar tipo 'Não tem nada que eu quero daqui' *(risos)*. Claro que tem, mas não como em tempos em que viajar e disco importado eram luxos." A primeira vez que foi para Londres, de 1982 para 1983, trouxe noventa discos [illegible] foto com todos eles. Nunca [illegible] esse recorde.

Dos alguns vinis, Zeca foi se livrando e trocando por CD, mas os de valor sentimental ainda completam a decoração e, de vez em quando, são ouvidos numa vitrolinha vermelha – daquelas de criança. "Tem umas coisas bobas dos anos 80 que alguém nunca se preocupou em relançar em CD. E outros que marcaram a minha vida, como Smiths, Young Marble Giants, o single do 'Blue Monday' (do New Order), coisas que você olha e fala: 'Não dá pra jogar fora'." A coleção tem de tudo, do clássico ao eletrônico. "Gosto de pop, mas pop para mim é qualquer coisa que bate no ouvido e dá para cantar junto."

[illegible] le disco no escuro – e algumas bombas, consequentemente. "Viajando para o Japão, por exemplo, você tem uma manhã pra entrar numa loja e enlouquecer, então acaba ouvindo uma música de cada disco e [illegible] que Deus quiser." Para evitar mais surpresas, Zeca tem [illegible] CDmania [illegible] cando [illegible] que está [illegible] aquele que você [illegible] vez. Tenho um pouco de [illegible] três vezes [illegible]!

Na bagunça, os discos [illegible] [illegible] cano [illegible] exagera [illegible] em coisas [illegible] para tirá-los daqui [illegible]

Letícia Calmon

Prateleira especial

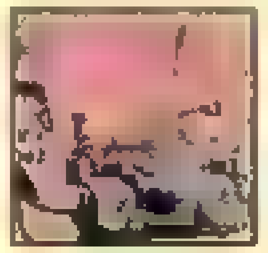
ISAAC HAYES
Greatest Hits
"É simplesmente a melhor música pra trepar do mundo. E eu aconselho uma coletânea, que pega os maiores sucessos e garante a noite inteira *(Muitos e muitos risos)*. Mas qualquer disco vale. Eu, pelo menos, tenho todos dele! Depois que comecei ouvindo isso, mudou minha vida. [illegible] coisa antes e depois de Isaac Hayes."

YOUNG MARBLE GIANTS
Colossal Youth
"É [illegible] mais simples que você vai ouvir. São dois caras e uma menina [illegible] dois [illegible] instrumentos são simples [illegible] Inspirou gente pra [illegible] desde Kurt Cobain até uns [illegible] *(N. do Ed.: Renato Russo [illegible] do grupo pop que marcou [illegible] alternativa americana dos anos 80)* [illegible]"

THE SMITHS
Meat Is Murder
"Eu estava em 1984 em Londres e não se falava em outra coisa na cidade. Eu, que já gostava de Smiths, quando ouvi o disco, enlouqueci definitivamente. É a prova de que dá para fazer rock'n'roll e mandar uma mensagem sem ser careta. Morrissey pra sempre!"

TALKING HEADS
The Name Of This Band Is...
"Nunca uma banda soou tão espontânea, tão vibrante. É seguramente o melhor ao vivo da minha coleção, o melhor ao vivo da minha vida."

BECK
Odelay
"Disco importantíssimo para os anos 90. O Beck quebrou todas as regras, misturou tudo e, sabe o que é mais legal? Ele não tá nem aí pra nada! Não liga pra p[illegible] nenhuma."



MALCOLM MCLAREN
Duck Rock
"É o primeiro cara que v[illegible] misturar world music e pop. 'Buffalo Girls' é um clássico que todo mundo ouve até hoje. Mas o resto do disco, que ninguém pára pra ouvir, é muito mais genial do que a própria 'Buffalo'. E sintonizou hip hop, world music, pop e juntou tudo. É pré-Beck, pré-tudo, esperto pra c[illegible]"

Target internacional

Há quatro anos, o **Maybees** era apenas uma turma de calouros que animava sa raus de universidades, munida de vi ões e bongô. Os guitarristas Mauro Motoki e Habacuque Lima, responsáveis por todas as composições do grupo, de xaram Brasília para fazer o Terceiro Grau em São Paulo. Conheceram o baixista Eduardo Filomeno e Vanessa Krongold, uma garota cujo timbre vocal lembra muito o de Natalie Merchant (ex-10.000 Ma... ...) iniciaram uma série de apre- ...ções acústicas.

...o no primeiro show como Maybees, antes de Rodrigo Falcão assumir a bateria, ficaram em segundo lugar num festival promovido pela USP. Eletrificado, o grupo seguiu apresentando seu pop rock influenciado por Beatles, Blur, Weezer e Pixies (o nome Maybees foi tirado de um verso de "U-Mass", música do quarteto americano) em bares da capital paulista, tendo sempre nos amigos da faculdade um público fiel.

O ... que veio quando soltaram o primeiro álbum, *The Maybees*, em agosto de 1998. A estréia foi recebida com enorme simpatia pela crítica, que produziu matérias sob títulos como "Maybees apontam o rumo para o rock independente". Essa consagração ajudou e também atrapalhou o quinteto, que passou a ser visto com uma ... desconfiança por outras bandas do circuito alternativo, onde, afinal, não era ... conhecido (sua platéia era basicamente formada por colegas de classe).

Longe de querer dispensar o carinho da ..., os Maybees cada vez mais ... com a página que possuem na Internet, criam produtos para divulgação (camiseta, adesivo, button, ímã de geladeira, frisbee) e combinam o figurino dos shows. "Somos uma banda vaidosa", opina Vanessa, enquanto os rapazes preferem usar "elegante" para definir o grupo.

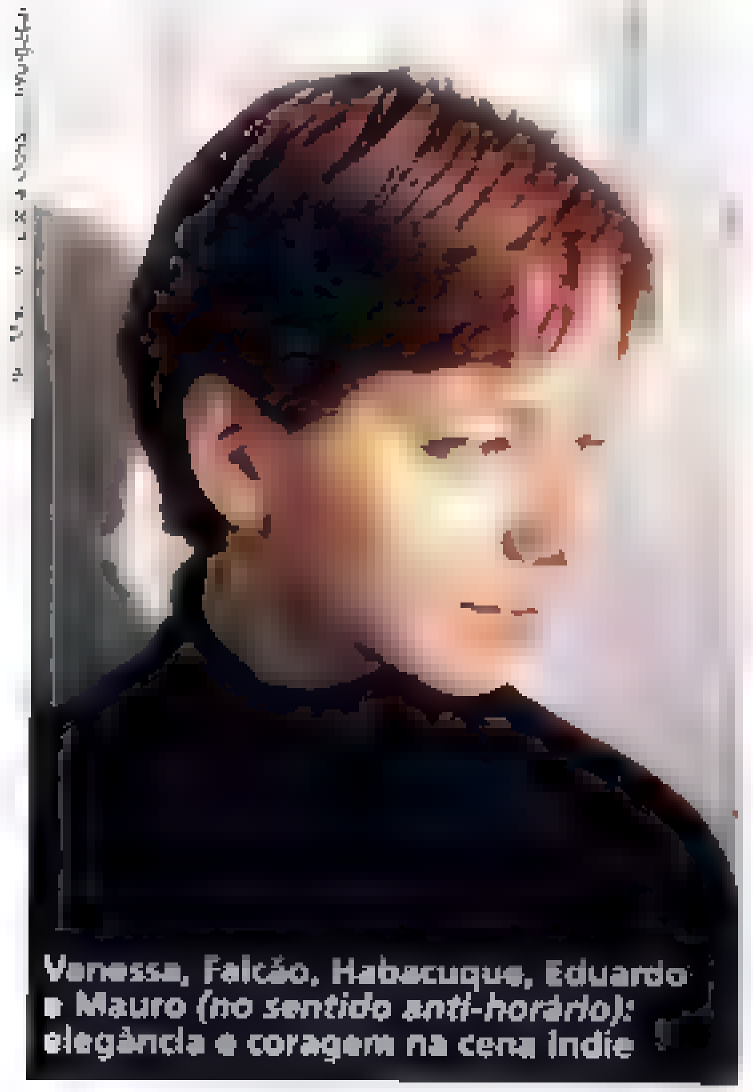
O Maybees é a prioridade na vida dos cinco, todos publicitários, mas com empregos maleáveis. São mais de cinquenta músicas compostas e quase 100 shows registrados. Já estão burilando um segundo álbum, mas não admitem trocar de idioma. Desde o princípio, cantam em inglês, apesar de estarem cientes de que a opção pode dificultar a trajetória da banda. O que eles pensam disso?

Habacuque: "Parece que vamos ter de ser reconhecidos lá fora antes de conquistar o Brasil."

Mauro: "Se todo mundo está cantando em português, então não há espaço para quem canta em outra língua?"

Vanessa: "Não podemos ter limites, temos que fazer o quisermos."

Contatos: (011) 5051-2767
site: www.maybees.com.br


Vanessa, Falcão, Habacuque, Eduardo e Mauro *(no sentido anti-horário)*: elegância e coragem na cena indie

The Darma Lóvers: budismo pop

Voz, violão e incenso

...tória do **Os The Darma Lóvers** ...ou quando o monge Chagdud ... Rinpoche deixou o Tibete em 97 e ...ou no interior do Rio Grande do ...vagando entre Três Coroas e Novo ...burgo. "Eu tinha uma banda de ...e não sabia mais o que fazer", ...o discípulo Nenung, que, inspirado ...s ensinamentos do mestre tibetano, ...u uma nova carreira. Nenung é ...nsável pelas letras, voz e violão e ...parceira Yang Zam completa o duo ...ndo vocais de apoio e incensando o ...ente. A proposta desses budistas é ...car a psicodelia do rock dos anos 60 ...o som "moderno" de Beck e Blur ...aram um CD demo no início de junho ...ito canções, cujo destaque é uma ...ão para "Eleanor Rigby", de Lennon ...cCartney. A opção pelo esquema ...tico tem facilitado a vida do Darma ...o show pode ser levado para ...quer lugar. Já abriram para o eterno ...nk Wander Wildner (Replicantes) ...e apresentaram em cursos de ioga.
...ntatos: tels. (051) 347-4537
...051) 593-1409

A PB se inspira na literatura beatnik para fazer música

Rock em nível superior

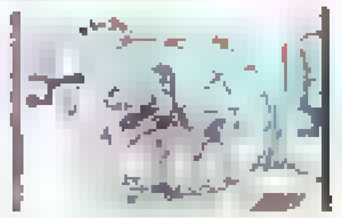
... **PB** ... ...dos anos 80, até mesmo o brasileiro ... Legião Urbana e Cazuza. "A ... música sem pretensão de criar algo novo", diz Pi..., que, apesar da humildade, ... a literatura beatnik, Jorge Luis Borges e Jean Genet para escrever ... letras ... tanto em ... como em português ... dos EPs *PB* e *5 Canções de Emergência*, com repertório ... em planos ... lançar um "álbum de conti...", intitulado *Histórias Sem Va...*

...e Silvio (baixo), se formou em arquitetura. O vocalista P... e o baterista Meta ... Pi... também forçou a banda ... dos anos em que morou na Inglaterra. A temporada serviu para que o cantor trouxesse elementos de britpop para o som da PB. Mas o trabalho desses ...

Contatos: tel. (011) 295-3696, e-mail pbmail@mailexcite.com

Raio-D Um exame nas fitas-demo mais interessantes do mês

Bulimia



Som: Punk rock hardcore
Origem: Brasília, DF
Auto-retrato: ... influenciado por ...FX e Dead Kennedys, com letras de protesto, anti rock besteirol e com temática ... Pra combater o hardcore machista ...
Resumo crítico: A demo do Bulimia é um ... me musicado. Os berros atingem a ...dem dos Músicos do Brasil, o grupo é o ... e quem mais aparecer na frente das ...tas, que transpiram progesterona.
Produção: Regular
Contatos: tel. (061) 225-8699; e-mail bulimia@mailcity.com

Walden

Som: Pop barulhento
Origem: São Paulo, SP
Auto-retrato: Bateria eletrônica + efeitos diversos ... guitarras dedilhadas e distorcidas + pop sujo de letras bucólicas ... + fake bossa nova"
Resumo crítico: O título da fita, *Moonrise in Outerspace*, ... dá uma entregada. Walden é um projeto paralelo de César, da banda Moonrise, destinado a fãs de experi... ...ock
Produção: Regular
Contatos: tel. (011) 523-9312, e-mail ...o_bosque@hotmail.com

Os Ambervisions

Som: Surf music com punk
Origem: Florianópolis, SC
Auto-retrato: "O versão pura e energia em shows sob influência de punk dos anos 70, como Dead Boys, e reis da surf music, tipo Dick Dale e Link Wray"
Resumo crítico: Os Ambervisions ... som que remete a Man Or Astro Man... A predileção do trio é por músicas instrumentais, mas "Zé Do Caixão" e "Vaca Holandesa" possuem letras, e ...
Produção: Excelente
Contatos: tel. (048) 983-1586, e-mail zimmer@matrix.com.br

ACÚSTICO MTV
OS PARALAMAS
DO SUCESSO.
UM SOM PARA OUVIR DE JOELHOS
os paralamas do sucesso
NÃO VACILE!
GARANTA
O SEU CD E
O HOME VIDEO.
PHILIPS ORGÂNICOS
EMI

Sangue e suingue

Notas de (D) a (H) dadas pelos críticos e colaboradores de SHOWBIZZ

Pedro Luís investe na variedade rítmica e confirma seu nome no primeiro time da nova MPB

PEDRO LUÍS & A PAREDE
Do 1 Real (B)
WEA

Pedro Luís faz parte da nova safra da nova MPB, que vem su[ingue] para conseguir [espaço] ao sol carioca. Aos 38 anos, [e]stimulando Pré-400 e [a]companhava o grupo [A]ssim Tal Banco [e]screveu pack [p]ara A Parede, es[t]abeleceu casados [c]om Astronauta Tropical e [l]ançou seu disco [d]e estréia (com perfume do Bec Jor) [e]m agosto. Cantor, compositor, [v]iolonista e produtor, [e]le é um dos artistas mais [e]ntusiasmados com a [n]ova geração. Seu disco [m]ostra que sabe o [q]ue quer.

Nas canções de "Olho Vivo" e "Ossos do Ofício", Pedro Luís [m]ostra a que veio. Em 1982 [e]ncantou o país com [o] MPB, seu guitarra de [m]olejo [e] cantor/compositor [d]e voz [r]ouca. Nos [a]nos seguintes, [t]ocou com [n]omes como [C]aetano [V]eloso, [G]ilberto [G]il, [M]ilton [N]ascimento, [C]hico [B]uarque, [G]al [C]osta, [G]ilberto [P]assos, [T]ulipa [R]uiz, [L]ulu [S]antos, [L]ecy [B]randão, [A]rnaldo [A]ntunes, [M]oraes [M]oreira, [P]aulinho [B]oca de [C]antor, [J]ards [M]acalé, [T]im [M]aia, [M]arisa [M]onte, [A]rrigo [B]arnabé, [P]aulo [M]oura, [P]aulo [B]astos, [C]ássia [E]ller, [M]arina [L]ima, [A]driana [C]alcanhotto, [C]ida [M]oreira, [M]arcelo [C]amelo, [P]aulo [C]ésar [P]inheiro, [T]eresa [C]ristina, [M]arcelo [B]ernardes, [M]arcelo [F]romer, [M]arcelo [Q]uintanilha, [M]arcelo [S]ilva, [M]arcelo [T]ranquilho, [M]arcelo [V]ianna, [M]arcelo [Y]uka, [M]arcelo [Z]arvos, [M]arcelo [A]lonso [N]eves, [M]arcelo [B]ernardes, [M]arcelo [C]ardoso, [M]arcelo [D]antas, [M]arcelo [E]lias, [M]arcelo [F]ernandes, [M]arcelo [G]omes, [M]arcelo [H]enrique, [M]arcelo [I]glesias, [M]arcelo [J]ardim, [M]arcelo [K]ayath, [M]arcelo [L]ima, [M]arcelo [M]artins, [M]arcelo [N]ascimento, [M]arcelo [O]liveira, [M]arcelo [P]ereira, [M]arcelo [Q]ueiroz, [M]arcelo [R]ibeiro, [M]arcelo [S]antos, [M]arcelo [T]avares, [M]arcelo [U]chôa, [M]arcelo [V]ieira, [M]arcelo [W]anderley, [M]arcelo [X]avier, [M]arcelo [Y]ared, [M]arcelo [Z]ero.

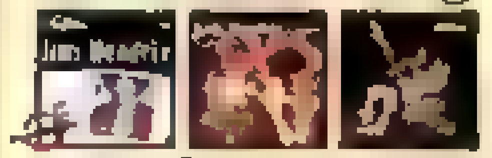
Tarik de Souza

... de responsabilidade nos ... essariamente a opinião ...

A genialidade canhota da guitarra de Hendrix

Todos os sons de Hendrix

JIMI HENDRIX
Experience Hendrix – The Best Of Jimi Hendrix (10)
Live At Woodstock (8)
Live At Fillmore East (9)



Está saindo no Brasil uma série de CDs e vídeos de Jimi Hendrix que permite avaliar os dois lados do artista. Ora quem está no comando é o Hendrix guitarrista, ora o compositor e arranjador. São três CDs – *Experience Hendrix – The Best Of Jimi Hendrix*, *Live At Woodstock* e *Live At The Fillmore East*, ambos duplos – e dois *home videos* (*Band of Gypsys* e *Live at Woodstock*).

Experience Hendrix é uma compilação que reúne o essencial do guitarrista. Tem faixas seminais como "Fire", "Foxy Lady", "Voodoo Child" e "Purple Haze", a rara "Dolly Dagger" e o hino americano tocado em Woodstock. Se a grana anda curta para comprar tudo, é um bom investimento.

Live At Woodstock é um registro completo do histórico show de Hendrix no maior festival da história, no dia 18 de agosto de 1969. Trata-se de um CD duplo com dezesseis faixas, sendo cinco inéditas. É um disco de transição. Depois de trabalhar com o baixista Noel Redding e o batenista Mitch Mitchell, resolveu dispensar o primeiro e formar o grupo Gipsy Sun And Rainbows com a adição do baixista Billy Cox, o guitarrista Larry Lee e dos percussionistas Jerry Velez e Juma Sultan. Em músicas como "Izabella", "Star Spangled Banner" e "Red House", tudo vai bem. Mas em "Jam Back At The House", a confusão de tantos instrumentos sem rumo e a guitarra desafinada de Lee põem tudo a perder. O vídeo é um registro desse show.

Da malfadada aventura nasceu a *Band Of Gypsys*. Insatisfeito com o resultado de Woodstock, Hendrix retornaria ao formato básico de power trio. No lugar de Mitchell, um novo baterista (e cantor), Buddy Miles. O CD duplo *Live At Fillmore East* foi gravado nos dias 31 de dezembro de 1969 e 1º de janeiro de 1970 em Nova York e tem dez músicas a mais do que *Band Of Gypsys*, o álbum que lhe deu origem. Coisas como uma versão rearranjada de "Stone Free", a ótima "Power Soul, uma "Voodoo Child" meio mal das pernas e as músicas de sotaque soul de Miles ("We Gotta Live Together", "Changes" e "Stop"). A verdade é que a *Band Of Gypsys* ainda estava anos-luz aquém do poder de fogo do *The Jimi Hendrix Experience*. No vídeo *Band of Gypsys*, os depoimentos de Slash (Guns N' Roses), Vernon Reid (Living Colour) e Lenny Kravitz tentam nos convencer do contrário, sob o argumento de que o novo trio teria mais soul. Não. A química entre Hendrix, Redding e Mitchell era insuperável.

Luiz Henrique Romanholi

GAY DAD
A Leisure Noise (4)
[illegible] IMPORTADO

[illegible]ses capricham no visual, esquecem da música

[illegible] é absolutamente [illegible] [illegible] Pra [illegible] [illegible] na bastante [illegible] [illegible] pop londrina, ou [illegible] vem com um punhado de [illegible] o menos um nome [illegible] imperativo [illegible] que [illegible] o Gay Dad escolheu o [illegible] caminho. *A Leisure* [illegible] disco de estréia dessa [illegible] uma das bandas que mais [illegible] espaço na imprensa [illegible] britânica (que adora [illegible] bandinha da moda, diferente toda semana) [illegible] mente [illegible] "Joy!" o se[illegible] [illegible] ter sido lançado, [illegible] [illegible] quando você está sem o walkman. [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] Com a exceção que essas capas tiveram (pontos também para a programação visual [illegible] [illegible]) não bastava eles terem vindo com algo mais do que umas guitarrinhas sem graça e uma fórmula [illegible] verso-refrão-verso de piloto automático. Com um pouquinho mais de originalidade, Gay Dad conquistaria o mundo – ou pelo menos as paradas da Europa. Para não ser cruel demais, "Joy" [illegible] [illegible] "Oh, [illegible]" promete bem também na área do pop. Dá [illegible] capaz de fazer você apertar a tecla "repeat" do CD player pelo menos uma vez. [illegible] "Jesus Christ" também tem um nome excelente. Vai ver eles são bons [illegible] nisso, inventar nomes. Mas só nisso...

Zeca Camargo

EMERSON, LAKE & PALMER
Then & Now (8)
Eagle/Roadrunner

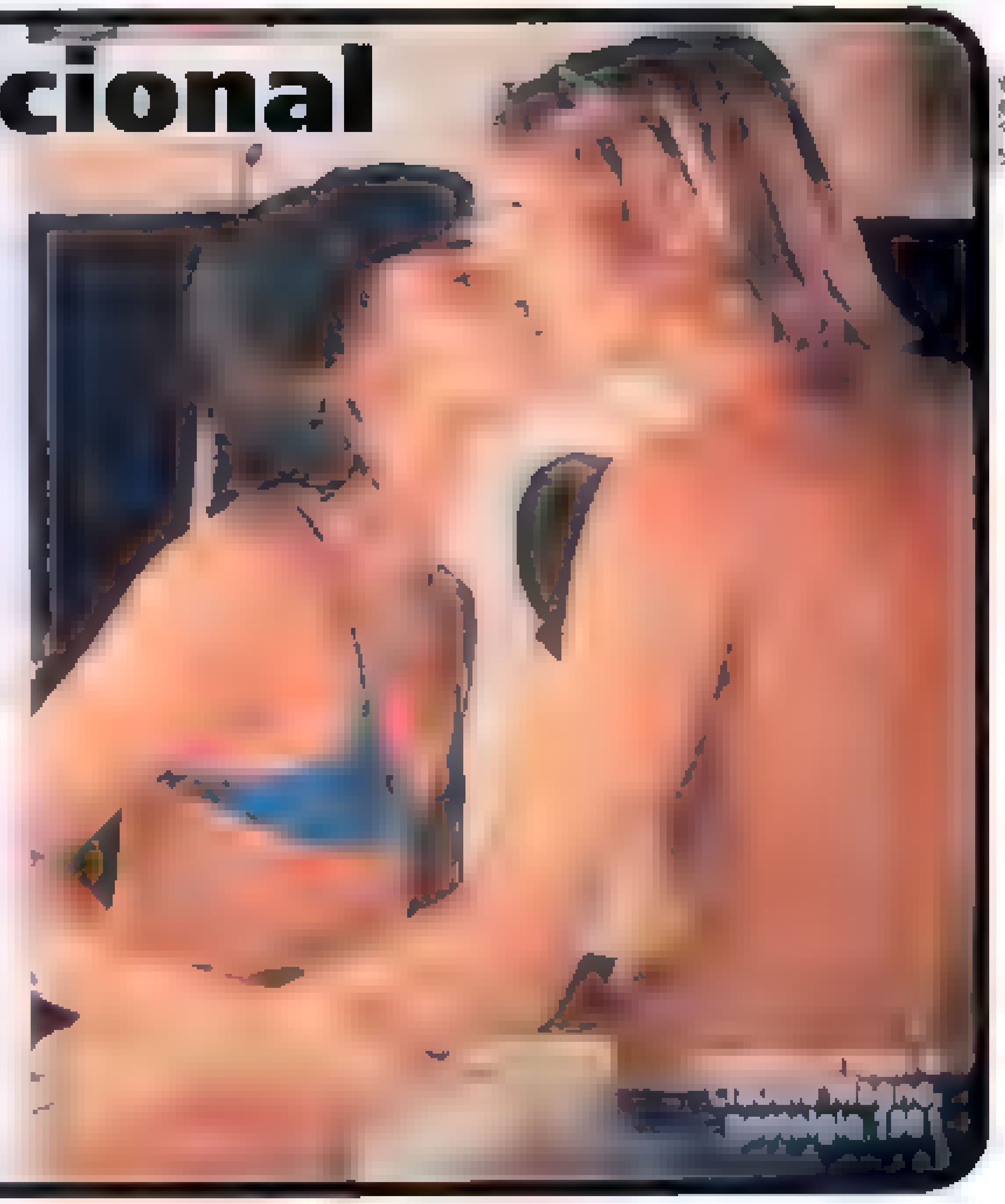
Trio veterano mostra que tem lenha para queimar

[illegible] não aparecem [illegible] novas canções, o Emerson, Lake & Palmer está de volta com mais um disco ao vivo, que inclui trechos do show *California Jam* de 1974 e dezesseis músicas gravadas na [illegible] turnê de 1997/98 e que passou pelo Brasil.

O trio [illegible] uma carreira excepcional na década de 70 [illegible] [illegible] sonora de rock erudito, jazz e virtuosismo [illegible] [illegible]. Por causa disso, espera-se que a primeira parte do CD seja a melhor. Errado! As músicas não estão inteiras! Aparecem apenas trechos, em [illegible] frustra o fã de verdade, que curte as canções [illegible] segunda parte [illegible] bem. Apesar de [illegible] a turnê recente só [illegible] [illegible] antigas [illegible] [illegible] Keith Emerson [illegible] [illegible] [illegible] rock [illegible] [illegible] no piano um novo [illegible] de som [illegible] [illegible] "Bitches Crystal" [illegible] traz algumas surpresas, como "Touch And Go" [illegible] que o falecido Cozy Powell [illegible] o baterista [illegible] Palmer no [illegible], e uma versão para "21st Century Schizoid Man", do King Crimson, antiga banda do baixista e cantor Greg Lake. Fica o buraco deixado pela ausência da íntegra do California Jam, que, segundo o próprio encarte do CD, foi um dos mais importantes shows da carreira da banda.

Helvecio Parente

Sexo, filme nacional e rock'n'roll



Cláudio Marzo em *Menino do Rio*, pornochanchada de 1981

VÁRIOS
Menino Do Rio (6) reedição
Rock Estrela (5)
Sony Music

Aviso: as trilhas desses dois exemplares do cinema "jovem" brasileiro dos anos 80 não incluem atrizes pagando peitinho, cenas de maconheirismo e Sergio Mallandro "comédia". *Menino Do Rio* (1981) pode ser lembrado por Ricardo Graça Mello com todo seu carisma: "Garota, eu vou pra Califórnia..." Mas tem coisa bem melhor: duas faixas das Go-Go's, a histórica "Perdidos Na Selva", da Gang 90, e a guitarra de Wander Taffo compensando a letra de "Garota Dourada", do Rádio Táxi. Bebel (sem assumir o Gilberto) toma um tremendo caldo.

Rock Estrela, de 1985, é para ouvir e rir: Omar E Os Cianos, Tokyo, a inacreditável "Taca A Mãe Pra Ver Se Quica", do Dr Silvana, uma sucessão de micos... Lenine deveria comprar todas as cópias para evitar que o ouvissem no grupo Xarada: "droga, droga, droga/ nós somos *dependentes* da droga" (...) "a droga desse rock que é só pra encher linguiça".

Pedro Só

Sharleen Spiteri, a doce voz do Texas

Sensualidade melódica

TEXAS
Hush (8)
Mercury/Universal

Se numa fria noite de lua cheia, Prince, Eurythmics e Abba se encontrassem para uma orgia musical... O filhote dessa história seria o Texas, banda escocesa que lança seu quinto CD tentando finalmente ter seu trabalho reconhecido fora do Reino Unido (o álbum anterior, *White On Blonde*, estourou com o single "I Don't Want A Lover" e tornou o Texas um dos grandes sucessos da década na Inglaterra – mas só lá). Eles continuam fazendo pop com elementos de rock, soul, country e blues. A voz sensual de Sharleen Spiteri dá calor a músicas que ficariam insossas se deixadas a cargo de outras intérpretes. Afinadíssima mesmo em arriscados vôos melódicos, Sharleen soa melhor explorando tons mais baixos e soltando uma certa rouquidão, como faz na faixa "Saint". A título de curiosidade, vale dedurar a neomorenice da vocalista, que na capa do CD anterior aparecia branquela como veio ao mundo, mas em *Hush* mostra um bronzeado digno das brasileiras. Como a pele de Sharleen, o som do Texas está mais curtido, mais bonito e mais sexy.
Andréa Estevam

BASEMENT JAXX
Remedy (9)
Roadrunner

Dance music com bons vocais e refrões grudentos

Há quase dez anos, uma maluca de nome Lady Miss Kier, de uma banda lendária chamada Dee-Lite (seu pai deve se lembrar), inventou um termo esquisito para definir sua música, "de-groovy". Praticamente impossível de explicar, "de-groovy" quer dizer várias coisas: dançante, diferente, hipnótico, balançante, divertido, debochado... Mas se você quiser uma tradução mais aproximada, escute *Remedy*, do Basement Jaxx. "Rendez-vu", a primeira faixa, mostra de cara que nada vai fazer alguém dançar tão feliz em 1999 quanto este disco. Mas a dupla vai mais fundo – a começar, quase todas as faixas fazem bom uso de vocais. Alguns refrões são bem bestas, como em "Yo-yo", mas outros são tão sensuais e integrados no contexto das músicas que tudo vira diversão, caso de "Red Alert". Você muito provavelmente não vai querer ficar fora da festa. Para citar mais uma vez nossa querida Lady Miss Kier, o Basement Jaxx merece um outro adjetivo: "degorgeous"!
Zeca Camargo

RED HOT CHILI PEPPERS
Californication (8)
Warner

Volta à forma com surpreendentes sutilezas

Apesar de toda a onda em torno do guitarrista Dave Navarro, os Red Hot Chili Peppers ficaram devendo em *One Hot Minute* (1995), único disco gravado pela banda com o rapaz. Agora, assentada a poeira de sua saída, a banda [illegible] a John Frusciante e ao produtor Rick Rubin e recuperou o tempo perdido. *Californication* tem [illegible] baixo e bateria ali como sempre, a bem colocada guitarra de Frusciante (que brilha em dedilhados no meio de "Scar Tissue" e da faixa-título) e os vocais de Anthony Kiedis nem tão chorões. [illegible] dá o tom ao disco, em geral angustiado e muitas vezes [illegible], com direito a [illegible] vozes em diversas faixas. Flea continua virtuoso (há faixas com mais de um baixo gravado), mas já se preocupa mais com as harmonias das canções do que com o [illegible] que consegue desferir no baixo. Além de [illegible] músicas mais cadenciadas, a banda continua boa de pulo, como se pode ver em "Get On Top" e "Easily".
Bernardo Araujo

Com a cabeça no sexo

Em *Hush*, parece que vocês se inspiraram em vários estilos diferentes...
Sharleen Spiteri: Para nós é importante ter variedade de estilos num mesmo álbum. É isso que o torna especial. Este tem muita coisa da Motown, Abba, Roxy Music, Burt Bacharach...

Várias canções têm letras sexy. É difícil escrever e cantar esse tipo de música?
Não tenho dificuldade em escrever essas músicas, em deixar as pessoas "entrarem" nos meus segredos, no meu quarto. É parte da minha vida.

Como você definiria o clima de *Hush*?
É um álbum muito sensual. Nossos trabalhos sempre refletem as coisas pelas quais estamos passando e *Hush* foi feito num momento de bem com a vida. Acho que isso transparece no álbum. Se fosse exemplificar com uma frase, seria "Vai um pouquinho mais pra lá e passa um pouco de bronzeador no meu corpo bem devagarzinho, por favor?"

Caminhos pentatônicos

SHEMEKIA COPELAND
Turn The Heat Up (9)
COREY HARRIS
Greens From The Garden (9)
KINSEY REPORT
Smoke And Steel (7)
Alligator/Abril

Shemekia Copeland, filha do guitarrista Johnny Copeland, promete ser uma das maiores vozes do blues no terceiro milênio. Exagero? Então ouça este CD de estréia, que ela gravou em 1998, com apenas 18 anos. É blues com a vibração e a intensidade do soul. A faixa-título é perfeita, com um refrão que não desgruda do ouvido. "Suspicion", "My Turn Baby" e "I Always Get My Man" são outros destaques, que incluem convidados como o cantor Joe Louis Walker e o guitarrista Michael Hill.

O violonista e cantor Corey Harris é completamente diferente, mas igualmente bom. Ele dá um *upgrade* no blues rural do início do século. Cruzamentos com reggae e rap, muita percussão, letras e falas em inglês, francês, espanhol e dialetos africanos modernizam e globalizam o som acústico de raiz. Preste atenção às letras de "Wild West" e "Basehead".

O Kinsey Report está menos pesado em seu terceiro CD, mas mantém a fusão de blues com rock, funk e reggae. A faixa "One Step Back" é cortesia de Billy Gibbons, do ZZ Top. Quem gosta de guitarras afiadas (a cargo do excelente Donald Kinsey, ex-Waslers e Peter Tosh) não vai se decepcionar.

Helton Ribeiro

Kinsey Report explora o blues balançado

TOM WAITS
Mule Variations (8)
Epitaph/Roadrunner

O blues em visão surrealista e autoral

Tom Waits está de volta à música com *Mule Variations*, seu 16º álbum, em 25 anos de carreira. O sofrimento do blues é a tônica. "The Low Side Of The Road" e "Get Behind The Mule" tiram seus títulos e climas de histórias sobre dois monstros sagrados do gênero. Leadbelly e Robert Johnson, respectivamente. "Chocolate Jesus", com participação de Charlie Musselwhite, é o mais próximo que uma gravação de 1999 conseguiu chegar das pesquisas rurais de Alan Lomax, o homem que ajudou a catalogar o blues. *Mule Variations* é o disco mais blueseiro da carreira de Tom Waits e sua feito uma fantasia *surrerurol* uma mistura de surreal e rural.

Marcel Plasse

MINISTRY
Dark Side Of The Spoon (4)
Warner – IMPORTADO

Mais um tropeço dos ex-reis do som industrial

O Ministry volta a vacilar. Depois do ótimo *Psalm 69* (1992) e do arrastado *Filth Pig* (1995) Al Jourgensen (guitarra/vocal) e Paul Barker (baixo/programação) retornam com *Dark Side Of The Spoon* e quebram [illegible] na cara.

O nome faz uma brincadeira com o lado B de *Dark Side Of The Moon*, do Pink Floyd, mas não há nada de engraçado nas canções. O clima depressivo impera do começo ao fim. A atmosfera psicodélica de "Vex And Sickness" e "Nursing Home" até que contrasta bem com o metal industrial de "Bad Blood" e "Stop", mas falta a velocidade e a atmosfera que consagraram o grupo. Errar é humano, mas persistir no erro é burrice. O futuro de Al Jourgensen e Paul Barker é incerto.

Daniel Oliveira

NAUGHTY BY NATURE
Nature's Finest (5)
Tommy Boy/Warner

Seleção com o melhor do rap arejado

Enquanto outros motes inspirados entopem as rimas de violência e apostam em monótonas batidas sofridas e climas depressivos, o trio Naughty By Nature de New Jersey, não tem medo de ser feliz – e os discos não são menos "maus" por isso. Esta coletânea mostra o resultado da conquistada explanação musical gangsta rap + soul + funk + reggae que a banda faz desde 1991. As inéditas e duas raras foram gravadas entre 1991 e 1997 – incluindo todos os clássicos do rap, "Hip Hop Hooray" e "O.P.P." estão em um sample de "ABC", do Jackson 5. "Feel My Flow", de 1995, mostra o lado mais [illegible] da banda, incluindo até flauta para deixar a coisa mais leve. Decepcionar fãs que nunca ouviram nesse estilo tradicional. De um ouvido ou de outro, é som para se perder a cara de mau.

Andréa Estevam

CIBO MATTO
Sereno Type A (9)
Warner – IMPORTADO

Japonesas mostram que sabem fazer boas de pop e balanço

Sereno Type A, novo CD do Cibo Matto, liderado por Yuka Honda (samples, teclados) e Miho Hatori (vocais, e contando com Sean Lennon em suas horas), é um trabalho de pop descontraído. A voz de Miho e as melodias vindas dos teclados de Yuka esbanjam bom gosto. Dos anos vôos do Style Council nos anos 80 um disco pop não transmitia tanta bossa-nova, não por coincidência seus momentos mais inspirados, casos de "Working For Vacation" e "King Of Silence". Elas trafegam também do cyber-rap em "Sci-Fi Wasabi" ao metal raivoso de "Blue Train", com espaço para imperdíveis baladas ("Moon Child", "Sunday Part II"). Ouça e resista, se puder.

Carlos Eduardo Oliveira

LUSCIOUS JACKSON
Electric Honey (8)
Capitol/EMI – IMPORTADO

Três garotas nova-iorquinas e um saborosa salada

Desde o início da carreira, em 1993, Jill Cunniff, Gabrielle Glaser e Kate Schellenbach vêm cozendo uma ótima mescla de pop, punk e hip-hop. Depois de lançarem para o selo Grand Royal nos Beastie Boys, e incorporarem à banda a tecladista Vivian Trimble, chegaram a abrir shows para o R.E.M. Hoje de volta à formação original (as DJ lançam seu terceiro CD e acertam a mão novamente. O disco tem pop do bom ("New Yoga Breakthrough", "Summer Daze"), funk anos 70 ("Gypsy") rap ("Alien Lover") e até country à Beck ("Country's A Callin"). E as garotas contam ainda com canjas de Debbie Blondie Harry ("Fantastic Fabulous") e da cantora country Emmylou Harris (na impagável "Ladyfingers"). Luxo e competência em altas doses.

Celso Pucci

MOBY
Play (7)
Roadrunner

Eletrônica baseada em sons de raiz

Há 300 anos, os índios americanos entoavam cantos sobrenaturais sem imaginar que um dia um branquelo chamado Moby usaria esses mesmos sons como base para um disco pop moderninho. Tirando a parte [illegible] é legal e rende boas mostras. Misturando os seus [illegible] com batidas [illegible] hip-hop e jazz, Moby consegue resultados surpreendentes como "Run On" e "Natural Blues". Tudo isso o que basta (e abunda) mais a tranquilidade de now age do que o pula-pula techno, mostrando que Moby preferiu continuar contrariando [illegible] e se tornar [illegible] eletrônica. Seu único pecado é repetir demais algumas boas batidas. As vezes, depois de três minutos, dá vontade de mudar de faixa para ver que outras surpresas o projeto [illegible] reserva.

A.E.

Muito além do baião

LUIZ GONZAGA
Verônica (9)
Revivendo

Esta coletânea chega em boa hora para marcar os dez anos da morte deste gigante da música brasileira, acontecida no dia 2 de agosto de 1989. *Verônica* demonstra duas coisas. Primeira: Gonzagão já esbanjava competência como sanfoneiro e compositor desde o início, aqui documentado em gravações da primeira fase de sua longa carreira (anos 40 e início dos 50), com um detalhe: até 1945 ele só fez discos instrumentais (ainda aqueles bolachões de 78 RPM, é claro). Segunda: o velho Lua não era somente bom de baião, tinha perfeito domínio também sobre outros ritmos, como valsa ("Verônica", dele mesmo), choro ("Escorregando" de Ernesto Nazareth), polca ("Lascando O Cano", dele e Zé Dantas), samba ("Eu Vou Mudar De Couro", com Humberto Teixeira) e até mesmo marchinha ("Véspera De São João", aliás, de seu primeirissimo disco, de 1941). Mas sendo um CD de Gonzagão, tinha de ter baião, xote, xaxado e aparentados: "Asa Branca" (na gravação original, de 1947, raramente relançada) e "Cintura Fina", que já são suficientes para você se levantar e ir buscar o disco. Curiosidade adicional: ser o mais ilustre filho da cidade pernambucana de Exu não impediu Gonzagão de gravar a valsa "Minha Guanabara", em 1942, como forma de homenagear o Rio de Janeiro, cidade que o acolhera e onde ele estruturaria sua carreira musical. Acompanha o disco um encarte explicativo, com dados biográficos de Luiz Gonzaga e informações sobre as gravações.

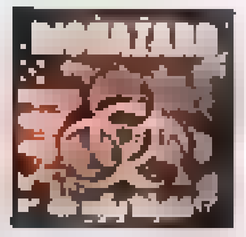
Ayrton Mugnaini Jr.

Gonzagão: gigante também em outras levadas

O Biohazard, dando aula de metal

Na base da porrada

BIOHAZARD
New World Disorder (8)
Mercury/Universal



Quem já ouviu Korn, Spineshank, Limp Bizkit, Coal Chamber ou alguma dessas bandas atualmente em alta nos EUA como o tal "novo metal", que mistura gritos histéricos, vocais de hip-hop, batidas funkeadas e texturas diferentes de guitarra? Pois chegou a chance de beber diretamente na fonte. Aos onze anos de carreira, o quarteto do Brooklyn (Nova York) Biohazard lança *New World Disorder*. A melodia passa longe de quase todas as catorze faixas do CD, uma (a faixa título) com a participação do rapper Sticky Fingaz - depois das colaborações Aerosmith/Run DMC e Anthrax/Public Enemy, o Biohazard ajudou a solidificar a união em "Judgement Day", com o grupo de rap Onyx. Os vocais são divididos entre o baixista Evan Seinfeld e o guitarrista Billy Graziadei, este muito semelhante ao chileno Tom Araya, do Slayer. Mesmo sem linha melódica nas vozes, as músicas apresentam boas variações, nas batidas suingadas *ma non troppo* da dupla Seinfeld-Danny Schuler (bateria) e nas boas combinações de guitarras entre Graziadei e Rob Echeverria, virtuose vindo do Helmet e que estréia em estúdio, após ter entrado na banda dois anos atrás.
Bernardo Araujo

Ah, a experiência...

Como foi gravar pela primeira vez com Rob?
Evan Seinfeld: Ele é um grande músico, foi importante para definir o som do disco. Sempre fomos melhores ao vivo, e acho que desta vez conseguimos captar boa parte da emoção no estúdio.

Qual a influência do Biohazard em novas bandas como o Korn e o Limp Bizkit?
Nossa influência sobre elas é óbvia. São boas bandas, mas não têm a nossa vivência em Nova York, que é impregnada da cultura hip-hop.

Vocês já lançaram um disco chamado *Mata Leão* e estão sempre com camisas de jiu-jitsu brasileiro. Qual a sua relação com o país?
Adoramos a terra de vocês e esperamos voltar aí logo. Eu posso até um dia morar aí com meu filho Samuel, correr na praia, comer em churrascarias e treinar com os Gracie. A entrevista é para rádio ou uma revista?

É para a revista SHOWBIZZ.
Um cara legal como você em uma revista com esse nome... Nós odiamos o show business.

ELVIS PRESLEY
Tiger Man (10)
RCA/BMG

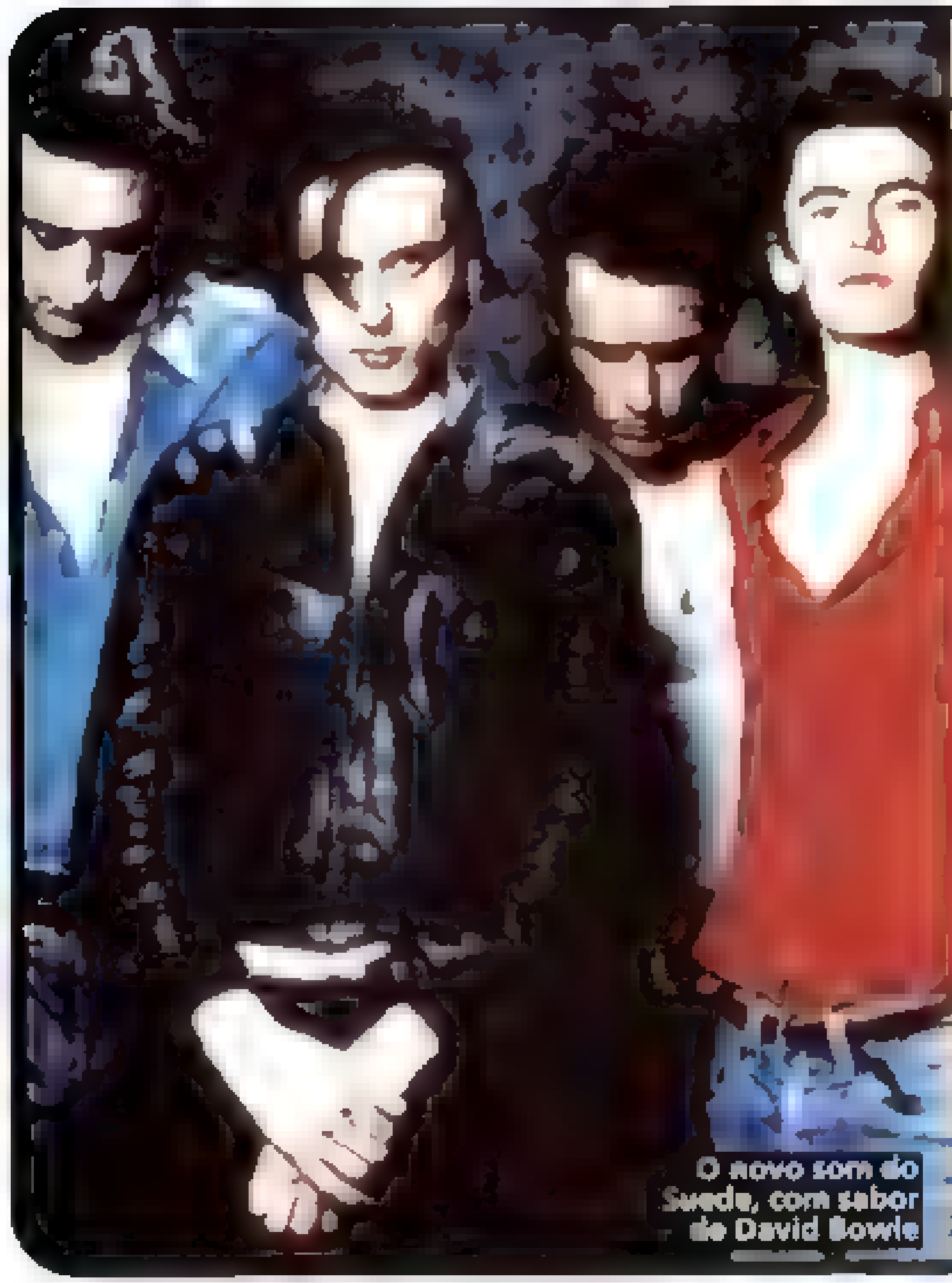
Show histórico [illegible] na íntegra

Depois de algumas edições [illegible] completa do lendário [illegible] Elvis Presley fez [illegible] de TV NBC em 1968 [illegible] com sua volta às performances [illegible] Mesmo quando [illegible] Hotel [illegible] uma pequena banda [illegible] *unplugged* [illegible] MTV [illegible] "That's All Right", "Are You Lonesome Tonight?", "Blue Suede Shoes" [illegible] [illegible] nos cassinos de Las Vegas. Mas aqui é rock na veia, e The Pelvis em estado puro.
Toninho Spessoto

FISH
Raingods With Zippos (8)
Roadrunner

[illegible] do Marillion se [illegible] progressivo

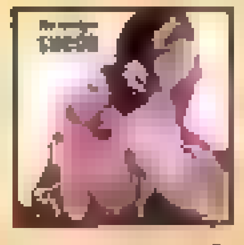
[illegible] de piano [illegible] *Dunas Du Cou* [illegible] novo disco de Derek W. Dick, o ex-lenhador [illegible] Marillion, do qual [illegible] No ano passado [illegible] [illegible] ex-Police [illegible] Steve Hackett [illegible] Dick Brox, que havia [illegible] rock progressivo [illegible] [illegible] Soul Healer [illegible] do lado da bela [illegible] da suíte [illegible] [illegible] qualquer fã do Jethro Tull.
B A



O novo som do Suede, com sabor de David Bowie

O número 1

SUEDE
Head Music (9)
Columbia/Sony IMPORTADO



O novo disco do Suede ratifica o intrínseco cordão umbilical entre a obra do grupo e a fase setentista de um certo Mr. Bowie, obra e graça do talentoso cantor/compositor Brett Anderson. Brilhante cronista urbano, ele passou a adotar refrões fáceis de cantarolar sem abrir mão do estilo angustiado que marca suas composições. Também desistiu dos floreios vocais de prima-dona para jogar o arroz-com-feijão e firmar-se de vez como o melhor gogó do rock inglês. Mas resumir o Suede a Anderson seria injusto: *Head Music* mostra um time afinado que desempenha *ambient music* irresistível ("Hi-Fi"), belas melodias ("Everything Will Flow", "He's Gone") e, principalmente, pop de primeiríssima ("Eletricity", "Savoir Faire", "Can't Get Enough", a faixa título). Ratificando a qualidade do álbum, duas arrebatadoras derivações de Bowie: o tratado de desesperança "Down" (na verdade, "Rock And Roll Suicide" - balada clássica incluída no LP *The Rise & Fall Of Ziggy Stardust*, de 1972 - versão anos 90) e o chacundum "She's In Fashion", parente de "Young Americans" (aventura soul de Bowie de 1975). Entre o experimentalismo do Blur e o comercialismo do Oasis, o Suede ocupa o alto do pódio.
Carlos Eduardo Oliveira

PAVEMENT
Terror Twilight (8)
Matador Records - IMPORTADO

Banda mostra que [illegible] faz bem ao rock

[illegible] o rock [illegible] *Terror Twilight* [illegible] do que os trabalhos anteriores da banda, por duas razões: a primeira e a mais óbvia [illegible] [illegible] a produção [illegible] Nigel Godrich (de *OK Computer*) [illegible] [illegible] *Terror Twilight* vai apresentar [illegible] [illegible] Rob Walter (The Wind) [illegible]
Jose Flávio Junior

ERLON CHAVES
Millenium (10)
Mercury/Universal

Coletânea traz um mestre do [illegible]

[illegible] O paulista [illegible] Vieira Chaves [illegible] [illegible] Quincy Jones fazia [illegible] arranjos suingadíssimos [illegible] sempre aliados a uma forte base rítmica. Aqui dá tratamento especial a pérolas como "MacArthur Park" (Jimmy Webb), "I Say A Little Prayer" (Burt Bacharach), "Menina Da Ladeira" (João Sol), "Cosa Nostra" (Jorge Ben) e [illegible] gravação original de "Eu Também Quero Mocotó".
T S.

E mais...

Trilhas de desenhos, uma coletânea com pérolas do pop alternativo, Electric Light Orchestra ao vivo, João Donato relendo clássicos de Tom Jobim...

Disco	Quem?	Como?	Funciona?
LIVE AT WINTERLAND '76 (Eagle/Roadrunner)	A Electric Light Orchestra, banda do guitarrista Jeff Lynne, que mesclava rock à Beatles com elementos de música sinfônica.	Ao vivo no Winterland, em São Francisco, EUA, no ano de 1976, durante a turnê Face The Music. Gravação inédita.	Não há como negar a competência pop da banda. É bem melhor do que *Live in Wembley '78*, que também está saindo agora e tem um som péssimo.
GRANDES SUCESSOS (Arista/BMG)	O cantor country Alan Jackson, principal atração da próxima festa do Peão de Boiadeiro que acontece este mês em Barretos (SP).	Seleção de hits, entre eles "Just Playin' Possum", "Midnight In Montgomery" e um cover de "Summertime Blues", de Eddie Cochran.	Sim, a coletânea é completa. O único senão fica por conta de "I'll Go On Loving You," dueto forçado com Leonardo. Mas o que pular a faixa...
UM LUGAR CHAMADO NOTTING HILL (Island/Universal)	Shania Twain, Boyzone, Elvis Costello, 98° e os mestres Al Green e Bill Withers.	Trilha do novo filme de Julia Roberts, com clássicos como "Ain't No Sunshine" (Bill Withers) e "How Can You Mend A Broken Heart" (Al Green).	Elvis Costello recriando "She", de Charles Aznavour é curioso, mas as babas de Boyzone e 98° desandam a maionese. Esqueça.
LIVE IN CONCERT (Som Livre)	George Benson, Earth, Wind & Fire, Marillion, INXS e Carole King, em ecletica mistura.	Ao vivo, em diferentes lugares e datas. Inclui "Never Tear Us Apart" (INXS), "Kayleigh" (Marillion) e "On Broadway" (George Benson).	Sim. É em cima do palco que o verdadeiro artista mostra do que é capaz. E o time aqui é de respeito.
TARZAN (Disney Abril)	Phil Collins (autor de todas as canções), com participação do 'N Sync em uma faixa. No CD em português, o gogó é de Ed Motta.	Trilha do novo desenho da Disney, que está arrebentando nas bilheterias em todo o mundo.	Para quem gosta de trilhas Disney e de baladões. "Thrashing The Camp", com o grupo de meninos 'N Sync, é uma animada surpresa.
[illegible] (Mercury/Universal)	Expoentes dos anos 80 – Tears For Fears, Style Council, a cultuada banda inglesa James e bons nomes do britpop atual, como Shed Seven.	Em seleção do DJ José Roberto Mahr, responsável pelo programa *Novas Tendências*, há quinze anos divulgando sons alternativos em FMs do país.	Bastante. Além de clássicos como "Tainted Love" do Soft Cell, traz faixas inéditas em CD nacional. Na turma atual, destaque para o Dodgy.
RUGRATS OS ANJINHOS (Interscope/Universal)	No Doubt com participação de Elvis Costello, Devo, o rapper Busta Rhymes, a cantora Lisa Loeb e dubladores com voz infantil.	Trilha da versão para o cinema do desenho *Os Anjinhos*, do canal a cabo Nickelodeon, com pop e hip-hop.	Em alguns casos. Os pestinhas desafiam a afinação, mas sempre se pode contar com o trabalho do Devo, por exemplo.
SÓ DANÇO SAMBA (Lumiar)	O pianista e compositor João Donato, um dos precursores da bossa nova.	Com reverência e criatividade, Donato interpreta catorze clássicos de Tom Jobim, seguindo arranjos e harmonias criados pelo próprio autor.	Claro. É impossível resistir a um repertório com maravilhas como "Corcovado", "Garota De Ipanema", "Vivo Sonhando", "Triste".
NEVER BEEN KISSED (Capitol/EMI)	Emergentes contemporâneos – Swirl 360, a banda mexicana Ozomatli, Cardigans, Semisonic – e os consagrados John Lennon e Beach Boys.	Na trilha sonora de *Nunca Fui Beijada*, filme estrelado por Drew Barrymore.	Sim. A seleção de bandas novas é de bom gosto e se soma às clássicas "Watching The Wheels", de Lennon, e "Don't Worry Baby", dos BB.

CD's POR ENCOMENDA

STUDDIO MUSIC SHOPPING

CD's • LD'S • VHS e Acessórios

Qualquer título por encomenda, nacionais e importados.

Enviamos para todo o Brasil via correio, com toda segurança.

Consulte-nos!

Visite nosso Site: www.studiomusic.com.br

E-mail: studiomusic@studiomusic.com.br

Tel.: 0XX - 11 - 6128-0041 - Tel/Fax: 0XX - 11 - 6965-7351

Tchau, radar!

Lulu Santos

Canecão, Rio de Janeiro 2/7

Lulu dosa com perfeição os hits de ontem e de anteontem

Os dois últimos espetáculos de Lulu Santos antes deste *Calendário* foram extremos [illegible] ra do cantor. Em *Liga Lá*, de 1997, ele ligava ao ápice de uma base eletrônica e divulgava um disco com versões [illegible] big beat ou algum nome assim de canções de M[illegible], [illegible] dos Mutantes. No ano seguinte ele refazia seu *entourage* [illegible] nada mais do que Dunga no baixo e Marcelo Cos[illegible] na bateria [illegible] rock, com um repertório de covers [Roberto Carlos, Cream, João Nogueira] e canções [illegible] pouco [illegible] do povão. E agora

De volta ao Canecão – onde estrelou longas temporadas na década de 80 –, Lulu surge, guitarra em punho, em meio a um cenário que representava uma casa em construção. Cenografia, luz, pouca [illegible] [illegible] o novo sucesso "Fogo De Palha". O povo, claro, cai dentro, se esbaldando até a canção seguinte, "Toda Forma De Amor". Os sucessos têm as versões encurtadas, para que a [illegible] [illegible] sem ter que ouvir longas passagens instrumentais. Não que Lulu, na guitarra, e outros músicos – [illegible] o ótimo baixista André Rodrigues e o saxofonista PC, não tenham seus momentos.

Entram apenas quatro músicas de *Calendário*, sendo que "Fogo De Palha" e "Sábado À Noite" já são sucessos. Quer dizer, o público canta e dança do início ao fim, em antigas canções empoeiradas como "Sincero" e "Sereia" ou em agitos recentes, como "Aviso Aos Navegantes", "Descobridor Dos Sete Mares" e "Dancin Days", que fecha os trabalhos.

Depois de investir muito na tecnologia e se arrepender, de insistir nas novidades e depois nas velharias, Lulu Santos parece ter deixado de lado qualquer patrulha e retornado ao posto de general da banda pop brasileira, que há vinte anos é seu e de mais ninguém.

Bernardo Araujo

Doze e RoSSi já entraram mandando "Execução Sumária"

O Câmbio Negro manda bem na fronteira rap/rock

Palavras como armas

PAVILHÃO 9 E CONVIDADOS

Palace (Sao Paulo), 9/7

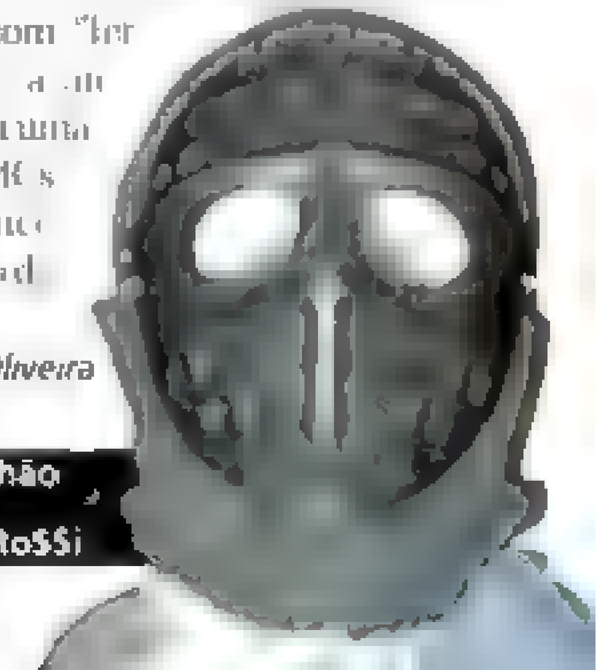
No [illegible] em Sampa [illegible] de festas [illegible] por cima feriado prolongado. Tudo conspirava para que a festa do Pavilhão [illegible] tão forte quanto o esperado. Suspeita confirmada na entrada do Palace [illegible] [illegible] em comparação ao lançamento do antecessor *Cadeia Nacional*, em 1997 (que mobilizou até cães rotweiller para "garantir a segurança" da molecada que ocupava a tradicional casa de shows da Zona Sul) [illegible] [illegible] manos ansiosos mostravam [illegible] [illegible] grupo. Que, diga-se [illegible] [illegible] estratégia raríssima no show business nacional, o CD *Se Deus Vier Que Venha Armado*, objeto da festa, era vendido pelo Pavilhão a simbólicos 5 reais.

[illegible] "âncora" da noite Primo Preto anunciou o SP Funk. Com letras e bases [illegible] o grupo [illegible] comandado pelo DJ Fresh quebrou [illegible] [illegible] mostrando [illegible] [illegible] [illegible] do rap [illegible] Pr[illegible] pesado de rappers [illegible] (Nill, DJ Loo e Wagner W. Yo, do RFW) [illegible] de sunda [illegible] [illegible] em geral. Numa apresentação [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] pagode [illegible] você [illegible] – sic – "Te VP", seus petardos mais conhecidos. Falta um CD à altura.

Isso o Câmbio Negro possui. Cartoso [illegible] [illegible] [illegible] respeito [illegible] [illegible] brasiliense (radicado em São Paulo) marcha para um dilema: é rock demais para agradar rappers puristas, e rap demais para conquistar roqueiros radicais. Ainda assim, equilibra-se num meio-termo sobre instrumental [illegible] [illegible] (destacam-se o DJ Marcelinho e o baixista Daniel) e repertório forte, que inclui boas composições como "Círculo Vicioso", "Pega A Mauna" e "Esse É Meu País". Capaz de agitar a massa como poucos MCs, o verborrágico vocalista X é desde já candidato ao troféu Tim Maia de [illegible] contra terceiros.

Enquanto na pista o público melhorava sensivelmente, nos bastidores a [illegible] [illegible] solta [illegible] faz parte da cena rapper a [illegible] [illegible] Marco e D2 [illegible] dividir os vocais com o encapuzado vocalista RoSSi em "Cada Um, Cada Dois", o *bruper* carioca não [illegible] [illegible] gravidez de sua esposa. "Vamos [illegible] nossos três discos, mas caprichando nas músicas do CD novo", adiantava o guitarrista Ortega. Aos gritos de "liberdade de [illegible]", RoSSi e Doze dividem os vocais em "Execução Sumária", detonando a primeira grande roda de pogo da noite. Ao contrário do que era hábito, a dupla atualmente descarta ataques à polícia. A bronca limita-se a letras como "Otários Fardados", espécie de palavra-de-ordem obrigatória nos shows. "Vietnã", "Retrato De São Paulo" e "Dependente" formaram um bloco à parte baseado apenas em samples e nas pick-ups do DJ Branco. Dos convidados [illegible] [illegible] Raimundo Rodolfo foi excessivamente discreto em "Mandando Brasa", ao contrário do rapper carioca Gustavo Black Alien, que roubou a cena durante "Vai Ex[illegible]". Após o clímax com "Terra De Ninguém", a [illegible] final contou com uma batalha de MCs com performance de RoSSi [illegible] uma [illegible].

Carlos Eduardo Oliveira



Um fã do Pavilhão que apareceu disfarçado de RoSSi

Você é CDmaníaco?

Suas mãos ficam frias quando você ouve um disco novo? Seu coração bate mais forte ao passar por uma loja? Cheque aqui seu grau de dependência...

1 **Para driblar um ataque de insônia, você:**
a) Conta carneirinhos
b) Arruma todos os CDs em ordem alfabética
c) Assiste ao filme *Pink Floyd - The Wall* pela 73ª vez
d) Conta notas em solos do Jimi Hendrix e Joe Satriani
e) Repete mentalmente um mantra com o nome de todos os discos de Frank Zappa

2 **Seu passatempo preferido é:**
a) Descobrir antes de todo mundo os CDs que serão lançados
b) Ligar para todas as rádios e tentar ganhar o maior número de ingressos e CDs possível
c) Tentar acertar o nome da banda, música e ano de gravação nos três primeiros segundos de cada música
d) Contar quantos sites sobre o Syd Barrett existem na Internet
e) Testar os próprios conhecimentos sobre música e se autoflagelar com três chibatadas cada vez que errar o ano de lançamento de um EP importado

3 **Sua maior frustração é:**
a) Nunca ter visto um show dos Beatles
b) A velocidade de surgimento de novas bandas ser maior do que sua capacidade de conhecê-las
c) Não conseguir alcançar os agudos do André Matos, do Angra
d) Nunca encontrar o CD que falta para completar a sua coleção do Butthole Surfers
e) Não ter conseguido o *setlist* do show do Kraftwerk mesmo tendo memorizado a ordem das músicas

4 **Quando morrer, você quer:**
a) Que os amigos pensem em você sempre que ouvirem Raul Seixas
b) Ser enterrado com a camiseta do Carcass ou do Rigor Mortis
c) Ser enterrado junto com sua coleção dos Ramones
d) Que na missa haja um coral cantando hits dos Beastie Boys
e) Que a extrema-unção seja dada sobre uma base hardcore

5 **Para você se interessar por alguém, é pré-requisito..**
a) Que ela/ele respeite quando você quiser fazer um programa a dois com seu walkman
b) Que ele/ela tenha um piercing em algum lugar do corpo
c) Que ele/ela saiba de cor a letra de "Stairway To Heaven", para cantá-la para você caso a luz acabe
d) Saber de cor a discografia importada do Pavement
e) Ter todos os singles dos Smiths

6 **Ao surfar na Internet, você:**
a) Vai direto no site da MTV para ver as notícias do dia, mês e ano
b) Fica chateado porque não encontra nenhum site sobre a sua própria banda
c) Fica horas procurando o novo single do Mogwai
d) Vara a noite navegando no fã-clube do Information Society
e) Checa doze vezes em duas horas se houve alguma mudança na formação do Iron Maiden

7 **Na sua primeira vez você:**
a) Comprou um carrossel e programou as músicas para aquele momento tão especial
b) Terminou antes da música dos Ramones que estava rolando
c) Interrompeu as preliminares para trocar de CD
d) Desanimou ao perceber que seu CD estava riscado
e) Esperou o solo de bateria para atingir o orgasmo

Margot Tsirkas

PONTUAÇÃO
Some os pontos de acordo com as alternativas escolhidas e confira o seu diagnóstico
alternativas a: 1 ponto
alternativas b: 2 pontos
alternativas c: 3 pontos
alternativas d. 4 pontos
alternativas e: 5 pontos

8 a 18 pontos: Você é normal, o que, segundo o padrão de nossos leitores, significa que você deve ter sérios problemas. Como você consegue manter a razão diante do fascinante universo da música?

19 a 28 pontos: Sua doença ainda é controlável. Mantenha-se afastado de lojas de CDs importados e piratas. Caso os sintomas se acentuem, tranque-se no banheiro e espere passar (proibido levar walkman)

29 a 40 pontos: Você é um viciado em último grau. Sua única chance de recuperação é a internação num spa, depois de dias de audição compulsória da obra completa de Gonzaguinha, talvez você consiga pegar ojeriza à música

TODA GATINHA ADORA UM SOM E A REVISTA capricia
de R$3,00 por apenas R$1,90
Toda garota pode contar com ela
Quinzenalmente nas bancas

"Fly Away"

Lenny Kravitz plana alto nas rádios e na TV com canção sobre liberdade

(Lenny Kravitz)

I wish that I could fly
Into the sky
So very high
Just like a dragonfly

I'd fly above the trees
Over the seas in all degrees
To anywhere I please

Refrão
Oh I want to get away
I want to fly away
Yeah yeah yeah

Refrão

Let's go and see the stars
The milky way or even Mars
Where it could just be ours

Let's fade into the sun
Let your spirit fly
Where we are one
Just for a little fun
Oh oh oh yeah!

Refrão

I got to get away
Feel I got to get away
Oh oh oh yeah

I want to get away
I want to fly away
Yeah with you yeah ye
Oh Yeah

Kravitz: beleza escapista

"Sair Voando"

[illegible] voar
[illegible]
Tão alto
[illegible]

Eu voaria sobre as árvores
Sobre os mares em todas
as latitudes
Para qualquer lugar que
eu quisesse

Refrão
Oh, eu quero fugir
Quero sair voando
Yeah yeah yeah

Refrão

Vamos embora e ver as estrelas
A Via Láctea ou até mesmo
Marte
Onde tudo poderia ser só nosso

Vamos desaparecer sol adentro
Deixar nosso espírito voar
Para onde nós somos um
Só por um pouco de diversão
Oh oh [illegible]

Refrão

Eu tenho que [illegible]
Sinto que [illegible] que fugir
Oh oh oh yeah

Eu quero [illegible]
Eu quero [illegible]
Yeah [illegible] yeah ye
Oh yeah

Vôo prolongado

Depois de ter dado um baita susto nos fãs ao desmaiar – por desidratação – durante um show em New Jersey no final de maio, Lenny Kravitz está de volta ao rock'n'roll. Ele andou abrindo shows para o Aerosmith, foi uma das principais atrações do festival de Glastonbury (Inglaterra) e depois emendou uma turnê pela Europa. Nos intervalos, fez o sacrifício de contracenar com Heather Graham (de *Boogie Nights*) para o videoclipe de "American Woman", cover de um velho sucesso da banda The Guess Who. A versão foi feita para embalar as palhaçadas de *Austin Powers – The Spy Who Shagged Me* e tem tudo a ver com o clima do filme, que também inclui R.E.M., Madonna e Green Day em sua trilha. Enquanto "American Woman" domina rádios gringas, a versão acústica de "Fly Away" segue bem tocada em FMs brasileiras. Gravada durante um programa de rádio em Seattle, ela substituiu a versão elétrica (do comercial de automóveis) entre as mais pedidas, dando vida mais longa ao sucesso de Kravitz.

©Miss Bessie Music/EMI VIRGIN MUSIC LTD

EntreLeitores

Este é o espaço para fazer contato com quem aprecia o mesmo som que você, vender ou trocar fotos, discos e material sobre seus artistas favoritos, procurar músicos para a sua banda, divulgar seu fã-clube, seu fanzine...

Escreva para SHOWBIZZ. Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
e-mail: showbizz atleitor@abril com br

CORRESPONDÊNCIA

Alanis Morissette: Renata Alves – Rua Miguel Gustavo, 26, ap. 401 – Vila Isabel – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20550-230

Blind Melon: Eliane Kugnharski – Rua Clóvis Bevilaqua Sobrinho, 355 - Uberaba – Curitiba, PR – CEP 81570-170

Doors: Flávio Oliveira – Rua Aderbal R. Silva, 115, ap. 601 – Centro – Itajaí, SC – CEP 88301-220

Echo & The Bunnymen: Marcelo Gomes Sampaio – Rua Pedro Álvares Cabral, Qd 22 Lt 5-A B – São Carlos – Anapolis, GO – CEP 75084-350

Guns N' Roses: Luciana e Eloísa – Rua Antônio Cidral, 106 – Joinville, SC – CEP 89210-400

Hootie & The Blowfish: Bruno Baudru – Rua Rômulo Caúma, L 41, Q 118 – Maricá, RJ – CEP 24900-000 – E-mail: willbersom@zipmail.com.br

Kid Abelha: Silvia Alice – Rua Paulo Vidigal Vicente de Oliveira, 271 Bl. A3, ap. T1 – Bairro do Limão – São Paulo, SP – CEP 02722-070

Legião Urbana: João Cirilo Neto – Conj. Cohab, Travessa W-5 179 - Icoaraí – Belém, PA – CEP 66815-120

Marilyn Manson: Julianne Menoncello – Rua George Schmidt, 294, ap. 01 – Lapa – São Paulo, SP – CEP 05074-010

Metallica: Tiago Berton Trevisan – Rua Cabo Joel Leite 565 – C.A.E. Carvalho – São Paulo, SP - CEP 08223-130

Fãs querem falar do Pearl Jam

Pearl Jam: Joel Fernandes – Rua Batista Braga, 130 – Rocha Miranda – Rio de Janeiro, RJ – CEP 21510-190 – Tel (021) 361 1197

Planet Hemp e Marcelo D2: Erivaldo Magnago Junior – Caixa Postal 505 – Paraíso do Tocantins, TO – CEP 77600-000

Simon & Garfunkel: Adalberto Luiz Santos – Rua Joaquim Antônio Santos, 399 – Lavramento – Buritama, SP – CEP 15290-000

MÚSICOS

Banda punk: Dois guitarristas bons procuram baterista e baixista com influência de Nirvana, Legião Urbana e Raimundos para trabalho sério. Tiago Gomes – Alameda Abaís, 199 – Aracaju, SE – CEP 49037-080 – Tel: (079) 243-2417

Garotas: que toquem baixo, guitarra ou bateria, para formar banda com vocal masculino. Michele Bastos – Rua Mocoim, 275 – Vila Industrial – São Paulo, SP – CEP 03250-090 – Tel: (011) 6703-6341

Hardcore: Baixista procura músicos para formar banda com influências de Agnostic Front, Biohazard, Sick Of It All e Madball. Renato Leonavicius – Rua José Vilar, 1187, ap. 502 C – Aldeota – Fortaleza, CE – CEP 60125-000

Pop rock: Baterista e baixista de 15 a 20 anos que tenham instrumentos em bom estado e residam na Zona Leste de São Paulo. Daniel Popov – Rua Coelho Neto, 262 – Vila Prudente – São Paulo, SP – CEP 03150-010 – Tel. (011) 272-1923

Rock sério: Vocalista, tecladista e guitarrista procuram baixista e baterista de Santos ou São Vicente, com 14 anos, hígar para ensaiar e influência de Iota Quest, Otávio Chiappim – Tel (013) 468-0143

Tecladista: Banda procura tecladista, de ambos os sexos, com idade entre 17 e 19, influenciado por rock 80 nacional e internacional Nirvana, Bad Religion e Stone Temple Pilots. André Omega – Rua Amoroso Costa 323/302 – Tijuca – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20530-560

Trash/Crossover: Banda Alcoholicoma procura baixista com influências pesadas para nova formação. Rua Barra do Garça, 154 – Vila Piauí – São Paulo, SP – CEP 05109-120 Tels. (011) 260-7402 e (011) 3621-7402

TROCO

Bjork por Madonna: Hudson Silva – Rua Paula Rodrigues, 250, Bl 24, ap. 63 – Jardim Puratinga – Osasco, SP – CEP 06233-030

Legião por Legião: Ingressos de shows (principalmente da turnê do V) por pôsteres cassetes e vídeos da banda Marcos Roque – Travessa Beltrão 63 casa 07 – Niterói RJ – CEP 24241-260 Tel (021) 714-8703

Vários por Aerosmith: Carla Simões Pereira – Rua Coronel Moreira César, 84, ap 601 – Icaraí – Niterói, RJ – CEP 242 00 061

PROCURO

Bush: Qualquer material, inclusive as revistas *Rolling Stone* e *Spin* com eles na capa e as SHOWBIZZ edições 138 e 144. Sara Raquel – SHIS QI 10, Conjunto 15, Casa 12 – Brasília, DF – E-mail: sarashob.notcom.com.br

Charlie Brown: cultuados em SP

Charlie Brown Jr.: Participações na MTV, *Programa Livre*, *Turma do Cultura*, *H* e *Angelica*. Rhone Caetano – Rua Herbert M. de Vasconcelos, 108 – Cidade Julia – São Paulo, SP – CEP 04421-100 – Tels. (011) 5621-2197 e (011) 5621-1148

Kiss: Procuro fã-clube da banda no Brasil. Renaldo da Costa – Rua Sá Ferreira, 172, ap 502 – Copacabana – Rio de Janeiro, RJ – CEP 22071-100

Marilyn Manson: CDs Portrait Of An American Family e Remix And Repent, matérias em revistas estrangeiras. Claudner Oliveira – Rua João Inácio Basílio, 917 – Brejo Santo, CE – CEP 63260-000 – Tel (088) 531-0020

Ramones e Sex Pistols: CDs piratas e gravações de shows. Stvhenson Moraes – Qd. 14, Cs 14, setor "A" – Valparaíso, GO – CEP 72870-000 – Tels: (061) 627-3071 e (061) 983-9637

Sheryl Crow: Reportagens, fotos e principalmente vídeos. Bruno Fernandes Luiz – Rua General A. Athayde Jr., 702, ap 102 – Champagnat – Curitiba, PR – CEP 80730-370 – Tel (041) 345-6523

Smashing Pumpkins: Dia Smashing Pumpkins e VMA's transmitidos pela MTV e matérias de Garbage, Sonic Youth, Radiohead, Drugstore, Breeders e Placebo. Juliana Silveira – Av. Dorival Cândido Luz de Oliveira, 1586, pda. 76 – Goiabatal, RS – CEP 94030-000

Soul Asylum: Revistas e material em vídeo, entrevistas, clipes e shows. Daniel Silva de Souza – Alameda Rio Branco, 900, ap. 1101 – Blumenau, SC – CEP 89010-030 – Tel: (047) 322-7748

O Soul Asylum segue com fãs

VENDO

BIZZ/SHOWBIZZ. Coleção de 1985 a 1998, em ótimo estado, por 5 reais cada. Lilian dos Santos Abdolhav – Rua Professor Saturnino, 1109 – Natal, RN – CEP 59062-310

Madonna: Várias letras traduzidas, cinco revistas com letras e reportagens, pôsteres e vários recortes. Ana Paula da Silva – Rua Maria Susano Polilo, 68 – São Miguel Paulista – São Paulo, SP – CEP 08021-300

Traduções de letras: Formada pela Universidade de Oxford, traduzo letras inglês-português/português-inglês, por 1 real mais selo. Melissa – Rua Cavendish, 2 175, ap. 52 Sumaré – São Paulo, SP – [illegible]

FÃS-CLUBES

Alanis Morissette: Thank You Alanis – Rua Democrata, 102 – São Paulo, SP – CEP 04161-060 – Tel (011) 6948 0867

Angra: Angra Official Fan Club (publicam um fanzine semestral) – Caixa Postal 608 – São Paulo, SP – CEP 01059-970

Cult: Top Cult – Rua Goiás, 1050, ap. 101 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 21380-010 – Tel (021) 578-3028 – E-mail: cult01@gpl.com.br

Green Day: Green Daze Music Fan Club – Rua 9 de Janeiro, 09 – Jardim Canhema – Diadema, SP – CEP 09941-480

Hanson: Universal Hanson Fan Club – Rua José Janarelli 210, ap. 151 – Morumbi – São Paulo, SP – CEP 05615-000 – Tel (011) 3721-7925

Iron Maiden: fã-clube virtual

Iron Maiden: Tailgunner Maidens Fã-Clube – http://fcdomaiden.cbj.net

Legião Urbana: Eternamente Legião Fã-Clube – Av. Borges Leal, 3763 – Caranazal – Santarém, PA – CEP 68040-080

Paralamas Do Sucesso: Fã-clube Oficial 9 Luas – Rua Portugal, 345 – Santa Rosa – Cuiabá MT – CEP 78040-300 Tel: (065) 626-4186

Rita Lee: Fã-Clube Agora So Falta Você – Rua Aldórico [illegible], 167 – Mata da Praia – Vitória, ES – CEP 29065-220

FANZINES

Crítica musical. *Rosebud Pop Media* – Rua João Lery, 117 – Jardim Aeroporto – São Paulo, SP – CEP 04653-030 – E-mail: rosebudpopmedia@zipmail.com.br

Música, HQ e Cinema: *AZ revista* – Rua do Exército, Bl 21, Ap. 102 – Candelária – Natal, RN – CEP 59064-100

As regras para colocar um anuncio aqui:
O espaço é grátis, mas a mensagem não deve ultrapassar quarenta palavras. Não esqueça de colocar um telefone em que você possa ser encontrado durante o dia para confirmarmos as informações e dizer se deseja que ele seja divulgado. Seu anúncio não será publicado. SHOWBIZZ não se responsabiliza pelos anúncios.

EDITORA Abril
SHOWBIZZ
[illegible]
PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL
ANER

Figurões e novatos no sobe-desce

Nacional

Comendo pela beiradinha do prato, o **Cidade Negra** chega ao topo pela primeira vez na história da parada Crowley-SHOWBIZZ. Há dois meses o quarteto carioca estava em décimo lugar, depois em terceiro e finalmente desbanca Lulu Santos e seu "Fogo De Palha" do topo do pódio. Paulo Ricardo, Jota Quest (três vezes) e Maurício Manieri são os gulosos com mais de uma música entre as vinte mais. Os Titãs, quem diria, estréiam no vigésimo lugar com uma versão de quase um ano atrás para uma canção deles de uma década de idade.

		mês anterior
1º	"Eu Também Quero Beijar" / Cidade Negra	3º
2º	"Como Se Fosse A Primeira Vez" / Paulo Ricardo	11º
3º	"Fogo De Palha" / Lulu Santos	1º
4º	"Mandrake E Os Cubanos" / Skank	5º
5º	"Zóio D Lua" / Charlie Brown Jr.	2º
6º	"Mulher De Fases (A Linda)" / Raimundos	7º
7º	"Nada A Declarar" / Ultraje A Rigor	8º
8º	"Sempre Assim" / Jota Quest	3º
9º	"Eu Que Não Amo Você" / Engenheiros Do Hawaii	10º
10º	"Minha Menina" / Maurício Manieri	6º
11º	"Canção Pra Você Viver Mais" / Pato Fu	9º
12º	"Bem Querer" / Maurício Manieri	•
13º	"Odeio" / Junk	•
14º	"O Vento" / Jota Quest	•
15º	"Maio" / Kid Abelha	15º
16º	"Dois" / Paulo Ricardo	13º
17º	"Eu Vou Estar" / Capital Inicial	12º
18º	"Resposta" / Milton Nascimento e Lô Borges	19º
19º	"Fácil" / Jota Quest	16º
20º	"Não Vou Me Adaptar" / Titãs	•

Internacional

Além do surpreendente grupo californiano Smash Mouth, caindo de pára-quedas no quarto lugar, a parada viu uma intensa movimentação de milionários do show-business internacional. Ninguém menos do que Alanis Morissette, Lauryn Hill, Sheryl Crow, Madonna e Phil Collins marcam presença, dando um toque de pop clássico à parada. No topo, para a surpresa de ninguém, continuam as **Spice Girls**, que têm em seus calcanhares o rock de Lenny Kravitz (com "Fly Away"), que subiu cinco posições até o terceiro lugar.

		mês anterior
1º	"Goodbye" / Spice Girls	1º
2º	"You Get What You Give" / New Radicals	2º
3º	"Fly Away" / Lenny Kravitz	8º
4º	"All Star" / Smash Mouth	•
5º	"Every Morning" / Sugar Ray	4º
6º	"Full Circle" / Aerosmith	13º
7º	"Never There" / Cake	5º
8º	"Livin' La Vida Loca" / Ricky Martin	7º
9º	"That I Would Be Good" / Alanis Morissette	•
10º	"Why Don't You Get A Job?" / The Offspring	3º
11º	"We Are One" / Kiss	5º
12º	"Doo Wop (That Thing)" / Lauryn Hill	•
13º	"Sweet Child O' Mine" / Sheryl Crow	•
14º	"Praise You" / Fatboy Slim	15º
15º	"Pretty Fly (For A White Guy)" / The Offspring	11º
16º	"Changes" / 2Pac Shakur	16º
17º	"Secret Smile" / Semisonic	12º
18º	"Beautiful Stranger" / Madonna	•
19º	"Maria" / Blondie	14º
20º	"You'll Be In My Heart" / Phil Collins	•

estréia

Sistema de monitoramento Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Auditoria das músicas mais ouvidas em doze rádios FM do Rio de Janeiro e doze rádios FM de São Paulo, no período de 10 de junho a 9 de julho de 1999. Os dados de audiência horária de cada estação de rádio são fornecidos pelo Ibope. CBA8 – Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Proibida a reprodução sem autorização. CBA8

Fazendo em casa

Os gravadores domésticos de CD começam a se popularizar, tomando o lugar dos cassetes

Já vai longe o tempo em que você reunia suas músicas favoritas e colocava tudo na boa e velha fitinha cassete. Hoje, os avanços tecnológicos já permitem que qualquer pessoa tenha em casa seu próprio gravador de CDs, seja ele um modelo de mesa ou um drive para ser acoplado a um computador caseiro.

No Brasil, a Philips e a Hewlett-Packard colocaram no mercado aparelhos para todos os gostos e necessidades. Os preços ainda são um pouco salgados, mas o investimento vale a pena.

Toninho Spessoto

HPCD Writer Plus 7500e/8200i

Fabricados pela Hewlett-Packard, estes drives possibilitam conexão apenas com micros PC. O modelo 8200i opera externamente e grava em velocidade quatro vezes mais rápida que o normal, ou seja, um CD de 1 hora de duração, por exemplo, é copiado em 15 minutos. Já o 7500e é interno ou externo e grava em velocidade seis vezes mais rápida (um CD de 74 minutos é gravado em cerca de 12 minutos).

Preço estimado fornecido pelo fabricante: 640 reais (os dois modelos têm o mesmo preço).

CDR 765 Philips

Este gravador de mesa, apontado por revistas especializadas como o melhor produto de áudio lançado nos EUA em 1998, tem dois drives e é muito fácil de operar. O aparelho possibilita gravação em velocidade rápida (se o disco a ser copiado for original saído de gravadora) ou normal (se for cópia de cópia), com absoluta fidelidade de áudio. Tem controle remoto, permite programação de faixas e acoplamento de fontes externas (toca discos de vinil, minidisc, microfone, rádio AM/FM ou mesmo outro CD player). Para gravação, funciona apenas com CDs virgens de áudio (não servem, portanto, aqueles que podem receber tanto áudio quanto informações do computador), mas reproduz qualquer tipo de CD. Os modelos de discos são o CD-R (que aceita uma única gravação) e o CD-RW (que pode ser apagado e regravado infinitas vezes, embora apresente o problema de poder ser rodado apenas no próprio aparelho).

Preço estimado fornecido pelo fabricante: 1 600 reais.

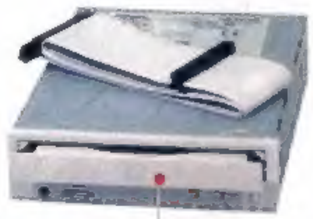
Onde encontrar

Philips – 0800-123123
(Central de Atendimento ao Consumidor)
Hewlett-Packard – 822-5565
(Centro de Informação ao Cliente – São Paulo)
0800-157751 (outras regiões)

foto: divulgação

CDs

O gravador de mesa da Philips trabalha apenas com CD-R ou CD-RW de áudio. Os discos graváveis (que aceitam só uma gravação) custam cerca de 12 reais, enquanto os regraváveis estão a 60 reais. Já os drives trabalham com CD-R ou CD-RW que podem receber 74 minutos de áudio ou 650 megabytes de informação. Os graváveis variam de 3 a 6 reais, enquanto os regraváveis ficam na cada dos 30 reais. Estes CDs mistos estão disponíveis em várias marcas, entre elas Verbatim, TDK, Sony e Philips.



CDD 4201 Philips

Este modelo de drive é de uso interno para computadores PC e aceita CD-R e CD-RW mistos. Pode ser utilizado para gravação de músicas ou armazenamento de imagens e grandes quantidades de informação (os CDs têm capacidade para 74 minutos de áudio ou 650 megabytes). Grava em velocidade quatro vezes maior, tanto de CDs industrializados para CD-R quanto de CD-R para CD-R. Vem acompanhado de cabos de conexão, um CD-R e um CD-RW.

Preço estimado fornecido pelo fabricante: 690 dólares.

Champignon, o homem-cozinha

Baixista de mão cheia, ele se auto-acompanha fazendo o som de batidas com a boca

Imagina só a cena: um moleque de 6 anos, batendo os pés no chão e berrando "eu quero, eu quero, eu quero!" A criança era Champignon (Luís Carlos Leão Duarte Jr., segundo a certidão de nascimento), do Charlie Brown Jr., e o que ele queria não era nem bala nem brinquedo, mas sim aprender a tocar violão. O pai não teve saída: colocou o menino na escola de violão clássico. O estilo dedilhado fez Champignon interessar-se por baixos e aos 10 anos ele já era baixista em sua primeira banda. "O instrumento era muito maior que eu", lembra ele, hoje com 21 anos.

Na época, o garoto já curtia Beastie Boys, Suicidal Tendencies, Guns N' Roses e Pantera. Também já treinava o que viria a ser uma de suas especialidades: o beat box. "Beat box é uma batida de hip-hop feita com a boca. Aprendi na escola estadual com a galera da periferia. No recreio, juntava uma roda de trinta moleques. Um ficava no vocal, mandando Thaíde & DJ Hum ou Racionais, o outro fazia a batida e assim por diante." Dominada a técnica, outro desafio: tocar baixo e fazer o beat box ao mesmo tempo para pode executar ao vivo músicas como "Aquela Paz". "É muito difícil coordenar tudo: é um ritmo na boca e outro no baixo. É fazer a cozinha da música sozinho", resume.

Três baixos ao mesmo tempo? Nada é impossível para Champignon

Fotos: Mônia Seadon

A coleção de Champignon inclui dois baixos que ele usa para escolher timbres no estúdio. Nos shows, toca um instrumento de cinco cordas e dois de quatro cordas (um jazz bass e outro fretless – sem traste). "Eu uso o fretless na música 'Preço Curto, Prazo Longo'. Ele é legal para músicas mais lentas, com mais sentimento." Entre os favoritos, estão um baixo de pau-rabecão – usado na faixa "12+1", do disco novo – e o queridinho baixolão (baixo acústico para tocar no colo).

"O meu vai comigo para o banheiro, para a cama, para a sala. É sempre ele", confessa.

A marca dos instrumentos, ele esconde. É sua revanche contra os representantes das marcas. "Na hora em que eu mais precisava, ninguém me ajudou. Não vou ficar divulgando esses caras agora", diz, irredutível. A falta de grana do começo da carreira lhe obrigava a recorrer a alguns truques: um deles é ferver as cordas do baixo para rejuvenescê-las depois que elas dão mostras de estar perto do fim de sua vida útil. "Tem que enrolar e colocar numa panela com água já fervendo. Deixa tudo lá por cinco minutos e depois tira uma corda de cada vez, enrolando num pano, sem deixar pegar ar gelado. Depois, aperta no pano até ficar seca e, ainda dentro do pano, estica. Fica como nova", ensina.

Champignon cita dois músicos que influenciaram o seu jeito de tocar e compor: o falecido Jaco Pastorius, fera do jazz rock – "um mito do baixo" –, e Stuart Zender, ex-baixista do Jamiroquai *[veja matéria nesta edição]*. "No nosso primeiro disco eu tive muita influência desse cara", conta. Depois pára, olha para seus "filhos" (é assim que ele chama seus instrumentos) e sorri. "Olha só eu com esse monte de baixos. Eu era tão pobre...", espanta-se, com sorriso de criança que ganhou bala e brinquedo, tudo de uma vez só.

Andrea Estevam

mate sua fome >>>>>>> de boa música!!!

conheça as novidades do selo MOTOR MUSIC

lançamentos > >

<< ANVIL FX: "LO FI GENESIS"

drum'n'bass tupiniquim
batucada eletrônica com cérebro

<< SUPERCHUNK: "COME PICK ME UP"

novo álbum em lançamento simultâneo
com os estados unidos

em catálogo > >

<< "PHYSICAL FATNESS"

super coletânea
com 17 grupos
de hardcore
californiano

<< SEAWEED: "ACTIONS AND INDICATIONS"

com a faixa
exclusiva
"everybody's ok"

<< MAN OR ASTRO-MAN?: "EEVIAC"

turnê brasileira
de lançamento
em setembro

aguarde > >

<< "DUB NARCOTIC SOUND SYSTEM MEETS THE JON SPENCER BLUES EXPLOSION IN A DANCEHALL STYLE"

<< TORTOISE: " TNT"

álbum com faixas extras da banda que
acompanhou tom zé nos estados unidos

vá até www.motormusic.com.br e
conheça os outros braços da motor - armazém musical,
produtora e distribuidora.

motor music
música como alimento

LOJA>>> Rua Pernambuco, 1.000 • Loja 10 • Savassi • Cep 30130-151 • Belo Horizonte • Minas Gerais
Fone: 0 xx 31 261 9620 • Fax: 0 xx 31 261 9509 • motor@motormusic.com.br • www.motormusic.com.br

Embaixadores do demo

Em 1986, o peso e a agressividade do **Slayer** levaram o metal a uma nova dimensão

Kerry King, Dave Lombardo, Jeff Hanneman e Tom Araya, jovens diabretes

Patrick Ptesis

Ficha técnica

Ano de lançamento: 1986
Produção: Rick Rubin
Músicas: "Angel Of Death" • "Piece By Piece" • "Necrophobic" • "Altar Of Sacrifice" • "Jesus Saves" • "Criminally Insane" • "Reborn" • "Epidemic"• "Postmortem" • "Raining Blood"

Numa época em que nem discos do Bon Jovi chegavam ao Brasil, a obra-prima do Slayer era privilégio de quem viajava ou dos sortudos que conhecessem um importador visionário. *Reign In Blood*, o quinto disco do Slayer, após *Hell Awaits* e *Show No Mercy* e os EPs *Haunting The Chapel*, *Live Undead*, nunca foi lançado por aqui. Embora a banda tenha perdido pouco de sua agressividade (apenas adicionou melodia a algumas músicas) nestes treze anos, ele permanece como o mais representativo do thrashcore do Slayer em estado puro.

Reign In Blood

Slayer

Seja bem-vindo ao mundo dos pesadelos patrocinados pelo quarteto californiano Slayer, povoado por anjos da morte, assassinos sádicos, sacrifícios e chuvas de sangue. Os temas, hoje banalizados e esgotados, causaram furor na época em que todos queriam levar o heavy metal ao extremo no binômio velocidade/agressividade.

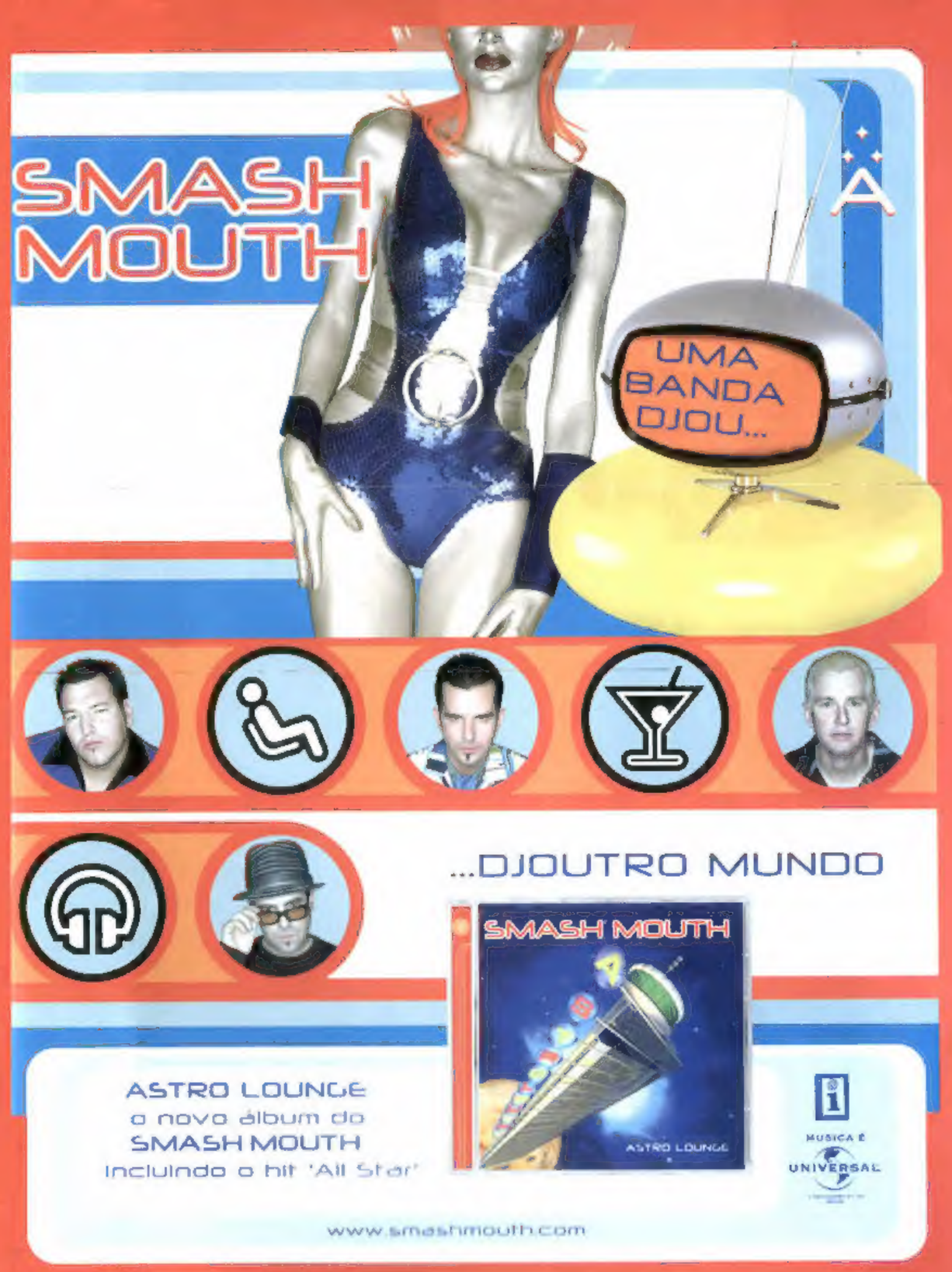
Reign In Blood, lançado em 1986, traz o Slayer na sua melhor forma com os diabólicos guitarristas Kerry King e Jeff Hanneman, o chileno Tom Araya no baixo e vocal e o tremendo baterista cubano Dave Lombardo (hoje no grupo thrash Grip Inc. e no Fantômas, do ex-cantor do Faith No More Mike Patton), impecável na técnica e rapidez. Lombardo comentou certa vez sobre a predileção de todos por hardcore – não o de Green Day ou Rancid, que receberam essa nomenclatura recentemente, mas o punk rock seco e cru dos anos 70 e 80, de gente como o Circle Jerks e o GBH – o que foi confirmado anos depois com o álbum de covers *Undisputed Attitude*, de 1996, um protesto contra o mau uso do nome. Em *Reign In Blood* a veia core se misturou ao sangue sujo de speed metal e deu no que deu: um disco de raro impacto nos ouvidos, que fez com que outras bandas à época consideradas ferozes soassem inofensivas como o Abba. Fora a maldade natural dos integrantes, outro fator que contribuiu para tamanho peso foi a produção do barbudão Rick Rubin, o descobridor do Slayer. Rick manteve toda a sujeira e ainda conseguiu dar definição a todos os instrumentos, coisa rara no gênero.

"Angel Of Death" (com alusões ao infame carrasco nazista Joseph Mengele) e "Raining Blood" garantem uma fratura exposta na cervical de tanto sacudir a cabeça. "Necrophobic", "Jesus Saves" e "Criminally Insane" consagram o estilo slayeriano que causou tanto estrago. As letras gritadas por Araya são típicas de adolescentes que querem chocar os avós e, ouvidas hoje em dia, podem parecer meio bobas. Mas isso não importa. O Slayer é um dos poucos que, até hoje, se mantêm irredutíveis na maneira de sonorizar o apocalipse, mandando às favas toda e qualquer concessão musical. *Reign In Blood* prestou um serviço ao rock pesado ampliando seus limites até a periferia do inferno.

Gastão Moreira

Raí Mombaça

"Em Reign In Blood o guitarrista Kerry King introduz um novo conceito de solo, mais livre, improvisado, que me inspirou muito para ter confiança em meus próprios solos"
Digão, guitarrista dos Raimundos



O Spread System é um amortecedor de polímeros e borracha natural desenvolvido pela Try On. A sua função é absorver o impacto, devolvendo 60% desta energia em forma de impulso. Esta performance foi comprovada em testes realizados pelo laboratório do Centro Tecnológico de Polímeros do Senai e significa que este amortecedor está entre os melhores do mercado, inclusive no comparativo com marcas internacionais.

Com o Spread System você tem um desempenho muito melhor, porque toda a vez que pisa no chão, ele protege o seu pé. Spread System Try On. A rede de proteção para a prática do seu esporte.

TRY ON Spread

Novo Try On
com Spread System.
Radical na absorção
dos impactos.